

ELIZABETH GOMES ALVARENGA

**A RELIGIOSIDADE DE
UNIVERSITÁRIOS CATÓLICOS CARISMÁTICOS EM VIÇOSA**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

**VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2002**

ELIZABETH GOMES ALVARENGA

**A RELIGIOSIDADE DE
UNIVERSITÁRIOS CATÓLICOS CARISMÁTICOS EM VIÇOSA**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 25 de Fevereiro de 2002.

Profª Alice Inês de Oliveira e Silva

Prof. José Roberto Pereira

Profª Lourdes Helena da Silva

**Profª Sheila Maria Doula
(Conselheira)**

**Profª Maria de Fátima Lopes
(Orientadora)**

AGRADECIMENTO

Ao terminar esta dissertação e lembrando-me das inúmeras dúvidas, etapas e dificuldades que percorri, não poderia deixar de agradecer a todos que, de alguma forma, contribuíram para seu resultado final.

Prof^a. Dulce Maria Viana Mindlin, pelas contribuições no início do estudo sobre religiosidade e pelo incentivo.

CAPES, pelo auxílio que me concedeu durante parte do curso.

Todos os funcionários e professores do Departamento de Economia Rural, dos quais recebi apoio e ensinamentos.

Todos os professores e funcionários do DAU, DEC e CEDAF que colaboraram para que eu pudesse realizar o trabalho pretendido.

Comitê de orientação, de modo especial à Prof^a. Sheila, que se prontificou a participar quando eu já estava no meio do caminho e que tanto contribui para sua realização, tanto pelas valiosas sugestões de leitura como pela incansável atenção.

Todos os amigos e colegas de curso que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho.

Todos os membros do PUR que se dispuseram a participar com entrevistas e informações tão valiosas para este trabalho; sem eles o trabalho não teria sido tão prazeroso.

Finalmente, àqueles que, fora do ambiente universitário, participaram do trabalho:

Ulysses, companheiro durante minha caminhada, pelo apoio, incentivo e pelas fotos que ilustram este trabalho.

Meus queridos pais e irmãos.

Agradeço, de modo especial, à minha querida filha, Victória, pela alegria que trouxe à minha vida e por ter sabido, em seu modo de ser e compreender, desculpar-me por tantos momentos ausentes dedicados ao Curso de Extensão Rural. A ela dedico este trabalho.

CONTEÚDO

RESUMO	v
ABSTRACT	vi
INTRODUÇÃO	01
METODOLOGIA	09
CAPÍTULO I - A DIVERSIDADE NO CATOLICISMO	15
1.1. A estruturação da teologia da libertação	17
1.2. A análise de Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff	25
1.3. A atuação da Igreja	29
CAPÍTULO II - UM OUTRO PERFIL DE CATÓLICOS PRATICANTES	33
2.1. A estruturação da Renovação Carismática Católica (RCC)	34
2.2. Os elementos da Renovação Carismática	37
2.2.1. Os carismas	37
2.2.2. Os grupos de oração	39
2.2.3. O batismo no Espírito Santo	41
2.3. O Projeto Universidades Renovadas (PUR)	43
2.3.1 Os grupos e as equipes (ou núcleos) do PUR	47
CAPÍTULO III - UMA MANEIRA DE SER FAMÍLIA	58
3.1. A família	60
3.2. O PUR/RCC como congregação	63
3.3. A comunidade de amor e a noção de <i>communitas</i>	66
3.3.1. O processo de purificação e o poder dos fracos	69
3.3.2. O ritual e o processo de inclusão	73
3.3.3. Os vínculos entre os membros da <i>communitas</i>	74
3.3.4. A correlação entre os valores universais e espiritualidade	75
3.3.5. A potencialidade e a qualidade existencial na <i>communitas</i>	75

CAPÍTULO IV - CONVERSÃO: AS CONDIÇÕES, O CONCEITO E A EXPERIÊNCIA	78
4.1. Do participar ao pertencer	78
4.2. Conversação: o conceito e a experiência	84
CAPÍTULO V – O ENCONTRO COM DEUS E SUAS CONSEQUÊNCIAS.	97
5.1. Os caminhos da salvação apresentados por Weber	97
5.2. O mundo numa perspectiva religiosa	104
5.2.1. A construção de mundos significativos na perspectiva de Berger	107
5.3. As mudanças provocadas pela conversão	109
5.4. O Ethos Carismático	112
5.5. Do plano individual ao social: a contaminação ou formação de corrente	113
5.6. A relação Homem-Deus	116
CAPÍTULO VI - O PROFISSIONAL DIFERENCIADO E A BUSCA DA QUALIDADE TOTAL	120
6.1. A formação de redes entre os membros do PUR	128
6.2. A idéia de ordem.....	129
CAPÍTULO VII - SEARA: UMA COMUNIDADE DE AMOR	133
7.1. O evento	134
7.2. A comunidade de amor	148
7.3. A condição do homem frente ao pecado e ao mundo	150
7.4. A reconstrução do mundo e a mudança de identidade	151
7.5. Os Rituais	152
7.6. Os ritos e a dramatização	153
7.7. O perfil do converso	157
CONCLUSÃO	159
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	165
ANEXOS	169

RESUMO

ALVARENGA, Elizabeth Gomes, M.S., Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2002. **A religiosidade de universitários católicos carismáticos em Viçosa.** Orientadora: Maria de Fátima Lopes. Conselheiros: Sheila Maria Doula e Fábio Faria Mendes.

O presente trabalho aborda a religiosidade de estudantes carismáticos católicos de Viçosa, que participam do Projeto Universidade Renovadas (PUR). Este Projeto foi idealizado por um estudante da Universidade Federal de Viçosa, durante a realização do SEARA (Encontro de Carnaval), em 1994, e corresponde à Secretaria Lucas da Renovação Carismática. Atualmente, o Projeto está implantado na maioria das universidades brasileiras e em outros países. Iniciando o estudo, apresentei uma síntese da história da Teologia da Libertação e da Renovação Carismática; movimentos distintos da Igreja Católica que se estruturaram entre as décadas de 50 e 70, bem como da história, dos objetivos e das equipes que compõem o PUR. Após a história do Projeto, procurei analisar dados os coletados no trabalho de campo, abordando os motivos de adesão ao Projeto, o processo de conversão, as práticas religiosas incentivadas no PUR e na Renovação Carismática de modo geral, bem como os possíveis desdobramentos dessa experiência religiosa para a prática cotidiana e profissional. Como instrumento para este estudo, utilizei categorias de análise apresentadas por WEBER, na literatura clássica, e por autores contemporâneos como TURNER e BERGER. Finalizando o trabalho, procurei, com base nos dados coletados, sugerir algumas características que compõem o perfil dos membros do Projeto.

ABSTRACT

ALVARENGA, Elizabeth Gomes, M.S.Universidade Federal de Vicosa, February 2002.**The religiosity of the University Charismatic Catholics in Vicosa.** Advisor: Maria de Fátima Lopes. Committee Members: Sheila Maria Doula e Fábio Faria Mendes.

This work concerns the religiosity of university charismatic catholics in Vicosa, who participate in the Renewed Universities Projects. (RUP), this project was idealized by a UFV student during a SEARA (Carnival retreat) meeting in 1994, corresponding to the LUCAS Secretary of Charismatic Renovation. this project is currently implemented at most universities in Brazil and abroad. First, a synthesis of the history of the Theology of Freedom and Charismatic Renovation - two distinct movements in the catholic church, implemented during the 1950s and 1970s -as well as the RUP history, its objectives and workteams were presented. The data collected during field work were then analyzed, covering the reasons for joining the project, the process of conversion, and the overall religious practices encouraged by RUP and Charismatic Renovation, as well as the possible outcomes of this religious experience in everyday life and professionally. Analysis cathegories presented by WEBER in the classic literature and by contemporary authors, such as Turner and Berger, were used as tools for this study. Finally, some profile characteristics of the project members were suggested, based on the collected data.

INTRODUÇÃO:

Desde o início da década de 90, quando iniciei o curso de graduação na Universidade Federal de Viçosa (UFV), era possível perceber o envolvimento de muitos estudantes em atividades religiosas dentro do “campus”, devido à divulgação das reuniões dos grupos e dos eventos organizados. Além disso, existe dentro do “campus”, numa localização privilegiada, a capela¹ que é freqüentada pelos estudantes. A capela é utilizada como sede para pequenas reuniões e para os Grupos de Oração². Diariamente são realizados cultos e no domingo é celebrada a missa, ocasião em que a capela fica repleta de estudantes, contando ainda com a presença de alguns funcionários da UFV. Nessa mesma capela, há um capelão, que faz parte do quadro de funcionários da Universidade, e que atende aos estudantes com confissões e orientação religiosa.

Um grupo que se destaca nesse movimento religioso é o ligado à Renovação Carismática Católica - RCC, pelo número de adeptos e pela diversidade e freqüência das atividades desenvolvidas: são reuniões periódicas envolvendo estudantes de graduação e de pós-graduação³, assessorias acadêmicas⁴, eventos identificados como "Experiência de Oração", “Aprofundamento”, entre outros. Acredito que o evento de maior relevância para o Movimento geral da Renovação Carismática seja o SEARA, realizado no período de carnaval e que é aberto ao público, reunindo cerca de 7.000 pessoas⁵, de várias cidades e até de outros estados. O evento é organizado pelos estudantes da UFV e pelo Movimento da Renovação Carismática Católica de Viçosa. Pelo que se pode observar, conta com a mobilização de muitos setores do Município, como o comércio e a Prefeitura Municipal de Viçosa. Pregações, músicas,

¹ Conhecida como a “Capela da UFV”.

² Os Grupos de Oração da UFV são abordados no Capítulo II.

³ Grupos que se reúnem periodicamente e com os quais entrei em contato: Semente (estudo bíblico), Perseverança, Partilha da pós-graduação, Grupos de Oração (Imaculado Coração de Maria e Cenáculo), Intercessão.

⁴ Assessoria acadêmica refere-se ao trabalho de um grupo de estudantes voluntários, ligado ao Movimento Carismático, que se oferece para ajudar colegas com dificuldades em determinadas disciplinas.

⁵ Disponível em: <http://www.pur.com.br>

testemunhos de conversão, orações e um "carnaval a Jesus" constam nas programações dos encontros⁶.

Para todos os estudantes da UFV, especialmente dos cursos de graduação, independentemente de qualquer concepção religiosa, esses eventos e reuniões não passam despercebidos, considerando a organização e divulgação: são cartazes afixados no "campus" e na cidade, reuniões, pessoas divulgando oralmente e através de pequenos panfletos no Restaurante Universitário e na Biblioteca Central, são lembretes e convites nos painéis do "campus" e nas lousas do Pavilhão de Aulas, além dos convites pessoais.

Os grupos religiosos da UFV, ligados à RCC, fazem parte de uma organização maior, em nível nacional, que é o Projeto Universidades Renovadas - PUR. Foi exatamente durante a realização do Seara (1994) que o PUR foi criado. Na ocasião, um estudante do Curso de Veterinária (UFV), em um momento de oração e “pensando como os cristãos sofrem perseguições no ambiente universitário teve o desejo de reverter este quadro, ou seja, ‘renovar’ as universidades com o espírito cristão”.⁷

De acordo com as lideranças, o Projeto consiste em "incentivar a formação de Grupos de Oração Universitários para que, ao sair da faculdade, o aluno entenda o plano de Deus na sua profissão e exerça a sua vocação profissional com dignidade, ética, respeito ao homem”⁸. Atualmente, há mais de uma centena de Grupos de Oração (GOUs) em dezenas de estados brasileiros. Segundo informações obtidas, a maioria das universidades do Brasil participam do Projeto.

Considerando que o PUR, um Programa de tão grande alcance, foi criado por estudantes desta Universidade e que sua Secretaria Nacional encontra-se atualmente sediada em Viçosa, o corpo discente da UFV coloca-se numa posição de destaque em termos de religiosidade.

⁶ Torna-se oportuno ressaltar que Viçosa tem se tornado uma cidade conhecida e atrativa no período de carnaval em virtude do SEARA. O fato de a Prefeitura investir e contribuir para a realização deste evento, ao invés de dar prioridade a festas e desfiles carnavalescos tradicionais, pode ser um sinal da relevância do evento.

⁷ Disponível em: <http://www.pur.com.br/historia.htm>

⁸ Disponível em: <http://www.pur.com.br/historia.htm>

A vivência religiosa na UFV é, desse modo, marcante na vida de muitos jovens estudantes e implica um envolvimento e dedicação nesse campo, além do acadêmico; ou seja, os estudantes passam a dividir o tempo entre as ocupações acadêmicas e as religiosas que, pelo que pude perceber, são muitas.

Nesse contexto é que surgiram as questões: a) Há um motivo comum na conversão e adesão religiosa desses estudantes? b) Como acontece a adesão ao PUR? c) Quais as mudanças de comportamento que a adesão/conversão provoca no converso?

De acordo com alguns autores, como MACHADO (1996), a tradição do grupo doméstico de origem é um dos fatores que mais influencia na religiosidade dos indivíduos. Em um trabalho realizado por esta mesma autora, com homens e mulheres inseridos em Movimentos Carismáticos e Pentecostais, os problemas familiares e conjugais foram apontados como o motivo mais freqüente para a conversão e adesão a um grupo religioso, em especial pelas mulheres. Mas será que esses fatores são também relevantes tratando-se de grupos de estudantes universitários? Essa questão emerge quando se verifica que a maioria desses estudantes estão, pelo menos geograficamente, longe dos familiares e, dessa maneira, essa influência poderia ser minimizada, embora eles carreguem em si a vivência anterior. Além disso, a maioria dos estudantes são solteiros, assim, questões conjugais também não devem ser freqüentes nesses grupos.

No trabalho realizado por SCHMIDT (1996), a igreja foi considerada pelos jovens secundaristas como a Instituição mais antiquada e, entretanto, estes mesmos jovens atribuíram grande importância à religião, pois ela seria fonte de segurança e de sentido para a vida. Desse modo, a conversão e a adesão à Igreja, ou a grupos a ela vinculados, viriam justificar e fortalecer a “existência” do homem.

Já WEBER (1982), em sua análise sobre a ética protestante, considera que a inserção de uma pessoa em uma instituição religiosa pode ser compreendida como uma busca de comprovação de determinados atributos morais. De modo que a pessoa tornando-se convertida, e agindo como tal, é julgada pela sociedade como respeitável e confiável – atributos estes importantes para o sucesso do indivíduo na vida social e profissional.

Os apontamentos feitos anteriormente sugerem alguns motivos pessoais ou internos que conduzem as pessoas à conversão e à adesão religiosa. Entretanto, certamente existem fatores externos, relacionados à doutrina, que são levados em conta pelos fiéis no momento da adesão a alguma denominação religiosa. Nesse sentido, MACHADO (1996) aponta algumas características de denominações religiosas que estão em expansão, tanto na tradição católica, quanto no protestantismo, que são: o emocionalismo, o misticismo, a leitura da bíblia, o proselitismo religioso, entre outras. Estas características, por serem recorrentes nas denominações religiosas nas quais tem havido maior número de adeptos nos últimos tempos, podem também ser pensadas como características que são consideradas pelos conversos no momento da opção religiosa.

Especificamente em relação ao Movimento Carismático Católico, MAUÉS (1998), ao estudar os papéis ou funções que o leigo desempenha dentro da comunidade religiosa, sugere que essa possibilidade do leigo desempenhar atividades religiosas é muito valorizada entre os conversos, podendo ser, não só uma característica marcante que diferencia os carismáticos dos católicos tradicionais, mas um fator que atrai e motiva a adesão de muitos fiéis. Esses papéis referem-se às atividades desenvolvidas no âmbito religioso e social, que vão desde à limpeza das igrejas, à responsabilidade pelas músicas, às pastorais, até ao desenvolvimento dos “dons” ou “carismas” pelos membros e que são entendidos como uma “tarefa”, um instrumento em favor da comunidade.

Diante desses apontamentos, surgiram outras questões: por que a Renovação Carismática tem atraído tanto os estudantes universitários, qual a justificativa para esse fato e como a prática da Renovação contribui para uma mudança de vida do adepto? Essa mudança acontece em qual campo (pessoal, profissional, social)?

Vários estudos têm sido desenvolvidos no Brasil sobre o fenômeno religioso, alguns abordando a expansão religiosa atual. O estudo aqui proposto, por meio de uma pesquisa de campo entre estudantes da Universidade Federal de Viçosa (UFV), inseridos no Projeto Universidades Renovadas (PUR), vinculado à Renovação Carismática Católica, pretende analisar o processo de conversão e adesão, bem como a prática religiosa dos membros do referido grupo e verificar

como se dá a relação entre essa prática e a vida cotidiana. Nesse sentido, ele se justifica por registrar aspectos da religiosidade atual, num contexto específico.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizadas categorias apresentadas por Weber ao abordar a “conduta significativa do ser religioso”, além de outros autores contemporâneos como BERGER e TURNER.

Tendo em vista o objetivo do estudo proposto, de buscar respostas para as questões levantadas, tornou-se imprescindível um trabalho de campo que permitisse entrar nesse mundo investigado, dialogar com seus atores, de modo a estabelecer uma aproximação entre pesquisador e os membros do PUR.

Finalizando, gostaria de registrar que para a realização desse trabalho foi necessário vencer vários desafios, um deles refere-se à dificuldade de me apropriar da teoria religiosa. O fato de não ser oferecida no Curso de Extensão Rural nenhuma disciplina direcionada para a linha de pesquisa “religiosidade”, certamente foi um dos motivos dessa dificuldade.

O trabalho foi organizado em sete capítulos, partindo das possibilidades de ser católico, passando pelos motivos da adesão, o processo e as mudanças motivadas pela conversão, finalizando com a etnografia do SEARA, evento no qual o PUR foi idealizado.

No primeiro Capítulo – A DIVERSIDADE NO CATOLICISMO - são apresentadas informações que mostram o Brasil como a maior nação católica do mundo e o catolicismo como a “religião de todos”. Alguns aspectos do catolicismo são destacados como a possibilidade de abarcar vários perfis de adeptos, de acordo com o maior ou menor comprometimento com a religião e com a Igreja (católico praticante e não praticante), bem como o leque de possibilidades de atuação para o “católico praticante”. Daí, a abordagem histórica de dois movimentos distintos dentro do catolicismo, que se estruturaram entre as décadas de 50 e 70: a Teologia da Libertação e a Renovação Carismática Católica.

A história da Teologia da Libertação também é apresentada neste Capítulo e foi construída tendo-se como principal referência o livro de IOKOI (1996). Tem-se, ainda, as contribuições de Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff quanto à elaboração teórica do Movimento.

Tendo sido feita uma apresentação da Teologia da Libertação, no segundo Capítulo - O ESPAÇO DA PESQUISA: RCC/PUR - é feita uma abordagem histórica da RCC, envolvendo os principais eventos, o que se propunha e seus elementos fundamentais, que são: Grupo de Oração, Batismo no Espírito Santo e os Carismas. Em relação ao conceito e ao significado de carisma, procuro estabelecer uma relação entre a compreensão dos atores da pesquisa e o “carisma” apresentado por Weber, em *Economia e Sociedade*.

Utilizo como fonte de informações sobre a Renovação – assim como sobre o PUR - trabalhos publicados por autores inseridos no Movimento, o livro de MACHADO (1996) e o material coletado nas entrevistas.

A partir da história da Renovação, passo à história do Projeto Universidades Renovadas (PUR): sua organização/estrutura, dimensão, leque de atividades e objetivos.

O trabalho de campo colocou em realce a unidade existente entre os participantes do Grupo Semente. Com base nessa unidade, o grupo passa a ser pensado pelos próprios membros como uma “nova forma de ser família”. Assim, busco explicitar, no Capítulo III - UMA FORMA DE SER FAMÍLIA - a noção de “família” manifestada pelos entrevistados, procurando localizar os motivos da adesão, o que ela representa e o que oferece aos conversos. Em seguida, apresento o Projeto como um todo, relacionando-o com a “Congregação”, apresentada por WEBER em *A ética protestante e o espírito capitalista*, e a *communitas* de TURNER, contando também com contribuições de BOURDIEU e LÉVI-STRAUSS.

Ao se falar em participação em grupos religiosos, numa perspectiva de construção/mudança de estilo de vida e de visão de mundo, um dos pontos centrais é o processo de conversão. A distinção entre os conceitos de adesão e conversão, de acordo com a compreensão e experiência dos entrevistados, constitui o início do Capítulo IV - CONVERSÃO: O CONCEITO E A EXPERIÊNCIA. Em seguida, com base nas entrevistas realizadas, descrevo o processo de conversão nos moldes vividos pelo converso do PUR, estabelecendo um diálogo com o “Renascimento” de Weber.

Embora os entrevistados tenham manifestado que a conversão é uma atitude consciente, voltada para a prática, quando comentaram sobre a experiência pessoal da conversão, ela se apresentou como uma experiência emocional, relacionada com o “sentir”; ao sentimento de se “ter fé”. Apesar de todos os entrevistados terem afirmado que haviam experimentado, em algum momento, o “sentimento da fé”, ele foi negado e defendeu-se como verdade inquestionável que fé independe de sentimentos. Mas esse sentimento é, muitas vezes, desejado, solicitado, necessário; e quem não o vive sente-se, de certa forma, incomodado. Também neste ponto, busco estabelecer um diálogo com a concepção de Weber sobre a fé. Para o autor, a fé vai além do “saber” e envolve o “sentir”. A fé não vai além de ter como verdadeiro, mas é uma confiança ilimitada, uma entrega pessoal a um deus especial.

A partir da conversão, espera-se uma reelaboração da relação entre o homem e a divindade que pode também dar margem a um novo modelo de relacionamento entre os homens. Como suporte para a análise dessa reelaboração feita pelos participantes do PUR, no Capítulo V - O ENCONTRO COM DEUS E SUAS CONSEQUÊNCIAS - apresento uma abordagem teórica sobre a necessidade de salvação e os caminhos para conquistá-la, de acordo com a concepção de Weber. Com este suporte teórico, busco identificar as práticas religiosas incentivadas pela Renovação Carismática. Essas práticas têm como ponto diferencial dos demais segmentos da Igreja Católica a “intimidade com Deus” ou “Batismo no Espírito Santo”, vivido sobretudo nos momentos marcantes do processo de conversão. Assim, procuro verificar como essa experiência influencia a vida do adepto, tanto em termos pessoais (em relação à própria identidade e a maneira de ver o mundo), como em termos de vida social. Para a verificação dessas mudanças na vida cotidiana do adepto, foram levantadas questões referentes à conversão em si, bem como o que diferencia o cristão e o “profissional do reino” em relação aos homens comuns.

Os membros do Projeto defendem, também, que a mudança pessoal conduz a uma mudança do outro e do todo, num processo de “contaminação” ou “corrente”. Nesse ponto, estabeleço um diálogo com BERGER, sobre a estrutura de plausibilidade como uma das formas de legitimação de verdades.

As mudanças provocadas pela conversão na esfera profissional são abordadas no Capítulo VI - O PROFISSIONAL DO REINO E A BUSCA DA QUALIDADE TOTAL - e merecem especial atenção pelo fato de o Projeto Universidades Renovadas ter como um de seus objetivos a formação do “profissional do Reino”.

De acordo com os dados obtidos, o “profissional do reino” corresponde ao profissional comprometido com a ética e que assume também a tarefa de divulgar a religião em seu local de trabalho, unindo, desse modo, profissão e missão. Nesse sentido, busco compreender os motivos que levaram à idealização do profissional com este perfil, tendo-se como pano de fundo o contexto em que os conversos estão inseridos.

No que se refere à ética, utilizo o termo de acordo com a própria concepção dos conversos.

Como ritual de adesão/conversão praticado no contexto da Renovação, no Capítulo VII – UMA COMUNIDADE DE AMOR – apresento a etnografia do evento SEARA, realizado em 2000. A partir dos dados coletados foi possível verificar semelhanças em vários pontos da prática religiosa vivida e defendida pelas lideranças do Movimento da Renovação e pelos membros do PUR, bem como alguns pontos de distanciamento. No entanto, a inclusão desses dados no presente trabalho é de grande relevância porque foi a partir de um desses encontros de carnaval que o Projeto foi idealizado.

METODOLOGIA:

De acordo com SCHIMIDT (1996), “a metodologia não se resume a um conjunto de técnicas, ela é um caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Desse modo, ela envolve teoria, técnicas e criatividade”. Nessa perspectiva, descrever a metodologia é mostrar o caminho que se pretende seguir ao longo do estudo. Caminho este que se escolhe em função do objeto pesquisado, porque são os problemas subentendidos na pesquisa que orientam e indicam um caminho para seu desvendamento.

MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

O estudo de caso será o método utilizado nesta pesquisa. De acordo com BECKER (1997), “o estudo do caso objetiva uma compreensão abrangente do grupo estudado, ou busca contribuir teoricamente sobre regularidades do processo e estruturas sociais”.

Esta pesquisa, onde se propõe trabalhar com os membros do PUR, refere-se a um estudo que tem um pólo na regularidade, tendo-se como fundo a Renovação Carismática Católica de modo geral, e outro no contexto específico, por ter como foco a prática religiosa de estudantes universitários.

FORMA DE ABORDAGEM

Para a realização deste trabalho tornou-se necessário delinear uma abordagem metodológica que permitisse resgatar a história do envolvimento dos entrevistados com a esfera religiosa, bem como as condições e as conseqüências desse envolvimento. Assim, pela própria natureza do estudo, foi adotada uma abordagem qualitativa.

A pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada e com os atores dessa

situação. Esse contato direto fundamenta-se no princípio de que as circunstâncias particulares, nas quais os objetos ou atores estão inseridos, são essenciais para que se possa entendê-los. Destaca-se, também, que a pesquisa qualitativa preocupa-se tanto com o processo como com o produto. Sobre a justificativa da adoção da pesquisa qualitativa, tem-se a contribuição de MINAYO (1999: 21/22), que diz o seguinte:

“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”

O UNIVERSO DA PESQUISA

O universo da pesquisa é composto por estudantes e ex-estudantes da UFV, que participam do PUR. Projeto este reconhecido em nível nacional, representado na maioria das universidades brasileiras através do GOU's¹.

Na proposta inicial, tinha-se como objeto de estudo os membros do grupo Semente por ser um grupo que faz parte da estrutura do PUR em Viçosa e que se reúne com maior frequência. No entanto, no decorrer da pesquisa, tornou-se necessário o envolvimento com os membros que representassem o PUR como um todo, devido à importância dos demais grupos em termos de número de participantes e por serem reconhecidos como partes fundamentais do Projeto. Desse modo, os entrevistados envolvem membros do grupo Semente e as lideranças dos demais grupos ou equipes.

Torna-se importante ressaltar que todos os membros entrevistados ou simplesmente contatados foram informados sobre a realização do presente estudo e concordaram em colaborar e em ter suas declarações registradas e identificadas. Quanto à identificação, foi adotado o uso de abreviaturas formadas pela inicial do nome (seguida pela letra subsequente nos casos de dois estudantes com nomes iniciados com a mesma letra), acrescida de “GS”, para membros do Grupo

¹ GOU's - Grupos de Oração de Universitários

Semente; ou de “L”, para as lideranças de outros grupos ou equipes; com a identificação do sexo: SF ou SM.

TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados da pesquisa combinou entrevista semi-estruturada, história oral, história de vida e observação participante nas reuniões e eventos promovidos pelos grupos religiosos em questão.

A história oral conjugada com a história de vida tópica teve como objetivo reconstruir o momento da conversão, suas condições e efeitos, a fim de auxiliar na compreensão da experiência.

Trabalhar com história oral, para LANG (1996),

“É basicamente recorrer à palavra do outro, à palavra do outro obtida em um processo de interação entre o pesquisador e o narrador, a palavra do outro gravada e transcrita que se transforma em um documento, à palavra do outro cuja análise permite responder às indagações formuladas pelo projeto de pesquisa, ou mesmo para a preservação da memória de uma sociedade e de uma época, através do testemunho dos que nela viveram.”

A entrevista semi-estruturada foi utilizada com o objetivo de estabelecer uma maior interação entre o entrevistado e o entrevistador, bem como possibilitar uma maior sistematização das informações adquiridas e necessárias ao estudo proposto. As informações colhidas durante o procedimento da entrevista foram obtidas com a utilização de um roteiro anteriormente preparado que relaciona tópicos-chaves da pesquisa, que a entrevista deveria abranger.

A observação participante em reuniões foi outro procedimento adotado com a finalidade de conhecer melhor a realidade de cada grupo. Segundo NETO (1999: 59),

“A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.”

Acredito que minha presença nas reuniões facilitou a aproximação e a confiança entre as partes (entrevistado-entrevistador), bem como permitiu

identificar e analisar a maneira como os assuntos são abordados, além de contribuir para a compreensão das práticas religiosas que são incentivadas no referido contexto.

A observação em eventos possibilitou-me perceber como os conversos se comportam diante de um público maior, às vezes desconhecido e que nem sempre compartilha as mesmas doutrinas e concepções.

A combinação das duas técnicas (observação em eventos e reuniões com as entrevistas semi-estruturadas) permitiu-me verificar o que é dito em público e vivido conjuntamente e do que é revelado num ambiente mais reservado, assim, elas se complementam.

ETAPAS DA COLETA DE DADOS

O trabalho de campo aconteceu no período de setembro de 1999 a junho de 2000, construindo-se em três procedimentos distintos, conforme descritos abaixo:

- a) Etapa 1: participação dos eventos Experiência de Oração (setembro de 1999) e SEARA (Carnaval de 2000).
- b) Etapa 2: participação nas reuniões do Grupo Semente (de segunda a quinta-feira) e, esporadicamente, nos encontros dos Grupos de Oração de Universitários (GOU's), no período de abril a junho de 2000.
- c) Etapa 3: realização das entrevistas individuais com os estudantes do Grupo Semente e com as lideranças dos demais grupos do PUR, no período de maio a junho de 2000.

Torna-se oportuno registrar que meu interesse pelo tema surgiu a partir de minha vivência na UFV. Inclusive, apesar de não ter me inserido ativamente no movimento religioso, já participei de muitas missas realizadas na Capela da Universidade. Além disso, morando no alojamento da UFV durante o Curso de graduação, pude presenciar parte da movimentação religiosa dos estudantes.

Em meus primeiros contatos com os membros do PUR, a preocupação básica era apresentar a pesquisa e, assim, justificar minha participação das reuniões e eventos, buscando equilibrar a idéia de respeito, de ausência de julgamentos pessoais e da neutralidade ou distanciamento necessário entre

pesquisador e o contexto pesquisado, sem perder de vista meu objetivo de coletar dados para serem analisados, de modo a responder às questões levantadas anteriormente. Esses foram, sem dúvida, os primeiros desafios.

Nos contatos pessoais, bem como nas entrevistas, sempre tentei deixar clara minha condição de pesquisadora. Já nas reuniões, minha participação era a mais discreta possível, assistindo a determinadas etapas como as pregações (quando era o caso) e participando de outras como as orações conjuntas e a reza do terço; eu só me apresentava ou apresentava minha pesquisa quando era necessário.

O trabalho de campo teve início após uma visita ao Escritório da Renovação Carismática de Viçosa, onde encontrei um estudante para quem apresentei minha proposta de pesquisa e pedi que, se possível, me fornecesse o nome ou forma de contato com os líderes do Grupo Semente. Assim, tive meu primeiro contato com os membros do Projeto. Tendo conhecido a então Coordenadora do referido grupo, combinei com ela de freqüentar algumas reuniões. Todos os demais membros do grupo me receberam com bastante respeito e lá tive a oportunidade de realizar as entrevistas e de estabelecer o elo com as lideranças do Projeto.

No Grupo Semente, a definição dos membros que iriam participar das entrevistas aconteceu de forma natural, cerca de duas semanas após o início de minha participação nas reuniões. Alguns membros se ofereceram para participar das entrevistas e outros foram por mim convidados. A definição dos entrevistados obedeceu também ao critério de abranger membros com diferentes níveis de participação (no sentido de desempenho de tarefas e de freqüência aos grupos e eventos do Projeto).

A partir desse contato com os membros do Grupo Semente, os nomes das lideranças foram sugeridos. As entrevistas com esses líderes aconteceram posteriormente às entrevistas do Semente.

Para se ter uma idéia geral do perfil dos entrevistados, foi construída uma tabela onde é possível identificar várias características desses estudantes como o curso da UFV em que estão matriculados, a tradição religiosa do grupo doméstico, a cidade de origem e o nível de envolvimento de cada um nos grupos/reuniões do PUR (ver anexos).

A literatura do Movimento também foi utilizada como fonte de informações e os dados coletados foram analisados, tendo-se como instrumento as categorias e explicações apresentadas por Weber, na literatura clássica, e outros autores contemporâneos como BERGER e TURNER.

CAPÍTULO I:

A DIVERSIDADE NO CATOLICISMO

“A evangelização não deveria ter por objetivo o homem interior, mas considerar o homem em sua totalidade”¹

“A diversidade dentro da Igreja romano-católica não milita contra a unidade. Apenas mostra a riqueza da unidade viva.”

Leonardo Boff

Embora no Brasil coexista uma diversidade de crenças religiosas e se defenda uma liberdade de expressão, ele é considerado uma nação católica. De acordo com BRANDÃO (1988), o Brasil é a “maior nação católica do mundo”, não só em termos geográficos como em número de adeptos. Esse fato ocasiona uma associação de identidade no sentido de que ser brasileiro significa também ser católico. A associação pode ainda ser pensada em termos numéricos, revelados por pesquisas, onde menos de 5% dos brasileiros afirmam-se “sem religião” e mais de 80% afirmam-se católicos².

O catolicismo, além de ser a religião da grande maioria, é também a “religião de todos”, no sentido de ser “socialmente a possibilidade de todas as categorias de sujeitos sociais possuírem uma mesma religião e diferenciarem-se, no seu interior, modalidades próprias de sua religiosidade”.³ Tal como o povo brasileiro o vive, o catolicismo apresenta-se com uma diversidade de modos de ser que legitimam uma equivalente pluralidade de participação: o católico pode ser simplesmente um católico ou um católico praticante. A maioria diz “ser católico”, o que corresponde a ter “sido incorporado por tradições familiares e, pela própria flexibilidade, se reconhece sendo, sem o envolvimento de quem se afirma praticante.” Os membros desses grupos acreditam que, a seu modo, estão

¹ IOKOI (1996: 59)

² Censo de 2000, segundo o banco de dados do IBGE (Disponível em www.sidra.ibge.gov.br)

³ BRANDÃO (1988: 47)

incluídos legitimamente na vida da Igreja. Desde que tenham sido batizados, e em muitos casos, somente por isso, podem se identificar como católicos.

O católico praticante, por sua vez, além de ser batizado, o que já legitimaria sua identificação como católico, reafirma sua crença ou converte-se. Essa variação, em relação ao católico tradicional, constrói, no processo de transformação do sujeito pela religião, uma identidade que tem a religião como um dos critérios determinantes de sua diferença, nos vários aspectos da vida pessoal e social.

Esse tipo de católico corresponde ao fiel, cujas práticas religiosas acentuam uma obediência às recomendações da Igreja, as quais os católicos não praticantes se sentem desobrigados. As formas de ser católico diferenciam-se basicamente pelo critério de se considerar como “sendo” da religião, mesmo sem ter uma prática, ou de se reconhecer como da religião, por estar “praticando”.

Além de o catolicismo abarcar vários perfis de adeptos de acordo com o maior ou menor comprometimento com a religião e com a Igreja, o catolicismo também permite um leque de possibilidades para a atuação dos “católicos praticantes”.

Com o intuito de compreender o surgimento e estruturação de dois movimentos distintos dentro do catolicismo, que legitimam diferentes formas de atuação, é apresentada uma abordagem histórica da trajetória da Igreja Católica. Essa abordagem tem como objetivo fornecer informações para a compreensão das bases da estruturação da Teologia da Libertação e da Renovação Carismática Católica (RCC), que é o movimento no qual está inserida a unidade de análise deste estudo: o Projeto Universidades Renovadas (PUR). Não se trata de um trabalho com objetivo comparativo, somente a apresentação de formas diferentes de se conceber a prática religiosa católica, num período compreendido entre as décadas de 50 e 70, que contou com a adesão de jovens, com concepções distintas de atitudes motivadas pelo sagrado. Aqui, são apresentadas formas diferentes de entendimento, de uma mesma fonte, tendo como ponto de distinção a necessidade e o desejo de se buscar, por um lado, uma prática nova e atual que valoriza o contexto e luta pela libertação do homem integral; por outro, o desejo de tornar atemporais certas práticas, buscando o reavivamento de manifestações

bíblicas, visando a libertação espiritual. Com base nessas duas tendências, procuro perceber a influência da prática religiosa para a mudança de vida nas esferas individual e em sociedade.

1.1. A estruturação da teologia da libertação:

As igrejas cristãs da América Latina, apesar de já bem estruturadas em termos de tradição e hierarquia, só ganharam a “maioridade” no século XX, como consequência da expansão mundial. Esse trabalho missionário incentivou os diferentes grupos na busca de uma auto-realização e integração da Igreja nas culturas locais. Segundo IOKOI (1996: 22): “essa necessidade de auto-realização permitiu o afloramento da defesa do pluralismo dentro da característica unidade da igreja universal”.

O processo de emancipação política que emergiu a partir de 1945, quando a Igreja se desvinculou da Igreja européia, já se instaurava no cenário mundial e conduzia diferentes grupos a questionamentos e à adoção de novas formas de agir, em busca da valorização de suas identidades. Nesse mesmo período, no Brasil, acontecia um afastamento da população em relação às práticas religiosas tradicionais. Havia também um movimento religioso, com origem nos Estados Unidos e na Europa, que aproximava católicos e protestantes e que também almejava uma liberdade religiosa. Todos esses fatores serviram como estímulo à discussão e confirmação da necessidade de se ampliar e legitimar uma nova prática religiosa que abarcasse o pluralismo e o diálogo.

IOKOI (1996) desenvolveu um trabalho sobre a Teologia da Libertação e sua influência social no campo e o presente estudo tem como uma das fontes de informação esse trabalho. Nesse estudo, ela aborda as condições históricas e os eventos marcantes do período da estruturação da Teologia da Libertação. De acordo com a autora, o processo de auto-identidade e conseqüentemente auto-realização, permitiu que o pluralismo existente dentro da igreja se mostrasse. Estabelecido o diálogo (entre Igreja e cultura local), ampliaram-se as formas de compreender e de colocar em prática a “palavra de Deus”, em relação aos homens e ao mundo, provocando uma participação mais ativa da Igreja nas várias

esferas da vida social e humana. Assim, a constatação de coexistir, dentro do catolicismo, movimentos distintos permitiu a aceitação da hipótese de,

“O catolicismo se expressar de diferentes maneiras (...) e que essa expressão singular permitiria a reflexão sobre a auto-identificação nacional e a constituição de novas possibilidades da existência da Igreja. Alteraram-se desde então ritos e símbolos, ou explicitaram-se práticas já existentes”. (IOKOI, 1996: 22-23)⁴

Com base nessa nova visão que considera as várias formas de manifestação, unida ao objetivo de impulsionar as novas reflexões e estimular o desejo de liberdade, de modo a garantir a pluralidade, já constatada e agora respeitada com bases religiosas, percebeu-se a necessidade da criação das Conferências Episcopais Nacionais.

Nesse momento, quando se propunha uma maior inserção social da Igreja, surge a dificuldade de embasar teologicamente as transformações que se faziam necessárias. De modo que,

“Era preciso ampliar a ação na compreensão das culturas inspiradas pelas religiões não cristãs, mas também encontrar os verdadeiros valores religiosos, obscurecidos pelo Cristianismo, e incorporá-los como valores religiosos que possibilitassem o encontro do homem com Deus”. (IOKOI, 1996: 23)

No entanto, essas novas proposições não foram concebidas de maneira homogênea pelos leigos, sequer pela hierarquia da Igreja Católica, o que ocasionou um processo de tensão. Esse novo modo de olhar que estava sendo construído, como descreve IOKOI, baseava-se em “uma concepção que não separa a ‘palavra de Deus’ de sua relação com o homem concreto e analisa o desenvolvimento humano nos seus múltiplos aspectos – econômico, político, cultural, religioso (IOKOI, 1996: 23).

Além do reconhecimento da pluralidade e do desejo de conhecer o homem em todas as esferas de sua realidade, a Igreja, voltando o seu olhar para as classes subalternas, descobriu as condições sub-humanas nas quais elas estavam imersas.

⁴ A substituição do latim pelo vernáculo, no rito romano, as diferentes expressões de adoração que se constituíram como elementos estruturais das diferentes culturas têm sido, de maneira geral, aceitos como novas formas de expressão. (IOKOI, 1996:23)

A partir desse momento, abriu-se espaço para discussões sobre a necessidade de se rever os conceitos de crescimento e desenvolvimento, defendidos pelas classes dominantes e muitas vezes compartilhados com a hierarquia da Igreja. Desse modo, os anos 50 foram marcados por um debate intelectual desses conceitos, entre religiosos e laicos, buscando distinguir os parâmetros de macroeconomia e da realidade cotidiana, bem como os pontos em comum e os de estrangulamento das duas versões.

Nesse processo de discussão, tornou-se evidente que a sociedade não era um todo harmonioso, como a Igreja concebia. “Tal constatação abalou a hierarquia eclesiástica e apontou uma inversão de valores, onde a igreja se coloca como serva e pobre.”

“Ocorreu como consequência, mudanças profundas na relação ciência e fé. (...) Essa aproximação efetiva conduziu a ação da Igreja na busca de soluções para os problemas humanos e estimulou a criação e o apoio financeiro para inúmeros projetos de pesquisa, cujo objetivo central seria conhecer e criar soluções aos desafios que envolvem a luta pela libertação do homem. Consciência e autenticidade passam a ser os temas centrais.” (IOKOI, 1996: 24)

Nesse contexto, o centro da ação já não era mais a Igreja em abstrato, mas as pessoas, concretas. A Igreja passa a aceitar contestações e a assumir o desejo de denunciar as injustiças e a tomar o partido dos mais fracos, colocando-se “como uma instituição aberta a todos e também solidária com o protesto dos pobres, humilhados e ofendidos.”⁵

Com a visão clara das condições de vida das classes baixas e com a revisão de conceitos, iniciou-se uma nova fase do processo de renovação que teve como foco de atenção e orientação as necessidades locais, ou de grupos específicos. Como instrumento contou-se com a criatividade dos agentes locais. A tarefa central desses agentes era

“A criação da motivação da necessidade para lutar conjuntamente pela liberdade do homem, como algo necessário e ‘que não mais deveria seguir modelos e, sim, buscar os valores (o que é importante para a vida), não por

⁵ No Brasil, entre outros países, esse comprometimento encontrou maior significado entre populações rurais. (IOKOI, 1996:25)

serem uniformes, mas por servirem de forma menos fixa, menos imóvel, mais viva e em devir', para a realização da felicidade." (IOKOI, 1996: 24).

A realidade dessa nova teologia apresentou conceitos, instrumentos de ação e objetivos distintos dos até então defendidos pela Igreja. O arcabouço teórico dessa nova realidade passou a aproximar teólogos, estudantes e cientistas sociais que passaram a definir ações nos diferentes setores da sociedade. Com essa nova visão da Igreja, com uma prática voltada ao social, tornou-se necessário que ela passasse por um processo de repensar e reelaborar os conceitos necessários à sua proposta de atuação que considera o homem como uma unidade indissolúvel, "corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade".⁶

Outro passo marcante na revisão da prática religiosa aconteceu por volta de 1960 quando a Igreja estabelece sua inserção social em novos limites, assumindo que "não basta ajudar o pobre, é preciso participar, até onde for possível, de sua sorte."⁷ Foi nesse contexto, que as pastorais foram criadas buscando encontrar novas formas de atuação para se colocar a mensagem evangélica, considerando as realidades específicas. Nessa discussão, Gustavo Gutiérrez, em 1964, expôs sua compreensão de que a pastoral se apóia em dois elementos básicos: a realidade e a teologia - "a realidade na qual a Igreja atua, com as exigências que se lhe impõem e às quais ela deve responder; e a teologia, a inteligência da fé, ou seja, as exigências evangélicas, a crítica dessa atuação em função da palavra revelada."⁸

O processo de discussão instalado abriu espaço para a contradição das classes conservadoras, progressistas e a hierarquia eclesiástica. Enquanto o setor conservador criticava a *Popolorum Progressio* (1967), o setor progressista se entusiasmava por ela. Na ocasião, Dom. Hélder Câmara⁹, então Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro e secretário da CNBB, manifestou-se apoiando a Encíclica em vários pontos, dentre os quais se destacam os seguintes:

⁶ IOKOI (1996:26)

⁷ Declaração foi feita por Pio XI. A solidariedade de classes, que constitui um dos pontos-chaves do marxismo, aqui se relaciona com um novo sentido para o termo liberdade, que passa a abarcar a dimensão de liberdade moral.

⁸ IOKOI (1996:26)

⁹ Durante os vinte anos em que foi arcebispo de Recife, Dom Hélder apoiou ativamente os movimentos sociais, tendo mais de uma vez enfrentado a polícia em favelas ou áreas urbanas. (In: Atenção!, 1996:21)

“Elogiou a criação de uma comissão de justiça e paz pelo pontífice e propõe a criação de uma similar no Brasil. Combateu vigorosamente a alienação da Igreja diante dos problemas do direito de propriedade e da renda, considerando a necessidade de enfrentar essa questão (...). Considerava necessário lutar pelo desenvolvimento integral do homem, para que ele pudesse fazer mais, conhecer mais, ter mais, para ser mais. Considerava necessário lembrar que, pela vontade do Pai, o homem tinha de ser agente da sua própria história.” (IOKOI, 1996: 32)

Nessas discussões, o tema da libertação do homem aparecia tanto na reflexão dos teólogos como dos marxistas. Iniciava-se um percurso no qual a felicidade do homem e sua liberdade tornavam-se as condições da comprovação da revelação. Esse movimento contou com o explícito apoio do Papa Paulo VI, ao declarar que “é preferível errar a continuar na inatividade diante dos desvios da fé e o abandono da ação pastoral” (IOKOI, 1996: 34). O CELAM¹⁰ (Conselho Episcopal Latino-americano) respondeu ao discurso do Papa e definiu a seguinte plataforma de ação: “empreender uma reflexão teológica que partisse do conhecimento do real; promover a renovação profunda das mentalidades; favorecer e estimular todas as reformas de estrutura exigidas para maior integração do povo de Deus, na vida política, econômica, social e cultural (...)”.

Dentro da Igreja, já existiam grupos de frades engajados politicamente. Com isso, tornava-se urgente a legitimação da Igreja pelo povo de Deus, por meio de uma rearticulação da fé e da constituição de uma nova teologia que pudesse ir ao encontro das necessidades populares. Nesse contexto, encontros e reuniões da hierarquia religiosa aconteceram visando essa legitimação.

Um dos eventos mais importantes dentro da trajetória dessa nova concepção teológica aconteceu em Medellín, em 1968.

“Nesse encontro, a Igreja progressista impôs sua análise, como elemento central nas tarefas da Igreja, depois do Concílio Vaticano II, e das suas conclusões iniciou-se um fértil período de produção teórica, que envolveu o Cristianismo e culminou na estruturação da Teologia da Libertação e na Teologia da Terra.” (IOKOI, 1996:16)

¹⁰ De acordo com Boff, atualmente o CELAM é totalmente dócil e submisso às vontades curiais.

Na ocasião, foi possível ao Episcopado Católico da América Latina organizar um plano comum de ação pastoral. O plano de ação estimulou numerosas pesquisas revelando o conhecimento da realidade vivida pela população pobre; desse modo, “foi possível planejar as respostas pastorais mais adequadas à estratégia da luta pela liberdade dos oprimidos.”¹¹

Após Medellín, modificou-se a relação entre Igreja Católica com as demais Igrejas, de modo a recuperar a solidariedade e a fraternidade no atendimento aos oprimidos.

O envolvimento dos cristãos na luta contra as desigualdades, a opressão e a miséria passou a ser tarefa política e religiosa, e, desse modo, a libertação proposta se definia nos termos do evangelho como libertação total do homem, em todas as dimensões da vida social, econômica, política e religiosa.

No Brasil, a CNBB procurou coordenar trabalhos pastorais estimulando a reflexão sobre Medellín. Essa coordenação visava estimular a pesquisa e promover maior conhecimento da realidade brasileira. As regionais pastorais também formaram grupos de leigos, órgãos anexos à CNBB para assumirem tarefas temporais. Inclusive, na 8ª Reunião da CNBB, realizada em 05/67, definiu-se a necessidade de implementação da educação de base por iniciativa dos leigos, “sem esperar passivamente ordens e diretrizes para a sua realização.” Os documentos da CNBB colocavam religiosos e leigos como a JOC (Juventude Operária Católica), JUC (Juventude Universitária Católica) e o MEB (Movimento de Educação de Base) diante de tarefas organizativas nos movimentos dos trabalhadores, que desde 1960, atuavam em várias regiões do país (IOKOI, 1996: 35).

Nesse momento, a Teologia da Libertação era uma realidade em discussão no seio da Igreja Mundial. Pela primeira vez a Igreja Latino-Americana conseguia formular uma teologia adequada à realidade concreta de sua ação pastoral. Ela se transformou numa nova maneira de colocar o humanismo cristão e a ética como elementos centrais da vida comunitária e da evangelização.

Dois documentos marcaram profundamente as mudanças em questão: em 1967 uma carta dos bispos, na qual se ampliava e enfatizava a necessidade de

¹¹ IOKOI (1996: 45)

trabalho social, afirmando que “o profeta não expõe doutrinas, mas cria”. O outro momento marcante foi em 1968, quando o Papa Paulo VI convocava uma Conferência Episcopal Nacional, cujo documento base foi preparado pelo CELAM que analisava os problemas do continente, enfatizando as injustiças estruturais em relação à pessoa e à ausência de respeito aos direitos humanos. Este documento, concluía que:

“A pobreza do latino-americano estava marcada pela dependência econômica e pela injustiça institucionalizada que, para os participantes dos grupos de trabalho, se enquistavam nas estruturas econômicas, sociais e políticas dos vários países do continente. A necessidade de libertar os homens da violência e injustiças institucionalizadas dava o tom central aos dezesseis documentos produzidos nas comissões.

A liberdade proposta definia-se nos termos do evangelho como a libertação integral do homem. Buscando a realização dos seus valores, em todas as dimensões da vida: sociais, econômicas, políticas religiosas (...)

A luta pela justiça e pela paz, por meio de greves, marchas, etc., foi considerado o caminho necessário para o encontro com o reino, e a omissão, ou mesmo a indiferença, posições insuportáveis que nesse sentido deviam ser extirpadas.” (IOKOI, 1996: 45)

Visando dar continuidade às decisões de Medellín, o Conselho Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) procurou organizar e coordenar os trabalhos pastorais. Para isso, tinha-se claro que era preciso conhecer a realidade brasileira. Nesse sentido, iniciou-se um processo de trabalhos onde cada regional estudava a sua realidade específica.

Com o avanço dos trabalhos, as regionais passaram também a organizar grupos leigos que interagiam com a CNBB, como a Comissão de Justiça e Paz e a Comissão Pastoral da Terra, entre outros, para assumirem tarefas temporais. Depois de Medellín, foram criadas as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que constituíram um outro fator na modernização da Igreja, tendo como característica principal “a leitura da bíblia pela ótica da luta contra a opressão, relacionando-a com a realidade das populações carentes”¹². Essas comunidades tinham como objetivo promover a união entre as camadas populares e a Igreja.

IOKOI (1996: 47) faz a seguinte análise sobre o surgimento das CEB's:

¹² MATEOS (1996: 21)

“As CEBs se constituíram, a parti daí, num fenômeno significativo tanto para a compreensão dos movimentos populares e seu significado tanto para a compreensão do processo de renovação da Igreja Católica e da religiosidade popular. Realizou-se por sua ação a transformação dialética das manifestações populares que adquiram um novo significado, uma vez que o sagrado e a luta política não estavam mais separados, mas unidos, como instrumento de liberdade sobre a religiosidade popular, entendida nesse sentido por sua manifestação cultural própria, diferente e legítima.”

Em 1978, o Papa Karol Wojtyla recomendava a retomada da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* que considerava que “a igreja deve ser construída voltada para o povo de Deus.” Essa diretriz foi complementada pela compreensão do Papa de que a “evangelização não deveria ter por objetivo o homem interior, mas considerar o homem em sua totalidade”.¹³

Em dezembro deste mesmo ano, o Papa Paulo II reuniu-se com o CELAM e decidiu viajar para a América Latina, onde aproximou-se mais do povo, criando uma imagem popular de si. Em janeiro de 1979, ele fez a abertura da Conferência do CELAM, ocasião em que,

“Fez duras críticas aos excessos dentro da Igreja, mas, (...) apoiou a aproximação com os ‘deserdados, doentes, presos, famintos, solitários (...)’ Ao citar em seu discurso Lucas, Mateus e Marcos, aceitara (...) os pilares da Teologia da Libertação...” (IOKOI, 1996: 59)

Os grupos opositores manifestaram sua posição e questionamentos, principalmente sobre o risco de se reduzir a ação evangelizadora ao material e temporal, passando a segundo plano as ações visando o espiritual. Nesse sentido, buscavam anular as decisões de Medellín (1968) e, para isso, em 1979, o episcopado latino-americano reuniu-se em Puebla. No entanto, neste evento, as decisões de Medellín foram reforçadas e o documento de Puebla esclarecia a questão argumentando que a salvação da dor é também atribuição dos cristãos e que os pobres sofrem, sendo preciso uma evangelização concreta, atuando no plano da sociedade real, em todas as suas esferas, inclusive na política e na

¹³ IOKOI (1996: 59)

econômica. Na relação com os pobres, um dos pontos referia-se à recomendação de que

“Se realize uma evangelização concreta, e para isso deve-se atuar no plano da sociedade real, concreta, política. Daí a aproximação, entre os evangelizadores e as organizações políticas da América Latina. O outro é que a opção preferencial pelos pobres os aproxima dos movimentos populares, de índios, negros, mulheres, sem-terra, etc.” (IOKOI, 1996: 61)

O documento também reafirmava a necessidade de atrair os jovens para a Igreja, pensamento este já manifestado pelo Papa João Paulo II. O documento ainda definia que:

“Evangelizar significava proclamar e realizar a Palavra de Deus, na luta pela superação de miséria e pobreza do povo de Deus. Essa prática revolucionária é a um só tempo conversão do coração, edificação da Igreja pela transformação das estruturas que determinam as violentas condições de vida do povo.”¹⁴

A autora comenta que

“O povo de Deus foi valorizado por essa teologia, por sua busca incessante, por sua presença como ‘fermento’ do mundo e por ser signo e instrumento da união do homem com Deus e dos homens entre si. A dimensão comunitária se estabeleceu, por considerarem a todos filhos do mesmo Pai e irmãos em Cristo. Assim, todos são evangelizadores simultaneamente. Isso porque a salvação está em Cristo, tornando todo o povo de Deus sujeito e objeto ao mesmo tempo.”(IOKOI, 1996: 63)

Na abordagem apresentada, tendo como subsídio o trabalho de IOKOI, torna-se incontestável a possibilidade que os sujeitos possuem de modificar e adaptar aspectos da doutrina e da prática religiosa de acordo com a realidade na qual estão inseridos. O documento de Puebla significou um marco na reflexão contra o dogmatismo e a favor da compreensão de um homem completo: razão, sentimentos e crenças, que luta por uma superação sócio-política e cultural, onde a liberdade adquire novos instrumentos e significados.

1.2. A análise de Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff:

¹⁴ IOKOI (1996:59)

Na elaboração/compreensão teórica desse Movimento, dois nomes destacam-se na maneira de tratar a realidade da nova teologia: Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff, que buscam maneiras distintas de realizar a superação de conceitos antigos e de propor as bases para a nova teologia.

Gustavo Gutiérrez é teólogo, filósofo e psicólogo peruano, considerado por muitos como o pai da Teologia da Libertação. Em 1971, publicou *Teología de la liberación* – primeira sistematização teórica do movimento¹⁵. Para ele, a fé não é afirmação de verdades, mas, um comprometimento diante da realidade. Com essa forma de entendimento, a relação homem/Deus se estabelece por caminhos que envolvem, sobretudo, a redescoberta da caridade como o centro da vida cristã, deixando para trás a busca de uma atitude de contemplação.

Há na concepção de Gutiérrez, uma relação explícita entre prática religiosa e revolução social,

“Entendida como necessidade histórica para a constituição do homem livre e do ser cristão. Estar com Deus, para ele, significa buscar a trilha da revolução social, entendida como libertação total.(...) Não se trata mais da negação do presente ou do passado, mas do desafio do futuro, num novo modo de olhar, agir, pensar e projetar a liberdade humana.” (IOKOI, 1996: 213)

Esse modo de pensar do autor, que busca no marxismo as ferramentas para a construção da Teologia da Libertação, esclarece que sua concepção não é uma simples adesão à teoria marxista, mas um terceiro elemento resultante da fusão de teologia e marxismo. Esse novo elemento traz em si uma nova possibilidade de reencontrar a utopia de um mundo mais igualitário, agora sustentada por novas bases.

Gutiérrez considera como uma das maiores dificuldades apresentadas à difusão do pensamento religioso, a partir dos anos 60, o isolamento da sociedade. Assim, segundo o autor, tornava-se necessário “encontrar os elos construtivos da solidariedade e criar mecanismos agregadores ante a dispersão e a individualização, que se apresentavam nas novas formas de produção e de organização do espaço social.” (IOKOI, 1996: 216)

¹⁵ MATEOS, S. B. (1996: 21)

Para que se pudesse alcançar os objetivos da ação proposta, torna-se necessária a adoção de uma forma agregadora que reconhecesse e respeitasse a pluralidade dos povos. Nessa concepção, as comunidades passam a ser entendidas como o local onde se pode lutar e interferir para que a vontade de Deus se realize. Para o autor, a pobreza, com a qual se deve lutar, seguindo os mandamentos de Cristo, vai além dos limites econômicos, significando a morte física, cultural e mental. Assim, a atitude cristã é compreender, denunciar, criticar e transformar essa situação presente na vida de tantos homens.

“Libertar o homem da escravidão é, para Gutiérrez, lutar pela comunhão com Deus e com a vida, por isso o Reino passou a ser entendido como a constituição de uma melhor realização do homem, a condição de uma sociedade nova e fraterna. A Teologia da Libertação foi, desse modo, a resposta ao desafio que se colocava para a América Latina: encontrar uma linguagem sobre Deus que nascesse da situação criada pela pobreza injusta em que vivem amplas maiorias. Deve ser ao mesmo tempo um discurso alimentado pela esperança que levanta o povo na busca da libertação. Nesse contexto de sofrimento e alegrias, incertezas e certezas, compromissos generosos e ambigüidades, devem surgir continuamente a inteligência da fé.” (IOKOI, 1996: 218)

Nessa busca de se chegar a uma maior interação, conhecendo e respeitando a diversidade, é que o pobre e o oprimido se colocaram como o centro da atenção dos agentes pastorais que teriam como meta proporcionar a eles a “possibilidade de lutar pela realização da liberdade e da verdade histórica e religiosa. Com isso realizou-se uma aproximação de padres, freiras e bispos aos setores subalternos da sociedade em novos moldes, distintos dos que informaram as missões religiosas coloniais.” (IOKOI, 1996: 217)

Leonardo Boff é um dos nomes mais reconhecidos, tanto pelos estudos teológicos como pelo comprometimento pessoal com a Teologia da Libertação. Ele foi sacerdote franciscano, tendo recebido formação teológica no Brasil e na Alemanha. Escreveu diversos livros sobre Teologia da Libertação, muitos dos quais traduzidos para outros idiomas e que continuam influenciando muitas lideranças religiosas. Um de seus livros mais conhecidos, intitulado *“Igreja, Carisma e Poder”*, foi motivo de um ano de silêncio obsequioso, a pedido do

Papa João Paulo II, em 1985. Atualmente, já não exerce mais o sacerdócio, mas continua escrevendo e publicando¹⁶.

A abordagem de Boff para a Teologia da Libertação¹⁷ percorre caminho diferente do apresentado por Gutiérrez. Para elaborar sua análise da nova proposta teológica, ao invés de recorrer ao marxismo, ele busca no próprio evangelho as ferramentas necessárias. Essa re-elaboração teve como um de seus pilares o sentido da liberdade, apoiando-se no entendimento de que a liberdade e opressão são elementos próximos que podem estar presentes num mesmo processo, inclusive nos tidos como libertadores. Essa aproximação acontece, sobretudo, porque as revoluções que impõem a sua verdade, como a de todos, proposta teológica, ao invés de recorrer ao marxismo, ele busca no próprio evangelho as ferramentas necessárias. Essa re-elaboração teve como um de seus pilares o sentido da liberdade, apoiando-se no entendimento de que a liberdade e opressão são elementos próximos que podem estar presentes num mesmo processo, inclusive nos tidos como libertadores. Essa aproximação acontece, sobretudo, porque as revoluções que impõem a sua verdade, como a de todos, impede a crítica e a transformação ou adaptação, tornado-se opressora e conservadora. Portanto, mais do que a Teologia da Libertação, o que é proposto como tarefa para todos os homens é a luta pela libertação, no sentido de destruir continuamente a opressão, tendo-se claro que ela aparece nos vários planos da vida humana, mais explicitamente ao nível econômico/político¹⁸.

Segundo o autor, os evangelhos não são detentores de autoridade em sua forma canônica e nem são suficientes; por isso, para conhecer Jesus torna-se necessário estabelecer o diálogo entre o evangelho e os outros elementos, como a análise social e o compromisso com a práxis. Nesse sentido, o papel do sujeito é essencial e cada comunidade deve entender os textos do evangelho de maneira condicionada pelo próprio contexto histórico, cultural e social. Assim, o leitor é o sujeito responsável por atribuir significação à mensagem.

¹⁶ De acordo com LOPES (1996), Boff passou para a teologia da ecologia e publica livros de auto-ajuda, embora preserve a antiga preocupação social e sua opção pelos pobres.

¹⁷ Segundo LOPES, os teólogos da libertação não compreendem sua teologia apenas como um ramo ou divisão da teologia, mas como uma maneira diferente de fazer teologia.

¹⁸ IOKOI (1996: 219)

A fé, na teologia de Boff, não é sustentada pelas escrituras, mas pela práxis, por compreender que é somente quando alguém se compromete com o programa de libertação é capaz de ter conhecimento completo de Cristo. Nas palavras do autor:

“Se desejamos ser cristãos e ortodoxos não basta simplesmente recitar fórmulas antigas e veneráveis: nós devemos viver o mistério que a fórmula contém. Em outras palavras, o que foi significativo como verdade para gerações passadas, não o é para as presentes.”

1.3. A atuação da Igreja

Boff, além de apresentar sua elaboração da relação entre teologia e prática religiosa, aponta um dos principais problemas que a Igreja enfrenta ao buscar definir sua forma de atuação.

Segundo ele, a Igreja Católica é um corpo religioso, cujas diretrizes de atuação são definidas pelo Vaticano. A diversidade e a amplitude do corpo católico, que são reconhecidas e que devem ser consideradas e respeitadas, constituem um dos principais problemas a serem enfrentados ao se buscar definir a forma de atuação da Igreja. De acordo com o autor, para administrar politicamente um corpo com tamanha proporção e complexidade, embora se procure construir uma unidade, o corpo eclesial apresenta-se flexível e ambíguo.

Para citar Boff:

“O catolicismo defronta-se com todos os mundos: com o primeiro em crise pela abundância; com o segundo em crise por carência de liberdades políticas e religiosas; com o terceiro em crise pelos níveis desumanos de exploração e com o quarto, pela miséria absoluta que caracteriza vários países da terra. Numa situação assim, como conduzir a Igreja? Que tipo de discurso é possível? Que unidade se procura construir? (...) A política vaticana, dada a complexidade dos campos em que se realiza, é flexível e, por sua própria natureza, ambígua. Caso contrário, tornar-se-ia impossível conduzir um corpo de tamanhas proporções.” (BOFF, p. 737)

Para esclarecer e exemplificar a flexibilidade e ambigüidade apontadas pelo autor, essas características são apresentadas em um contexto específico. Essa

exemplificação também contribui para a compreensão da estruturação da Teologia da Libertação e da RCC.

De acordo com Boff, historicamente, predominam na Igreja duas vertentes políticas. Uma das vertentes é a centralização, onde a figura do Papa é fundamental. Juntamente com ele, estão os colaboradores imediatos que funcionam como uma divisão política: de um lado o clero que sabe, detém poder e decide e, por outro, os leigos que se submetem ao que é decidido, sendo, portanto, desprovidos de qualquer poder autônomo. Outra vertente é a descentralização - ou inculturação - que estabelece um diálogo entre o evangelho e a realidade local. Aqui, há um deslocamento da centralização do poder sagrado, tornando possível o surgimento de teologias locais. No entanto, as duas vertentes envolvem riscos. No primeiro modelo, tem-se um uniformismo, o monopólio que ignora as realidades distintas para as quais as diretrizes são traçadas. O risco do segundo modelo é a proliferação das diversidades sem maior preocupação com a unidade e a comunhão de um único credo.

Este segundo modelo descentralizante, “assume a convicção e a prática de que a fé cristã deve ser assimilada pelas culturas que, a partir de suas matrizes próprias, ganham rostos diferentes como diferentes são as culturas”. Esta concepção prevaleceu nos textos do Concílio Vaticano II e, de acordo com o autor, este modelo, que se compromete com questões de justiça, propiciou o surgimento de uma pastoral articulada e adequada às necessidades da América Latina (com sua expressão em Medellín, 1968 - e Puebla, 1979).

No entanto, a ala conservadora insatisfeita e preocupada com o caminho que a Igreja se propunha trilhar, começou a se mostrar e a ganhar espaço. A oposição foi facilitada e adquiriu força pelo fator de limitação e ambigüidade interna à própria produção magisterial, como explica Boff:

“É o estilo romano-católico de sempre buscar um consenso, em função deste conceito de unidade se produzem textos axiomáticos nos quais estão presentes sempre as duas posições: a conservadora e a progressista. Assim, se por um lado se afirma que a igreja é fundamentalmente povo de Deus, dinâmico, igualitário e fraterno, por outro se reafirma a estrutura hierárquica que se distingue, essencialmente e não em grau, dos leigos, com a missão de conduzir a todos na igreja; se por um lado se afirma que a igreja deve ser discípula do mundo,

aprendendo das ciências e da experiência secular das culturas, por outro, se continua a ensinar que ela é *mater et magistra* e que cabe somente a ela interpretar a lei natural; se por um lado se abre ao ecumenismo, reconhecendo o título de igreja às outras denominações cristãs, por outro, insiste em que somente nela existe a totalidade dos meios de salvação e que nela subsiste a Igreja de Cristo.”

Diante de tamanha complexidade, tornou-se necessário que a Igreja se organizasse e definisse uma estratégia de normatização. Assim, buscou-se atribuir um caráter de legitimidade aos textos teológicos interpretados por uma visão conservadora, atribuindo um caráter doutrinário às produções teológicas. Com esta postura, tornou-se necessário criar catecismos que transmitissem aos cristãos a “verdade única” e reforçassem a centralização da igreja, a única portadora do poder¹⁹.

Nesse contexto, pôs-se em curso um processo de magnificação da figura do Papa, como o grande bispo de todos os fiéis. Houve também um esforço para “enfraquecer as conferências nacionais, tirar-lhes o caráter de expressão da colegialidade e mediocritizar as lideranças episcopais de cada país, deixando-as em sedes menores e politicamente insignificantes²⁰.”

A estratégia do Vaticano para lidar com a pluralidade, mantendo-se a centralização com o objetivo de conquistar o mito da hegemonia moral, é interpretar, de acordo com seus interesses, os textos axiomáticos produzidos em Medellín e Puebla, “como expressão do grupo mais avançado da Igreja Latino Americana. Na proposta desse documento encontravam-se a legitimação e sistematização da Teologia da Libertação. No entanto, de acordo com o autor, o grupo conservador conseguiu inserir todas as informações, “intencionadas e políticas, de modo a fortalecer a perspectiva centralista e de garantia da hegemonia clerical.”²¹

Segundo Boff, há um medo visível de que as transformações da Igreja ocasionem a perda da centralização do poder e que ela tenha que se adaptar ao povo organizado, como um novo sujeito histórico de poder. Na política vaticana o:

¹⁹ BOFF (p. 744)

²⁰ BOFF (p. 744)

²¹ BOFF (p. 750)

“Povo é apenas beneficiário, nunca sujeito de uma transformação válida. Sua estratégia é populista, no sentido de defender que a igreja deve unir-se com os que têm, para ajudar àqueles que não têm. Não se cogita que os que não têm possam ser sujeitos de sua própria libertação...” (BOFF, p.751)

Nesse sentido, procura-se fazer uma evangelização em que o povo é um ator sem voz e sem ação. Ele não é incentivado nem equipado para buscar conquistar sua liberdade. Ao excluí-lo da luta pela própria liberdade, a ordem social é mantida, na medida em que o alvo da ação evangelizadora é somente o homem interior.

CAPÍTULO II:

UM OUTRO PERFIL DE CATÓLICOS PRATICANTES

“Foi esse segmento católico, avesso à Teologia da Libertação e pouco à vontade com as ofertas pentecostais, que se mostrou simpático ao discurso carismático. Essa filiação a um movimento de reavivamento espiritual deveu-se à proposta de vivência de um catolicismo “mais perto da magia e mais longe da política.”

Reginaldo Prandi

2.1. A estruturação da Renovação Carismática Católica (RCC)

A história da Renovação Carismática Católica teve seu início em 1967, na cidade de Pittsburgh (EUA), entre alunos e professores da Universidade de Duquense que buscavam experimentar o Batismo no Espírito Santo e, a partir daí, desenvolver os dons carismáticos. Essa busca era feita com base em leituras pentecostais e através da participação em encontros interdenominacionais, nos quais se reuniam pessoas que já haviam passado pelo Batismo e que relatavam e incentivavam a experiência.

Um momento marcante dessa fase inicial foi um encontro realizado no fim de semana, onde, “depois de longa preparação, alguns dos estudantes experimentaram, com muita emoção, o ‘batismo de fogo’ passando a falar em outras línguas ou a interceder um pelos outros.” (MACHADO, 1996: 46). Este evento foi organizado e teve como participantes membros da sociedade CHI RHO¹, que era um grupo de estudos bíblicos. Um dos objetivos do encontro era definir a forma de ação do grupo, ou seja, definir se o enfoque seria a ação social, a renovação litúrgica no “campus” ou a busca de uma vida mais comunal. No entanto, os professores, organizadores do evento, decidiram que o enfoque seria o Espírito Santo. Durante os grupos de discussão, um dos líderes ressaltou a importância de confirmar constantemente os votos do batismo e da crisma e de

¹ A denominação CHI RHO refere-se às duas primeiras letras da palavra grega correspondente a Jesus Cristo. (MANSFIELD, 1995: 26). Até o ano de 1967 a CHI RHO enfatizava a ação social.

ter a alma mais aberta para o Espírito de Deus. Foram estes os propósitos que conduziram à estruturação da Renovação Carismática Católica.

O Movimento², nesse momento constituído basicamente por pessoas atuantes dentro da Igreja Católica, reforçou a leitura da bíblia, revalorizou a glossolalia e outros dons carismáticos, pouco difundidos na tradição católica. A atitude de buscar conquistar a pureza da alma e a santificação³ foi sugerida como meio para os adeptos alcançarem os dons. Além disso, sob orientação de pastores neopentecostais, trabalhos de evangelização e recuperação de marginais foram também incentivados.

Embora a Renovação Carismática tenha inovado a prática religiosa, afirma-se que, “em termos de realidade teológica, nada de novo trouxe para a Igreja. Somente ressalta a vida no Espírito que é da própria essência da Igreja.” (SUENENS, 1988: 47) Alguns autores inseridos no Movimento destacam que a Renovação reconhece sua dívida para com os protestantes, mas esclarecem que ela não se reduz a um produto de importação e que seu fundamento é o da tradição católica. Nesse sentido, SARTÓRI (1996: 141), que é frei pertencente à Ordem Franciscana, compreende que a semelhança entre os carismáticos e algumas seitas protestantes é apenas superficial. Segundo ele, a distinção é profunda e tem como ponto fundamental o fato de os carismáticos apoiarem-se em dogmas, como a obediência ao Papa, a devoção profunda à Virgem Maria e a aceitação dos sacramentos, de modo especial da eucaristia.

Chamado inicialmente de Movimento Pentecostal da Igreja Católica, por adotar muitos pontos do pentecostalismo, a Renovação provocou certo estranhamento e resistência dentro da própria Igreja Católica. Apesar dessa resistência encontrada e de sua base ter sido construída em encontros interdenominacionais, contando com o apoio e orientação também de pastores, a criação de grupos exclusivamente católicos, já com adesão de padres e freiras, aconteceu rapidamente; bem como a realização de eventos nacionais e

² Será utilizada a denominação “movimento” da Renovação Carismática Católica, por ser bastante usual, embora muitos líderes e adeptos da Renovação já tenham manifestado contra esse uso. Há o argumento de que esse termo é rejeitado porque “parece implicar que a Renovação é feita e organizada por pessoas humanas, ou seja, o resultado de esforço humano”, e não de ação divina. (SUENENS, 1988: 43)

³ Vários autores inseridos no Movimento, como JUANES (1994: 19), apontam a busca de santidade como o ponto básico da Renovação Carismática Católica. Segundo o autor, o Concílio Vaticano II sintetiza a visão básica da Renovação ao falar em “Vocação Universal para a santidade na Igreja”.

internacionais⁴. Apesar da inegável expansão do Movimento e de sua estreita relação com os eclesiais norte-americanos e com o próprio Vaticano, havia uma preocupação da Igreja, sobretudo do papado, em controlar o movimento para mantê-lo afinado com a religião católica.

Além das características carismáticas já mencionadas, uma outra marca do Movimento é a formação de Grupos de Oração, ou Grupos de Partilha da Palavra de Deus. Inicialmente, esses Grupos de Oração eram realizados em residências, mas com a tendência a “se deslocar para as paróquias, dependendo da capacidade de pressão dos integrantes e da posição do vigário quanto à proposta renovadora”. (MACHADO, 1996: 48)

É exatamente no espaço dos Grupos de Oração que, geralmente, acontecem as manifestações do Espírito Santo, consideradas pelos adeptos e lideranças como aquilo que diferencia a Renovação Carismática Católica de qualquer renovação ou movimento dentro da Igreja, ou seja, a espontaneidade das orações, gestos e a possibilidade de improvisação chamam a atenção e denotam peculiaridade ao movimento. Essa diferença consiste basicamente na convicção de que “o papel do Espírito Santo não mudou na Igreja desde os primeiros séculos, e que hoje pode-se experimentar sua efusão, seu poder e seus dons da mesma maneira que os cristãos primitivos.”⁵

A Renovação Carismática é entendida, por muitas pessoas dentro do Movimento, como uma resposta “providencial” ao secularismo que, de acordo com JUANES (1994: 21),

“Relega Deus à condição de apenas um ente a mais, sem preocupar-se com sua existência ou inexistência. Na verdade considera-O como um ser praticamente morto para a pessoa humana, que poderia construir e viver sua vida totalmente à margem Dele.”

⁴ A primeira Conferência Internacional de Líderes da Renovação Carismática ocorreu em 1973, na Itália, e contou com a presença do Cardeal Suenes, que viria a ser um dos mais importantes intermediadores entre o Movimento de Renovação Carismática Católica e o papado. Mas desde 1968, os líderes norte-americanos já visitavam outros países difundindo o Movimento. (CHAGAS, 1977: p. 17. In MACHADO, 1996: 47)

⁵ Do documento apresentado ao Papa João Paulo II pelo Escritório Internacional da Renovação Carismática, em Roma, 1979.

De acordo com PRANDI, que analisa o Movimento de fora, a Renovação é uma alternativa que veio em auxílio a uma necessidade da própria Igreja de reavivar o sentimento católico. No entanto, é uma alternativa que apresenta seus riscos por ser um movimento leigo e independente, em relação à estrutura da Igreja e “pelo seu fácil relacionamento com movimentos e teologias exteriores e estranhas à própria Igreja.” (PRANDI, p. 52)

No Brasil, a Renovação foi introduzida em 1969 por membros da própria hierarquia católica. Alguns grupos contaram com o apoio e a influência de pastores que transmitir parte da tradição protestante em seminários e grupos interdenominacionais de oração. O núcleo central do Movimento foi em Campinas (São Paulo), onde dois padres jesuítas começaram a enfatizar a leitura do livro dos apóstolos e a buscar o “batismo de fogo”, além de organizarem retiros de fim de semana e Grupos de Oração. Nessa mesma região aconteceu a formação das primeiras lideranças carismáticas que levaram o Movimento para o país.

PRANDI (p. 52) comenta que os dez primeiros anos da Renovação foram de crescimento e reprovação⁶. Se por um lado aumentava o número de adeptos, por outro não recebia o apoio de um Vaticano progressista. Nesse momento, a América Latina conhecia uma teologia que se preocupava com os problemas concretos, também de caráter social e econômico. “Ser Igreja significava então estar do lado do povo mais pobre, mais sofrido, mais marginalizado.”

Depois de 1978, com a ascensão de um novo Papa, a RC ganhou forças e teve como objetivo defender a Igreja Católica do Pentecostalismo e da Teologia da Libertação. Nas palavras do autor:

“A RCC passou a ser vista como um braço muito operante, a arma procurada para defender e reconquistar os territórios perdidos (...) Apesar das inovações, que poderiam até desfigurar o velho catolicismo, a RCC mostrou que podia trazer de volta uma população de católicos que passeava entre as várias opções do mercado religioso. Mostrou que podia de novo encher as igrejas, e encher as igrejas com muito fervor e devoção.” (PRANDI, p. 53)

⁶ Não houve aprovação formal da RC pelo Papa, mas o conteúdo do discurso e sua conclusão permitiu que ele fosse interpretado como um “sinal verde” para o Movimento. Já o Episcopado Brasileiro enfatiza que o “bom desempenho desta espiritualidade dependerá muito dos discernimentos que houver e acompanhamento por parte da autoridade eclesial.” (PRANDI, p. 66)

2.2. Os elementos da Renovação Carismática:

Dentro da Renovação Carismática existem três elementos principais, que são os Grupos (ou Círculos) de Oração, o Batismo (ou Efusão) no Espírito Santo e os carismas.

2.2.1. Os Carismas

O uso de carismas é uma das marcas diferenciais da Renovação Carismática, como declara JUANES:

“Os carismas não são tanto um elemento característico da Renovação Carismática, quanto são um elemento essencial. Por isso lhes é reservado um tratado especial. Um dos méritos da Renovação Carismática é recordar (...) a importância dos carismas na vida da comunidade cristã e dos seus membros. Sua presença na Igreja não é insólita ou acessória. É uma de suas características essenciais (...), seu papel pode ser resumido em uma única palavra: serviço”⁷.

Embora este capítulo seja uma construção resumida da história da RCC, onde são apresentadas basicamente os pilares do Movimento de acordo com a elaboração das lideranças e autores inseridos no Movimento, faz-se oportuno estabelecer um diálogo com a teoria Weberiana sobre o conceito de carisma. O autor (1991: 158-59), ao apresentar a figura do profeta como um dos intermediadores das ações religiosamente orientadas, explica o conceito de carisma nos seguintes termos: carisma é

“Uma qualidade pessoal considerada extracotidiana (...) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanas ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como ‘líder’.”

⁷ A Renovação Carismática, Bispos Canadenses, Mensagem a todos os católicos canadenses. Ottawa, 28 de abril de 1975, n. 14-15. In: JUANES, 1994: 102.

De acordo com o autor, esse dom, instituído por Deus e vinculado ao objeto ou à pessoa, por essa própria natureza, não pode ser inculcado ou aprendido, somente despertado e provado.

O conceito weberiano de carisma apresenta alguns aspectos também presentes no contexto da Renovação Carismática. Na Renovação, a palavra é utilizada a partir da expressão grega “jarisma”, que tem como raiz “jaris”, que significa graça ou dom gratuito “concedidos pelo Espírito Santo a cada um, conforme Sua vontade”. (JUANES, 1994: 84) Tais carismas são entendidos como qualidades humanas potencializadas de forma sobrenatural, mas que não têm como objetivo divinizar o homem, como os dons recebidos no batismo. Eles são graças conferidas de modo direto; são manifestações do Espírito Santo e um sinal de sua ação. A cessão de carismas não supõe uma maior santidade de quem os recebe, sendo o beneficiário apenas um instrumento do Espírito Santo para o bem da comunidade. Acredita-se que todos têm o potencial de ser esse beneficiário, uma vez que todos os homens recebem carismas para utilidade da Igreja. Assim, o homem que não possuir carismas é um membro inútil na Igreja⁸. Para obter dons o adepto deve se entregar nas mãos de Deus, pedir, rezar, estar aberto para novas experiências.

Compreende-se que todos têm dons diferentes, de acordo com a vontade de Deus e com a necessidade da comunidade. SARTÓRI (1996: 136) esclarece que na Igreja atual é possível verificar a existência de carismas totalmente próprios, como dos vicentinos que se dedicam aos velhos e aos pobres. Nesse sentido, a Renovação Carismática Católica é concebida “como um movimento de leigos dotados de vários dons, caracterizados por uma submissão específica à inspiração do Espírito Santo”.

Os dons, ou carismas, podem ser divididos em dois grupos distintos: os naturais ou dons sacramentais, que são aqueles que as pessoas recebem no batismo e “que preenchem as necessidades a serem satisfeitas para cada pessoa”⁹. Esses dons são a inteligência, a liberdade, as habilidades pessoais de arte, de profissão, de ciência, de tendência. Conforme os adeptos da RC os dons vêm dar

⁸ JUANES (1994: 106)

⁹ SARTORI (1996: 134)

plenitude pessoal ao possuidor, embora com limitações em função da própria condição humana de quem os recebe.

Os outros são os dons carismáticos ou sobrenaturais, que transcendem o nível natural e humano. Entende-se que eles são atribuídos por Deus a todos que dele sentirem necessidade e solicitarem com humildade, bem como aos que Deus escolheu para transformar em instrumento para agir de maneira mais concreta numa comunidade. Desse modo, acredita-se que com o carisma se estabelece uma comunicação entre a inteligência humana e a inteligência divina¹⁰ porque os indivíduos experimentam as duas naturezas, a humana e a divina.

Os dons especiais mais comuns são:

a) de cura: têm o objetivo de minimizar ou eliminar o sofrimento das pessoas em relação à saúde;

b) de assistir: ajuda as pessoas que necessitam de um apoio especial, devido às grandes responsabilidades ou à tomada de decisões importantes;

c) de línguas: essa linguagem de oração é usada em várias situações: quando não se encontram palavras para louvar e quando não se sabe como interceder pelos outros, “como arma poderosa contra o pecado, para cantar sua alegria no Espírito.” O dom das línguas abre um leque com várias possibilidades para ser realizado como o canto em línguas e orações em línguas diferentes.

d) Do discernimento: é o “Dom que permite conhecer a manifestação da vontade e os designos de Deus, e que em certos países é exclusividade da alta hierarquia eclesiástica.” (PRANDI: p. 54)

2.2.2. Os grupos de oração

Os Grupos de Oração, considerados como um dos elementos centrais da Renovação Carismática, têm-se multiplicado em quase todas as dioceses. Segundo PEDRINI (1992: 13), “o Grupo de Oração existe para fazer acontecer o pentecostes pessoal e para cultivá-lo, fortalecê-lo e levá-lo à maturidade.” Sua importância é mencionada no documento do Encontro Episcopal Latino-americano (Colômbia, 1987), quando se afirma que “Os frutos da conversão,

¹⁰ SARTÓRI (1989: 140)

crescimento espiritual interior e físico e a obtenção de muitos outros favores garantem a importância dos Grupos de Oração, cujo crescimento e amadurecimento desejamos vivamente.”¹¹

A formação dos Grupos de Oração na Renovação Carismática teve como inspiração as primeiras comunidades cristãs e consistem em reuniões de pessoas que se unem para fazer orações, manifestando louvor, gratidão e súplicas. No contexto da pesquisa, as orações não seguiam um padrão formal; na maioria das vezes são compartilhadas por todos os membros da assembléia. O valor atribuído às orações realizadas em conjunto é justificada por JUANES (1994: 175), nos seguintes termos:

“O próprio Jesus estabelece as bases da oração compartilhada, quando nos garante que, se dois estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, terão o pedido atendido pelo Pai celestial (...) Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles. (Mt, 18:19 -20)”.

De Acordo com autor citado, “o Grupo de Oração é uma ocasião que Deus aproveita para encontrar-se com seu povo, para transformá-lo em um corpo espiritual, unido a Cristo, e para construir o corpo místico do qual Ele é a Cabeça.”¹²

Para o Movimento, a finalidade do Grupo de Oração, como o próprio nome diz, é exatamente colocar o indivíduo em oração, como expressa a frase: “A oração é nossa razão de ser”.¹³ Essas orações visam sobretudo o louvor, que é assim defendido pelos adeptos da Renovação:

“De fato, eu acho que, se cada grupo de oração se reunisse uma vez por semana para nada mais fazer além de louvar a Deus, e que nada mais acontecesse ali (...), ainda assim encontraríamos a Deus nesse grupo, de maneira particularmente abençoada. Adorar é colocar-se acima dos próprios cuidados, na própria corrente de Deus, no ponto de encontro de Deus. A adoração, o louvor, tem seu valor em si mesmo. Não é um instrumento de alavanca para tocarmos a Deus. A adoração é o que devemos fazer no dia em que ficamos cientes de que estamos nas mãos de Deus. É sempre um fim, jamais um meio.”¹⁴

¹¹ Retirado do Documento do Encontro Episcopal Latino-americano (Colômbia, Setembro de 1987: 23)

¹² JUANES (1994: 179)

¹³ JUANES (1994: 177)

¹⁴ D. Thirp., Atalier, “Groupe de Prière”, Tychique n. 63, setembro de 1986, 13. (In: JUANES, 1994, 178)

Aqui, encontra-se um dos pontos onde as argumentações dos membros do Movimento apresentaram conflitos: se por um lado, com a oração, o adepto se coloca “no ponto de encontro com Deus” a oração “é um instrumento de salvação para tocarmos a Deus”, sendo, portanto, um meio para se chegar a Deus, um meio para se conquistar a salvação. Caso a oração não fosse um instrumento, ela não seria recomendada como uma das práticas para se renovar o propósito de conversão, não contribuiria para a construção de um modo de viver sob novos parâmetros (como dito por um entrevistado e que será comentado posteriormente) nem para a construção do profissional diferenciado, um dos objetivos do PUR.

O Grupo de Oração, além de ser um espaço para a adoração e louvor, tem como um dos pontos centrais o momento do Batismo ou Efusão no Espírito Santo.

2.2.3. O Batismo no Espírito Santo

De acordo com JUANES (1994: 58) o Batismo no Espírito Santo é a base da Renovação Carismática e consiste em buscar reviver o acontecimento de pentecostes. Esse Batismo não é um novo batismo sacramental, mas o supõe. É “uma marcha de conversão (...) uma transformação progressiva”¹⁵, porque acredita-se que com o Batismo no Espírito Santo nasce um homem novo, uma vez que ele liberta o Espírito Santo, recebido no batismo sacramental, para atuar e agir na própria pessoa; daí a manifestação dos carismas. Os poderes do Espírito Santo podem ser classificados sob duas maneiras. Em primeiro lugar tem-se “o poder de santificar a pessoa e uni-la, mais estreitamente, com Deus, transformando-a à imagem de Jesus”. A esta função acrescenta-se a segunda, que seria a ação carismática, “ao equipar a pessoa com uma nova força e poder com seus dons, os carismas dados gratuitamente para o ministério de servir ao próximo, edificando a Igreja”¹⁶.

¹⁵ JUANES, 1994: 90.

¹⁶ JUANES, 1994: 73

Alguns autores afirmam que, embora o Batismo no Espírito Santo possa acontecer fora da Renovação, ela é vista como uma grande oportunidade para se viver a experiência, uma vez que prepara a pessoa para esse acontecimento. Segundo JUANES (1994: 63) “a preparação para o recebimento do Batismo no Espírito Santo, implica um itinerário de conversão e de entrega ao “Senhorio de Jesus”¹⁷ ou de ‘renovação da decisão fundamental do cristão’ ”.

Para a Renovação é tão importante a Efusão ou Batismo no Espírito Santo que, para alguns líderes, ele representa a entrada pessoal no Movimento¹⁸. Essa preparação envolve um processo de conversão constante, mas a graça da experiência no Espírito Santo pode se manifestar gradativamente ou com uma experiência mais dramática. FALVO (1976: 140-48), autor inserido no Movimento, sugere os seguintes procedimentos para o processo de preparação para o Batismo: a) um encontro pessoal com Cristo que significa aceitá-lo como o salvador e a Ele entregar a vida; b) confiar nas promessas de que o Espírito Santo será enviado; c) desejar receber o Espírito Santo; d) pedir com insistência que Ele seja enviado; entre outros.

De acordo com JUANES (1994: 80), mesmo não sendo um critério definitivo para se saber com exatidão se aconteceu o Batismo no Espírito Santo, existem sintomas que permitem uma “segurança moral” de se ter passado por tal experiência, que são:

“Júbilo íntimo, uma paz de qualidade ‘nova’, que a diferencia de qualquer outra paz normal da vida, a percepção purificada que sentimos do amor de Deus em relação a nós, os impulsos discretos porém intensos que se levantam em nós ao louvarmos a Deus, inclusive com lágrimas que correm por nosso rosto, como expressão corporal de um toque interior, bastante delicado, do Espírito Santo.”

Esses são chamados critérios imediatos, ou seja, experimentados na intimidade. Torna-se interessante observar que todos esses sintomas poderiam acontecer em virtude de outros fatores, que não os divinos. Outros critérios mais

¹⁷ O “Senhorio de Jesus”, segundo PRANDI (p. 50) é assumir a necessidade de ter cada passo da vida do adepto direcionado por Jesus Cristo.

¹⁸ JUANES, 1994: 66

externos são os carismas, que “são dons gratuitos concedidos pelo Espírito Santo a cada um, conforme Sua vontade”¹⁹.

A RCC é formada por Secretarias, onde cada uma tem objetivos e maneiras de atuação específicos. Dentre essas secretarias, tem-se a Secretaria Lucas, que corresponde ao Projeto Universidades Renovadas (PUR) – que é o objeto de estudo do presente trabalho.

2.3. O Projeto Universidades Renovadas – PUR



Antes de iniciar a abordagem sobre a história do Projeto Universidades Renovadas, torna-se oportuno retomar alguns acontecimentos que ocorreram anteriormente dentro da Igreja Católica que, segundo autores do Movimento, já indicavam a necessidade de uma maior atuação dos movimentos religiosos nas instituições de ensino superior.

Em 1969, os Bispos da América Latina reunidos em Medellín²⁰, reconheceram “A urgente necessidade de uma efetiva presença da Igreja no meio universitário”. Em Puebla, 1979, foram dados alguns passos nesse sentido, ao se afirmar que “o mundo universitário deve ser evangelizado” e que “a universidade deve formar líderes e construtores de uma nova sociedade”.²¹

¹⁹ JUANES, 1994: 84.

²⁰ É interessante observar que também foi em Medellín que a Teologia da Libertação se estruturou. Desse modo, talvez esse seja um ponto que exemplifique a ambigüidade dos textos axiomáticos, apontada por Boff.

²¹ “Universidades Renovadas, um sonho para o nosso país”. Secretaria Lucas / RCC. Editora Ave Maria, Araguaia, TO, 1999. p. 5.

Especialmente depois da Encíclica Papal *Fides et Ratio*, a discussão acerca da polêmica entre ciência e fé veio reforçar a necessidade da evangelização nos meios científicos, como um desafio da Igreja. No Brasil, dentro da Renovação, esse objetivo é buscado através do Projeto Universidade Renovadas (PUR). O PUR baseia-se na concepção de que é possível anunciar Jesus Cristo na universidade e, assim, conciliar fé e razão. Com esse entendimento, acredita-se que os estudantes, quando profissionais, serão também agentes de transformação social, na medida em que assumirem paralelamente à profissão a condição de missionários.

Antes de existir o PUR, enquanto secretaria específica dentro da Renovação Carismática, o projeto pertencia à Secretaria Marcos que é responsável pelo trabalho de evangelização da juventude. Somente em 1998, o Projeto tornou-se uma Secretaria²². Atualmente, existe uma organização, dentro da Secretaria Lucas, formada por várias equipes locais, estaduais, regionais que se interrelacionam através da secretaria nacional, que, por sua vez, está vinculada ao Conselho e à Comissão Nacional da RCC.

O Projeto iniciou-se em fevereiro de 1994, durante o evento aberto de Carnaval realizado na Universidade Federal de Viçosa: o SEARA²³. Na ocasião, um estudante do Curso de Veterinária, em seu quarto de alojamento, refletia sobre um trecho bíblico dos Atos dos Apóstolos. A passagem relata que, mesmo diante das dificuldades e perseguições sofridas pelos primeiros cristãos, eles continuavam evangelizando.

“E refletindo sobre tudo isso, Fernando observou que no meio universitário os verdadeiros cristãos sofrem perseguições assim como sofriam os discípulos. A partir de então, surgiu o profundo desejo de encher as universidades do amor de Deus, transformando as ruas dos campus universitários e os corredores das faculdades em lugares cheios da doutrina de Jesus, como acontecia em Jerusalém nos primórdios da Igreja.” (PUR/ SL/RCC p. 20)

A partir dessa reflexão e da constatação do referido aluno de que “os estudantes de hoje serão lideranças econômicas, educacionais, políticas, médicas,

²² Segundo um dos líderes, o nome de Secretaria Lucas foi escolhido pelas evidências bíblicas de que Lucas teria sido um médico, o que implica elevado nível de instrução, próprio do espaço universitário.

²³ Evento promovido pela Renovação Carismática de Viçosa-MG.

administrativas de amanhã” ²⁴ é que foram dados os primeiros passos para a concretização do Projeto.

Com menos de seis anos de existência oficial do PUR, ele já foi implantado em 20 estados e no Distrito Federal, e já ultrapassa as fronteiras do Brasil.

Com base nos textos publicados, o PUR é formado por professores, estudantes e funcionários das diversas faculdades e universidades do Brasil, “que respondem, de uma maneira renovada, aos crescentes desafios propostos pela Igreja Católica Apostólica Romana, como a evangelização nas Universidades.”²⁵ O Projeto tem os seguintes objetivos:

- “Evangelizar com renovado ardor missionário, testemunhando Jesus Cristo em nossas escolas e em nossa futura profissão.”
- “Evangelizar, acreditando ser possível e preciso conciliar fé e razão.”
- “Evangelizar, em comunhão fraterna com a igreja, formando homens novos que exerçam suas funções à luz do Evangelho”
- “Evangelizar com o poder de efusão do Espírito Santo, para que os corações de todos nós, estudantes, professores e profissionais se unam ao coração de Deus.”
- “Sonhar e acreditar que, em comunhão com o Pai, é possível mudar a realidade e construir definitivamente a Civilização do Amor, como sinal definitivo do Reino em nosso Brasil e no mundo.” (PUR/SL/RCC p. 13)

Com esses objetivos atingidos, acredita-se que a universidade será renovada, tendo como instrumento os Grupos de Oração Universitários²⁶ (GOU).

Os GOU nas faculdades/universidades seguem a mesma linha dos Grupos de Oração fora deste contexto, vinculados à Renovação. No entanto, em um texto referente especificamente aos GOU (PUR/SL/RCC p. 24-25) foi manifestada a preocupação de que eles não se tornem grupos de partilha ou discussão, uma vez

²⁴ CORRÊA, Jorge Facinto. Na apresentação de “Universidades Renovadas, um sonho para o nosso país”. Secretaria Lucas / RCC. Editora Ave Maria, Araguaína, TO, 1999. p. 12.

²⁵ “Universidades Renovadas, um sonho para o nosso país”. Secretaria Lucas / RCC. Editora Ave Maria, Araguaína, TO, 1999. p. 18.

²⁶ No livro sobre o PUR é apresentada uma observação quanto a sigla GOU, onde é mostrada a semelhança do objetivos entre gol e GOU, sendo que o segundo seria “marcar pontos para Jesus Cristo em nossas faculdades.” (PUR, p. 23)

que o ambiente universitário incentiva o debate. Assim, é apresentada uma relação de momentos definidos que devem prevalecer nesses GOUs, como o “momento com a Mãe”, os “cantos acolhedores e que expressem a alegria dos membros em estarem reunidos para mais uma reunião de oração”, o “forte momento de louvor a Deus”, a “oração de efusão do Espírito Santo”, o “anúncio da Palavra”, o momento de “acolhida dos novatos, apresentações” e as orações inicial e final.

De acordo com documentos sobre o Projeto, além dos Grupos de Oração de Universitários, ele envolve outras atividades como:

“Calouradas cristãs, retiros de aprofundamento (...), experiências de oração para alunos e professores, missões na Universidade e em comunidades carentes, semanas de solidariedade, campanhas do agasalho, projetos acadêmicos em parceria com a comunidade, trotes solidários para calouros, mesas redondas sobre temas polêmicos, grupos de partilha e perseverança para os profissionais, encontros, acolhida aos calouros e vestibulandos, parcerias com outras secretarias e comunidades da Renovação Carismática Católica, seminários de vida no Espírito Santo, vias-sacras, missas, novenas de Pentecostes e vigílias inculturadas na linguagem acadêmica.” (PUR/SL/RCC, p. 19)

O PUR, em Viçosa, envolve um leque de grupos e equipes. Cada elemento dessa organização possui objetivos e formas de atuação específicos, estando em permanente contato uns com os outros, por meio de reuniões, eventos e momentos de confraternização organizados pelos membros do Projeto. Nesse aspecto da organização e das relações estabelecidas entre os adeptos do Movimento, o fato de existir uma capela dentro do “campus” parece ter sido fundamental. Porque, assim, o Movimento encontra um espaço próprio, uma vez que trata-se de um Projeto oficial dentro da Renovação Carismática. Nesse espaço são desenvolvidas várias atividades dos grupos e equipes. Dentro da capela há uma pequena sala reservada para reuniões, que é também utilizada pelos líderes do Movimento para aconselhamentos, atendimentos à comunidade e para se prepararem para a realização do Grupo de Oração. Na capela há um quadro de parede reservado para o PUR onde são afixados cartazes, avisos, mensagens. Esta “sede”, por ocupar uma posição privilegiada dentro do campus,

facilita o contato entre os estudantes, bem como a participação nas reuniões, dos cultos e demais atividades religiosas.

2.3.1 Os grupos e as equipes (ou núcleos) do PUR:

Equipes ou núcleos são grupos de pessoas que assumem um trabalho específico dentro do Movimento. Cada grupo possui sua equipe que é formada por cinco ou seis pessoas, que assumem a continuidade, execução e direcionamento dos trabalhos do Projeto. A inserção de uma pessoa em determinada equipe acontece, normalmente, em função do desejo e das qualidades pessoais, bem como do desenvolvimento dos carismas ou dons revelados; em ocasiões em que há maior demanda de trabalho ou quando há saída de algum membro, geralmente, para assumir outra função dentro do Movimento ou por motivo de conclusão do curso de graduação ou pós-graduação. Desse modo, o núcleo, ou equipe, não é substituído como um todo, o que garante a continuidade dos trabalhos, bem como o repasse de informações.

Os membros do Projeto, em muitos casos, participam de cursos ou seminários onde têm a oportunidade de conhecer o trabalho desenvolvido em cada equipe. A partir desse contato e do conhecimento do trabalho das equipes, acredita-se que pode ser despertado nos participantes o interesse ou afinidade com determinado tipo de atividade. Para que o adepto venha a fazer parte de alguma equipe, além do que foi mencionado, é necessária a confirmação de que aquela ele possui os dons carismáticos mais apropriados para o desempenho das atividades próprias daquela equipe. Como exemplo, tem-se a Equipe de Intercessão, onde os membros geralmente passam pela Experiência de Oração e pelo Seminário de dons. De maneira geral, além dessa “formação” adquirida em cursos e seminários, os demais membros da equipe entram num processo de oração onde buscam a confirmação, por meio de manifestações do Espírito Santo, de que realmente é aquela pessoa que deve fazer parte do Núcleo. Nesse processo de legitimar a entrada de um novo membro nos núcleos, recorre-se também ao dom do discernimento.

De acordo com os membros entrevistados, o Projeto (PUR-UFV) conta atualmente com as equipes da Perseverança, da Partilha da Pós-Graduação, dos Grupos de Oração e da Intercessão. Além desses núcleos que fazem parte da estrutura da Renovação Carismática, existe também o Grupo Semente, que é anterior ao surgimento do PUR, mas que foi por ele incorporado devido à afinidade de objetivos.

a) Equipe e o Grupo da Perseverança:

A equipe da Perseverança se reúne uma vez por semana para preparem a reunião, que também acontece semanalmente, com os demais membros do grupo. Os estudantes que participam da Perseverança, na maioria das vezes, já participaram da Experiência de Oração. A equipe tem como principais objetivos contribuir para que a pessoa, após o primeiro contato com o Movimento, sintase à vontade (“fazendo parte do grupo”) e incentivada a conhecer mais sobre o PUR. Tais objetivos e uma avaliação do grupo são descritos por RA-L-SM nos seguintes termos:

“Então, assim, esse Grupo da Perseverança... porque a principal coisa que eu acredito que as pessoas é... (...) é exatamente essa abertura, então você se abre, você fala da doutrina, você tem experiência de fraternidade, de amizade. Então, na Perseverança você desenvolve esses sentimentos fraternais que vêm da fé. Fé e amor ao próximo, então, a Perseverança, digamos, é um ambiente fechado, onde você pode continuar tendo uma experiência de oração, né? Durante uma boa fase. E nesse sentido, se sentir atraída, né? Engajar no Movimento, então, quando você recebe, (...) você vai ainda experimentando o amor de Deus, você vai experimentando ainda as curas, (...) então a pessoa se sente de tal forma atraída e... e ligada, e realmente começa a ter muitas experiências de Deus e você quer perpetuar nisso passando isso prá outras pessoas. Então, aí entra, ou num grupo é... Semente, ou entra num grupo prá trabalhar, com Experiência de Oração (...) É como plantar uma semente, cê planta uma muda, né? Você rega. É lógico que só você regar uma vez, tanto, pode ser o terreno mais fértil do mundo, o terreno mais bem preparado, você pode ter jogado água no primeiro e no segundo dia, né? Mas se falta essa constância, naturalmente a fé diminui.”

Entende-se, ainda, que o período em que a pessoa participa do Grupo da Perseverança proporciona um amadurecimento espiritual necessário para que ela possa assumir sua posição dentro da comunidade religiosa.

Os membros da equipe, além das reuniões semanais com os participantes, atuam também dentro dos Grupos de Oração, com a seguinte tarefa:

“Eles ficam na porta [da capela], recebendo todos que estão chegando... A função deles é... assim... acolher mesmo, conhecer... reconhecer o rosto... lembrar o nome. (...) ter um contato maior. (...) Eles estão se formando, então... dali, daquela equipe, vão sair pregadores, vão sair intercessores, vão sair até músicos... mas a gente espera que tenha pessoas com o ministério de acolhimento mesmo, que vão ficar na acolhida mesmo, né? Porque o ministério delas é esse.” (MT- L-SF)

Além da explícita preocupação com o “bem estar” dos participantes do Projeto, as palavras de MT-L-SF vêm reforçar o dom ou ministério que cada pessoa possui.

b) Equipe e o Grupo da Partilha da Pós-Graduação (PPG):

A Partilha da Pós-Graduação foi criada em abril de 1998, por iniciativa de uma estudante de mestrado²⁷ que convidou outros estudantes para fundar o grupo. Essa iniciativa teve como meta que o PUR abrangesse a universidade como um todo.

A maioria dos membros da PPG já participou do PUR durante a graduação, mas nem todos. Inclusive alguns, segundo o coordenador do Grupo, manifestaram-se como “não simpatizantes” da Renovação Carismática. Desse modo, ser um adepto da Renovação não é um critério para que se possa participar da Partilha. No entanto, mesmo não havendo explicitamente essa vinculação, um dos coordenadores considera que levar os pós-graduandos a ter uma “experiência pessoal com Deus” é o maior desafio do Grupo no momento, o que demonstra, por outro lado, que o grupo está afinado com a prática da Renovação Carismática

Acredita-se que a UFV é a única universidade do Brasil onde existe um grupo, ligado ao PUR, direcionado para pós-graduandos. O grupo reúne cerca de

²⁷ Esta estudante fez parte da primeira coordenação oficial do PUR, quando cursava a graduação na UFV.

cinco a dez pessoas semanalmente. Nessa reunião há um tempo reservado para oração, adoração ao Santíssimo, apresentação e discussão de um tema, preparado anteriormente por um dos membros. Conforme as informações obtidas, como a PPG é um espaço para estudantes de pós-graduação e professores da UFV, a finalidade mais específica do grupo é “discutir a ciência à luz da fé”, visando orientar a ciência pela ética. A discussão gira em torno de temas religiosos ou científicos como, por exemplo, “economia à luz da fé” e “biologia à luz da fé”.

c) Equipe da Intercessão:

A equipe da intercessão não é uma equipe exclusiva do PUR, ela é parte da estrutura da Renovação. Dentro do Projeto, até o início do ano de 2000, havia uma equipe de intercessão que era responsável pelas orações e atendimentos. Essa equipe, segundo seus membros, atua diretamente no GOU e tem como objetivo ficar atenta às necessidades - não só dos membros do Projeto mas da comunidade geral - que são manifestadas através de revelações do Espírito Santo ou de contatos com pessoas do Movimento. Além dessa tarefa, a Equipe da Intercessão também faz atendimento às pessoas, estudantes ou não, que necessitam de ajuda ou que querem uma orientação espiritual.

A atuação da Equipe da Intercessão pode ser observada nas palavras da coordenadora de um dos Grupos de Oração:

“Eles vêm no Grupo de Oração. Antes de começar o Grupo de Oração, a gente se reúne uns quinze minutos antes, dentro da salinha ali [espaço dentro da Capela do campus], e partilha o que está sentindo... como é que tá a pregação, como é que tá a missa... faz a partilha. Nesse momento de oração, o Grupo da Intercessão se reúne com a gente, três ou quatro que ficam na Capela, sentado no meio do pessoal, ou então, mais no fundo da Capela, observando o que são casos de libertação, né... então, eles pegam essas pessoas e fazem atendimento especial, né... sai, conversa... e também pode ter casos de repouso no espírito, que as pessoas caem e tal, eles vão lá e rezam pelas pessoas, proclamam curas... e... eles sentem mais ou menos o que que tá acontecendo... às vezes a oração tá muito amarrada, as pessoas não tão rezando, eles vão lá na frente e, né... partilham no nosso ouvido: ‘conduz prá esse lado, porque a gente tá sentindo isso’, então eles são o ouvido mesmo de...” (MT-L-SF)

O núcleo da intercessão é também responsável por organizar e, em muitos casos, ministrar seminários promovidos pelo PUR, destinados aos estudantes.

Segundo uma das entrevistadas, o objetivo da equipe de intercessão “é exatamente, tomar... é... advogar a causa do irmão. Tomar a causa dele, você toma a causa dele e entrega na presença de Deus....” (A-L-SF). Outra intercessora expõe sua definição com base no trecho bíblico de Ezequiel, onde o intercessor é comparado a um muro, que está entre Deus e o povo, que intercede, que ora e que escuta o povo.

Recentemente a referida equipe, aqui na UFV, se dividiu em duas, dando origem às equipes Moisés e Rafael.

A equipe Rafael é responsável pelos atendimentos pessoais. A Renovação orienta para que esse atendimento seja feito em dupla, de modo que uma pessoa possa se apoiar na outra, orando juntas, confirmando as revelações, corrigindo e fortalecendo em caso de contaminação²⁸. É interessante observar como o significado do nome Rafael condiz com o papel do intercessor: Rafael significa “pessoa que procura beneficiar os que precisam de ajuda”²⁹.

De acordo com as entrevistas, durante o atendimento um intercessor faz uma oração para “colocar aquele momento na presença do Senhor” e, em seguida, conversa um pouco com a pessoa e orienta, quando é o caso. Dando seqüência, é feita uma oração pedindo a proteção de Deus e de Nossa Senhora, agradecendo pela vida da pessoa, louvando a Deus pelas qualidades do atendido, “para que ele se sinta amado por Deus”³⁰. Em oração, geralmente realizada fazendo-se uso do dom de rezar em línguas, acontece com frequência a “revelação”, que é o momento em que Deus revela o motivo do problema. Para exemplificar, tem-se as palavras de uma intercessora:

(Revelação) “É um pensamento, é como se fosse um pensamento, só que é o Espírito Santo usando da sua pessoa, né? É ... vamo supô: Jesus tá te curando da timidez, né? Então Deus me colocou timidez no coração, a gente fala no coração, mas é na mente, né? Então ‘Senhor, que tu possas curar a timidez, o que que levou a

²⁸ A contaminação refere-se ao envolvimento do atendido com outras doutrinas como o espiritismo. Nesses casos, de acordo com as informações obtidas, se o intercessor estiver sozinho poderá sofrer contaminação.

²⁹ O significado de Rafael foi retirado do livro brinde da Revista Crescer, da Editora Globo.

³⁰ Palavras da entrevistada A-L-SF.

pessoa a ser tímida e tal, e tal... às vezes até a pessoa, (...) confirma ou não confirma, necessariamente não precisa confirmar. Mas, às vezes, ela tá com a mesma coisa, aí a pessoa fala: eu confirmo. E aí, de repente, Deus mostra prá ela uma imagem, assim na cabeça, porque a mãe foi muito severa: ‘cê num pede as coisas prá pessoas, cala boca’. Chamando a atenção. E aí Deus vai colocando, né... (...) por exemplo, você e sua mãe, quando você criança, sua mãe te repreendendo, te dedurando... te censurando, então é Deus agora tá te curando da sua, é... da sua timidez, porque sua mãe te censurava. Então vem essa imagem. Não é... uma imagem diferente de visualização, né?” (MA-L-SF)

Enquanto a equipe Rafael atende as pessoas, a equipe Moisés permanece em oração, frente ao Santíssimo, rezando para que o atendimento seja produtivo. Seu objetivo, como definido por uma participante é “*Vigiar prá que... os planos de Deus não sejam destruídos.*” (D-L-SF) Esse objetivo é alcançado pela oração e adoração do Santíssimo.

d) Equipe e o Grupo Semente:

Na elaboração de minha proposta de pesquisa, a idéia inicial era trabalhar com os membros deste Grupo e não com o PUR, como um todo. O destaque inicial ao Semente foi decorrente do tempo de existência do grupo e da frequência das reuniões. Imaginava, na ocasião, que lá seria o local com o maior número de participantes e que, assim, eles representariam toda a comunidade do PUR. Porém, ao iniciar o trabalho de campo, foi possível perceber que havia me enganado em vários pontos. Um deles refere-se ao número de participantes: enquanto no Semente reúnem-se cerca de 8 a 15 pessoas em cada reunião; nos Grupos de Oração, principalmente depois da Experiência de Oração, reúnem-se cerca de 80 a 150 pessoas por dia. Outro ponto interessante é que a grande maioria dos participantes do Semente é formada por alunos dos cursos da área de exatas, sobretudo dos Cursos de Informática e Matemática. A partir desses dados, ficou decidido que a pesquisa envolveria membros do Grupo Semente, com diferentes níveis de participação, tanto em relação à frequência nas reuniões como em termos de envolvimento e desempenho de atividades no grupo; além de lideranças dos demais grupos do Projeto.

O núcleo do Semente é formado por seis estudantes de diferentes cursos. Eles se reúnem uma vez por semana (além das reuniões do grupo) para rezarem e decidirem sobre os estudos da semana, em relação à escolha do tema e ao responsável por sua apresentação e pelas orações. O tema ou assunto a ser abordado é retirado da bíblia ou de catecismos católicos. Para a apresentação do tema no grupo³¹, cada membro procura se informar a respeito do que vai ser discutido e, durante a discussão, apresentam suas idéias. Não há um treinamento ou formação específica para esses estudantes. Quando surgem dúvidas, conforme declarado, eles buscam orientação e informação em livros, catecismo, ou recorrem aos padres da cidade ou da universidade.

O Semente se reúne de segunda a quinta-feira, das treze às treze horas e cinquenta minutos no Pavilhão de Aulas, para a realização de estudos bíblicos. Segundo a coordenadora, a existência do grupo deve-se ao fato de seus membros terem um desejo de conhecer a doutrina da Igreja Católica. Usando as palavras de C-GS-SF:

“Desejamos profundamente conhecê-Lo e amá-Lo e desejá-Lo. Desejamos que o nosso ser (razão e sentimento) se desperte diante da glória do Senhor. (...) Temos sede de conhecimento, sede de saber, assim como nossa alma tem sede de Deus, sede de conhecê-Lo, sede de tê-Lo por Senhor e Salvador. O nosso ser (nossa razão, nossa capacidade de argumentação e questionamento) reconhecer Jesus Cristo como soberano, como o Caminho, a verdade e a vida. (...) Estudamos a palavra de Deus porque só se ama aquilo que se conhece.”

Em relação ao horário das reuniões, torna-se relevante informar que o intervalo de aula na UFV para o almoço é das doze às quatorze horas. Desse modo, para que o estudante participe das reuniões do Semente ele terá que almoçar rapidamente e ir para as reuniões, que terminam dez minutos antes das aulas recomeçarem. Além disso, as aulas de monitoria na UFV são ministradas, geralmente, às doze e trinta ou treze horas, assim, quem participa das reuniões não terá condições de freqüentar a monitoria.

³¹ Apresentar um tema não é proferir uma pregação, é passar algumas informações sobre o assunto e coordenar a discussão.

Uma característica do grupo, talvez por ser um grupo razoavelmente pequeno e pela frequência das reuniões é a amizade entre os membros. Essa característica foi citada por todos os entrevistados, quando interrogados sobre o que haviam encontrado no Grupo e pode ser observada nas seguintes falas:

“Mas a unidade é o que chama mais a atenção. Um jeito diferente de ser família (...) Não só é aquela coisa de você estar no PVA³², aqueles cinqüenta minutos, você brinca, ... o estudo, faz a oração e depois acabou, não! Não encontra mais! Vai além daquela hora e daquele lugar! É isso sabe, essa unidade, essa família, é uma alegria!” (C-GS-SF)

“Eu encontrei muito apoio, muitos amigos... A gente fica brincando, às vezes, a gente acha que é brincadeira, mas é verdade... a gente é uma família, é uma família muito especial (...) a gente tem muita amizade, uma integração muito bonita. Agora o ponto forte prá mim, é a alegria, isso mesmo... esse acolhimento...” (T-GS-SF)

Outra característica do Semente refere-se ao fato de ter como membros pessoas que não são adeptas à Renovação Carismática. Por ser um grupo de estudo bíblico as manifestações carismáticas não são tão marcantes, o que permite que ali seja considerado um espaço mais reflexivo.

e) Equipes e os Grupos de Oração de Universitários (GOU's):

O objetivo central do PUR é “renovar a universidade por meio dos Grupos de Oração Universitários (GOU's), que são grupos de católicos, ‘com identidade carismática’, que se reúnem semanalmente.”³³ O objetivo dos GOU's é apresentado, pelo Projeto, de acordo com a concepção manifestada pelo Pe. Alírio Pedrini, () que diz:

“O objetivo de cada grupo de oração é levar todos os participantes a experimentar o pentecostes pessoal, a crescer e chegar à maturidade da vida cristã plena do Espírito Santo. Uma vida cristã autêntica, alegre, feliz, transbordante, em família, comunidade e sociedade, capaz de chamar a atenção dos contemporâneos e de atrair muitos outros para a mesma forma de vida.”

³² PVA corresponde às iniciais de Pavilhão de Aulas, local onde acontecem as reuniões do Grupo.

³³ “Universidades Renovadas, um sonho para o nosso país”. Secretaria Lucas / RCC. Editora Ave Maria, Araguaína, TO, 1999. p. 12.

O Grupo de Oração de Universitários, como já foi dito, segue a mesma linha dos Grupos de Oração da Renovação Carismática. Eles acontecem na segunda-feira (à noite) e na sexta-feira (no horário de almoço) reunindo cerca de 80 a 150 pessoas a cada dia.

O primeiro Grupo de Oração na UFV foi o Grupo Cenáculo, antes mesmo de haver Grupo de Oração na Paróquia de Viçosa. Exatamente por este motivo, as pessoas da cidade, independente de qualquer vínculo com a Universidade, começaram a freqüentar as reuniões, e isso se mantém até hoje. Esse é um dos motivos que justifica a necessidade que foi sentida de criar um outro Grupo de Oração com características universitárias, mais direcionado ao público de estudantes. Além disso, o horário de Grupo de segunda-feira, por ser à noite, excluía a participação de alunos dos cursos noturnos. Assim, iniciou-se, posteriormente o Grupo de Oração Imaculado Coração de Maria, que se reúne toda sexta-feira, às doze horas e quinze minutos, na Capela da UFV.

f) Outras equipes:

Além dessas equipes, existem outras três que envolvem membros de vários grupos e que atuam no Movimento como um todo, que são o Conselho do Projeto, o Centro de Convivência e a equipe de eventos.

O Conselho do Projeto é formado por um membro de cada equipe citada anteriormente e pelo coordenador geral do PUR. Segundo o coordenador, o Conselho tem por objetivo discutir e partilhar as experiências que cada grupo ou equipe está vivendo naquele momento. É o espaço no qual são discutidos os problemas e dificuldades de cada grupo, visando a busca de uma solução conjunta, bem como são partilhadas as experiências positivas, além de rezarem uns pelos outros e pela comunidade universitária. É também nesse espaço que se discute a realização e organização dos eventos, como a Experiência de Oração e o Aprofundamento. A reunião do Conselho do Projeto acontece a cada quinze dias.

O Centro de Convivência é constituído por membros das equipes e grupos e está em fase de formação. Este Centro tem como objetivo articular e viabilizar

eventos como festinhas, pique-niques, visando uma maior integração das equipes e grupos do PUR.

Cursos e Seminários:

Os cursos e seminários são organizados pelo Movimento da Renovação Carismática, envolvendo os estudantes e, quando necessário, membros da Renovação de Viçosa. Eles acontecem de acordo com a necessidade percebida pelos membros do Projeto, sem uma periodicidade definida. É também a partir da necessidade que são definidos os temas dos seminários e dos cursos. Os temas mais frequentes referem-se aos dons carismáticos e à afetividade/sexualidade.

Os eventos:

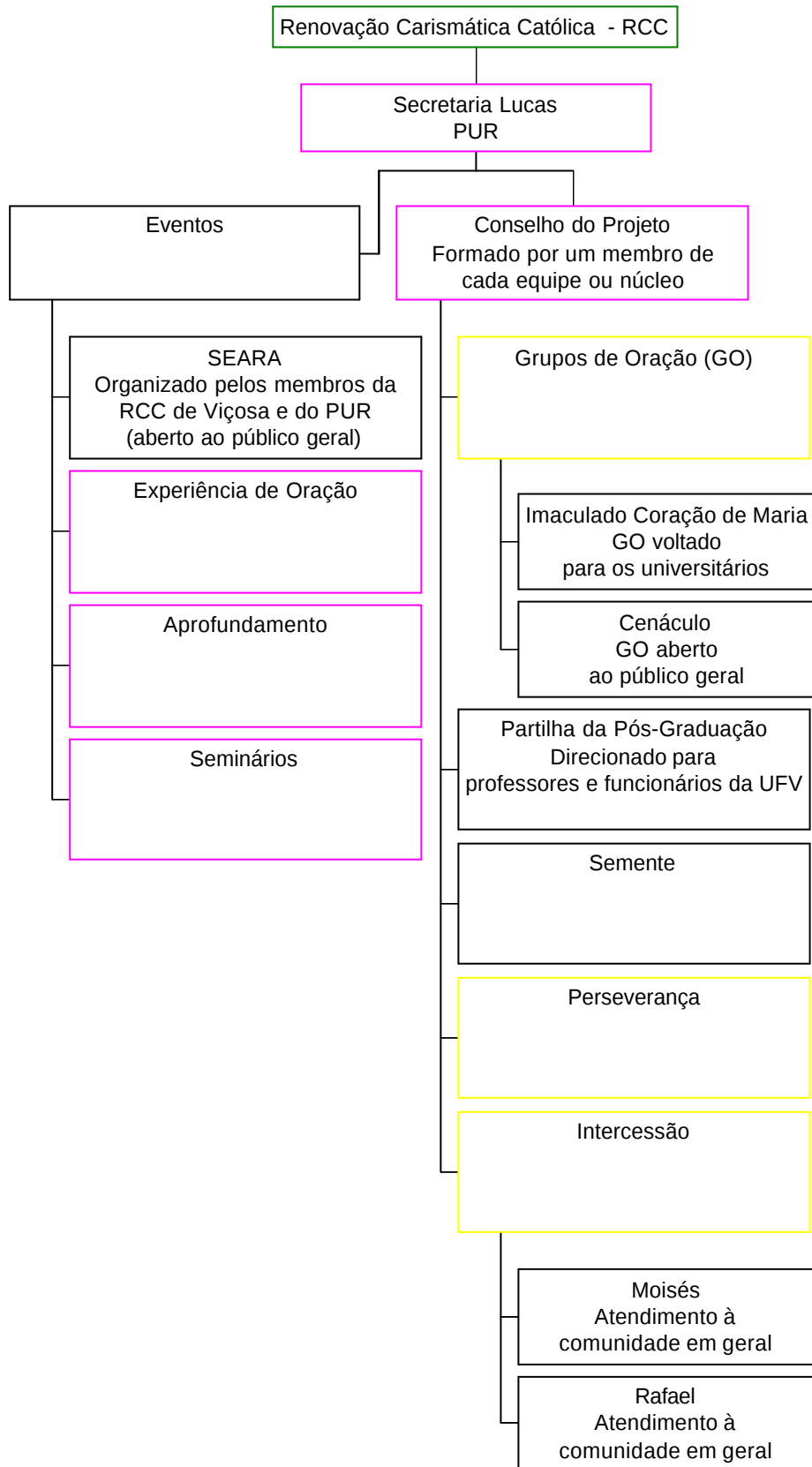
Os eventos regulares organizados pelo Projeto são: Semana Missionária, Aprofundamento, SEARA e Experiência de Oração. Pode-se dizer que os dois eventos maiores são o SEARA e a Experiência de Oração. Essa afirmação tem como base o número de participantes e o fato de tais eventos terem sido mencionados pelos adeptos como marcantes no processo de conversão.

O SEARA é um encontro aberto de carnaval, organizado pela Renovação Carismática de Viçosa como um todo, ou seja, conta com o trabalho do Movimento da Universidade e da cidade de Viçosa. No último Capítulo desta dissertação é apresentada uma etnografia do SEARA-2000.

A Experiência de Oração também assume posição de destaque por ser, muitas vezes, um primeiro contato das pessoas com o Movimento da Renovação. É um evento fechado, que acontece durante um fim de semana, a cada semestre letivo, organizado exclusivamente pelos estudantes inseridos no PUR. Geralmente, quem participa de uma Experiência e permanece no Movimento, na próxima Experiência já executa alguma atividade dentro das equipes, seja nas palestras, nas músicas, na equipe da “cozinha”, na limpeza, entre outras³⁴.

³⁴ No fim deste Capítulo, registro meu agradecimento pelas sugestões apresentadas pelos membros da Banca Examinadora, na ocasião da defesa desta dissertação, inclusive a de incluir os desdobramentos da Renovação Carismática e da Teologia da Libertação, localizando-os no contexto histórico. No entanto, devido ao tempo não foi possível incorporar a sugestão neste trabalho, sendo que as demais foram atendidas.

Estrutura do PUR-RCC



Fazem parte da Estrutura da RCC de modo geral



Público/membros: estudantes da UFV

CAPÍTULO III:

UMA MANEIRA DE SER FAMÍLIA:

Durante minha inserção no campo, tornou-se instigante procurar compreender o que, no espaço religioso, atraía e mantinha tão grande número de adeptos, face à diversidade de atividades não religiosas possíveis aos estudantes. O que eles procuravam, o que era encontrado, o grupo religioso respondia a quais necessidades? Diante de tantas questões, e além de buscar encontrar as respostas através da participação nos eventos e reuniões, pude perceber que uma das características marcantes do PUR, de modo especial do Grupo Semente, é a amizade e a união entre seus participantes. Essas duas características foram citadas por todos os membros entrevistados, senão como o principal, pelo menos como um dos “pontos fortes” do Grupo. Esses fatores, pelo que foi manifestado, ocasionam um bem-estar no “recém-chegado” ao Grupo e estimulam a uma real adesão, no sentido de passar a se considerar como um verdadeiro membro do Grupo.

A partir da intimidade e confiança entre os membros, criam-se laços fortes que, segundo os entrevistados, ultrapassaram o momento da reunião. A relação que se estabelece ali vai além das formalidades, levando o grupo a ser considerado por eles como uma “nova família”.

A idéia de união, de amizade, de acolhimento e de uma forma diferente de ser família é clara nos trechos que se seguem:

“Mas aquele abraço, assim... E no Semente, quando uma pessoa tá mal, eu já vi isso, chama prum canto, conversa, já teve muito, te dá um apoio. (...) É o tanto que eles falam de família... no fator amizade, eles são, assim, até porque é o único que eu conheço, que eu participei mesmo, mas eles são impressionantes!” (F-GS-SM)

“Quando eu cheguei lá... sabe, aquilo tudo que tava me faltando, que tava me fazendo mal, eu encontrei o contrário, né?... Eu encontrei muito apoio, muitos amigos... A gente fica brincando, às vezes a gente acha que é brincadeira, mais é verdade... a gente é uma família, é uma família muito especial... assim, porque... apesar da gente não ter aquele convívio diário, igual a família

tradicional, mas a gente, assim, tem muita amizade, uma integração muito bonita. Agora o ponto forte prá mim, é a alegria, isso mesmo! Esse acolhimento... eu sou apaixonada pelo Semente!” (T-GS-SF)

“É um grupo diferente, tem identidade própria, é estudo bíblico. Mas a unidade é o que chama mais a atenção: um jeito diferente de ser família (...) Não é só aquela coisa de você estar no PVA, aqueles cinquenta minutos, você brinca,... o estudo, faz a oração e depois acabou, não! Não encontra mais! Vai além daquela hora e daquele lugar! É isso sabe? Essa unidade, essa família, é uma alegria, sabe?” (C-GS-SF)

Quando foi perguntado aos entrevistados sobre o que eles encontraram de mais atrativo e de importante no Semente, na ocasião do primeiro contato, a idéia de família também aparece com frequência. Foi dito que:

“(...) eu cheguei lá, assim, completamente tímido, né?... Nada a vontade... mas eu me senti muita vontade de ir. Aí, eu fui, fiquei sem graça, lá... chegando lá, eu me identifiquei muito com o grupo, as pessoas lá... sabe, lá é muito... lá se sente família, né?” (WE-GS-SM)

“Inclusive eu cheguei lá, né? ... o pessoal começou a olhar prá mim.. esperando eu me apresentar e... e eu nem percebia, né? ... Eu fiquei pensando assim... vai ser um grupo muito teórico... mas não, assim, aquela amizade... e tal... e começou: eu sou fulano, eu sou ciclano... eu me senti muito acolhido naquele momento. Interessante...” (JM-GS-SM)

A nova família não se reúne somente para fins religiosos. Atividades como passeios, piqueniques, jantares, comemorações de aniversários são organizadas pelos líderes do Movimento com frequência. Essas atividades atuam fortalecendo a integração dos membros e respondendo a várias necessidades humanas, como a socialização e a diversão. Mesmo nessas atividades que poderiam acontecer sem caráter religioso, reserva-se um espaço para as orações. A atitude de colocar o religioso nas atividades cotidianas foi marcante, sobretudo nas reuniões do Semente, onde se sugere buscar uma orientação divina para todas as atividades, inclusive as mais simples como a escolha de uma roupa. É também comum rezarem para que “Deus tome conta da greve” ou que “tome conta da prova de

fulano”, ou seja, pede-se a intervenção divina para situações inseridas em outras esferas, como a política e a acadêmica.

3.1. A família

A categoria “família” é tão usada na linguagem cotidiana e, de alguma forma, tão próxima das experiências de todos que, a primeira vista, parece desnecessário definir a que se refere.

Imagina-se que, de modo geral, a construção e sistematização da família envolve laços, direitos, deveres, sentimentos, cumplicidade (seja em termos de divisão de trabalho, econômicos, entre outros). Mas, como esclarecem vários autores, dentre os quais destaca-se Lévi-Strauss (SHAPIRO, 1972), a família não deve ser pensada de maneira dogmática, uma vez que ela pode, de acordo com o tempo e localização, se referir a categorias e grupos completamente diferentes.

BOURDIEU (1993), em “*A propósito da Família como categoria realizada*”, elabora três representações sobre a família, que são: a) a família é uma realidade transcendental, na medida em que se atribuiu a um grupo, as propriedades dos indivíduos nele inseridos; b) a família vem representar um universo separado, um espaço onde é possível manter um nível de distanciamento das interferências do meio exterior; e, c) ela é uma morada, um lugar estável e de confiança, lugar de unidade permanente.

Essas representações podem ser percebidas, mesmo que meio encobertas, na idéia de família no contexto investigado.

No espaço e tempo das reuniões é possível sair do cotidiano, na medida em que o indivíduo encontra um ambiente diferente, onde os problemas, os compromissos acadêmicos e as diferenças entre os participantes são deixados de fora. Pelo que pude presenciar, os problemas vividos pelos integrantes do Grupo, ou pela comunidade em geral, são mencionados somente para que sejam “entregues a Jesus”¹.

¹ Com base nas declarações feitas pelos entrevistados, é de se imaginar que assuntos pessoais são, às vezes, conversados entre os membros do Grupo, mas de maneira mais reservada.

Para os membros entrevistados, “sentir-se em família” é sentir-se “acolhido”, é encontrar o seu grupo e por ele ser valorizado; é poder contar com os outros membros como verdadeiros amigos – numa amizade e união que vão além dos momentos em que estão fisicamente próximos, como explicitado por C-GS-SF.

A união e a cumplicidade entre esses membros podem ser justificadas pelos objetivos comuns e necessidades não satisfeitas no ambiente universitário. O sentimento de identidade, de confiança e de “estabilidade” proporcionados pela participação no Semente pode ser percebido nos trechos das entrevistas que se seguem:

“Já saí com várias pessoas e nunca encontrava aquele amor, aquela amizade, né! No Semente eu tenho isso lá. Qualquer um lá eu posso confiar os meus problemas, posso conversar, entendeu? Então isso é o que eu encontrei no Semente.”(J-GS-SM)

“Eu encontrei pessoas muito boas... que têm um coração muito bom e que... assim... eles ensinam muita coisa boa. (...) Eles iam falando... e ia fazendo com que eu me tornasse uma pessoa melhor. E que eu sentisse mais paz, também, sabe?... Toda vez, quando a gente entra aqui na escola, a gente fica toda conturbada, né? .. Aí, eu ia lá e sentia tranquilidade... eu sentia acolhida no meio deles.”(I-GS-SF)

A partir da análise sobre família apresentada por BOURDIEU, pode-se entender que a integração - tão vivida e valorizada também pelo grupo Semente - funciona como a condição de existência e manutenção da própria unidade. Nesse sentido, a busca de unidade justifica atitudes ritualizadas e de “protocolo” que vêm produzir, manter e reafirmar as afeições entre os membros. Aqui, encontra-se, segundo o autor (1993), um dos papéis desempenhados pela família: dotar cada um de seus elementos com uma unidade instituída de sentimentos e afeições.

No leque de possibilidades de afeições, encontram-se também as “afeições obrigadas” e as “obrigações afetivas do sentimento familiar”. Porque, como explica o autor “as estruturas de parentesco e a família como ‘corpo’ não podem se perpetuar a não ser ao preço de uma criação contínua do sentimento familiar”.

Nesse ponto, é preciso levar em conta o trabalho simbólico que confere a cada um de seus membros o “espírito de família” que ocasiona a disposição para o exercício da solidariedade, da generosidade e unidade. Mas a unidade existente na família ou em unidades particulares, conforme mencionada por VELHO (1987: 69), não significa necessariamente uma total harmonia. Nas palavras do autor: “o significado de família está vinculado a uma rede de outros significados e supõe um todo mais ou menos sistemático e não necessariamente harmonioso.” Mas no PUR, de modo geral, parece não existirem conflitos ou confronto entre os membros, o que vem reforçar o modelo normativo da “família ideal”. Além da ausência de conflito, é marcante no Grupo Semente o comportamento simbólico que vem reforçar essa união. Como exemplo, tem-se o fato ocorrido durante uma oração onde os membros davam-se as mãos. Na ocasião, observei que alguns membros faziam questão de dar as mãos, uma virada para cima e outra virada para baixo. Ao notarem minha atenção para esse “detalhe”, explicaram-me que com a mão para cima eles recebem as graças e com as mãos para baixo, eles transmitem a graça.

Nessa idealização de família, onde se estabelece uma “continuidade” entre os membros, abre-se a possibilidade de não mais falar em indivíduos isolados, mas sim em “sujeito coletivo”, onde o sujeito representa a coletividade e de acordo com ela toma decisões e adota um estilo de vida. As qualidades dos membros tornam-se qualidades do “grupo” e, em cada membro, espera-se encontrar essas qualidades. Ao mesmo tempo, as dificuldades enfrentadas e os sucessos obtidos pelos membros são assumidas também pelo todo. No PUR, embora a adesão – o ir e vir – seja livre², qualquer estudante que participar de uma reunião é recebido e tratado como já “fazendo parte” e, assim; com ele já se compartilha e dele se espera a confiança, a alegria, a amizade. Características estas que já não são mais dos membros pensados individualmente, mas do grupo. Nesse contexto, corre-se o risco de estabelecer entre os indivíduos uma dependência psicológica, na medida em que o participante perde sua identidade individual e encontra uma identidade construída no grupo, que só se mantém,

² Essa característica foi percebida de maneira mais clara no Grupo Semente

muitas das vezes, na medida em que se permanece vinculado a essa unidade maior de referência.

A família, de acordo com BOURDIEU (1993), é um agente ativo, fundado sobre um conjunto de pressuposições cognitivas e de prescrição normativa ligada à “boa maneira de viver”. Maneira de viver marcada por confiança e gratuidade (em oposição ao “toma-lá-da-cá”), onde deixa em suspenso os interesses.

Com os princípios básicos de unidade e gratuidade, a família funciona como um parâmetro de construção e de avaliação de outras relações sociais. Assim, a família, que aparece como a mais natural das categorias sociais, volta-se para o social fornecendo o modelo de “todos os corpos sociais”, funcionando como referência, como esquema classificatório e princípio de construção do mundo social.

3.2. O PUR/RCC como congregação

Por outra perspectiva, o Projeto Universidades Renovadas pode ser analisado tendo-se como referência a “congregação”, apresentada por Weber. O autor comenta sobre a formação da congregação e de sua relação com o êxito do profeta. Quando o profeta obtém êxito em sua profecia, ele atrai seguidores ou aprendizes, como, por exemplo, os discípulos do Novo Testamento, e, assim, formam-se as congregações.

A congregação pode surgir junto ou como consequência do êxito do profeta de forma a garantir a continuidade da revelação e da administração da graça. Ela pode apresentar a característica de uma “relação não fechada” com o converso, o que confere aos membros uma liberdade de entrar e sair. Essa possibilidade permite que os membros tenham níveis diferenciados de participação. Com participação mais efetiva, tem-se os acólitos permanentes que colaboram ativamente e constantemente para o sucesso da doutrina. Os membros com esse perfil, na maioria das vezes, são carismaticamente qualificados. Existem também os leigos ocasionais que participam das atividades da congregação, mas de maneira não constante. Nesse caso, encontram-se os membros que necessitam de salvação e, por isso, estabelecem uma relação temporária com a congregação. Tem-se ainda

o simpatizante, a quem não se exige nem se garante os benefícios da prática religiosa. Mas a situação dos simpatizantes ou leigos ocasionais não correspondem ao tipo ideal de participação que interessa ao administrador do culto, quando é o caso, ou ao líder da congregação; por isso, procura-se estabelecer uma relação associativa duradoura com direitos e deveres fixos.

Também é possível observar no PUR e no Grupo Semente diferentes níveis de participação. No Semente, tem-se os membros que freqüentam as reuniões esporadicamente; os que têm uma freqüência regular, mas não diária; e os que freqüentam assiduamente. Os membros com esse último nível de participação geralmente passam a fazer parte do “núcleo” ou “equipe” do Grupo e, desse modo, assumem tarefas fixas como realizar o estudo bíblico, ou fazer as leituras ou as orações.

Os diferentes níveis de participação podem ser verificados também na Renovação Carismática, de modo geral. Nos Grupos de Oração, que são considerados a base do Movimento, tem-se os que se aproximam em busca de um auxílio (seja material, espiritual ou físico – no caso de cura de doenças³). Tem-se os membros que participam somente na condição de espectadores. Finalmente, tem-se os membros que, além de freqüentes, desempenham tarefas e funções específicas dentro do Grupo. É o caso dos membros carismaticamente qualificados encontrados, por exemplo, nos núcleos (ou equipes) do PUR.

A participação no Movimento é incentivada, e de certa maneira “cobrada”, pela possibilidade que o leigo tem de desempenhar papéis religiosos. Essa distribuição de papéis é observável nos eventos como na Experiência de Oração, que já faz parte da rotina do PUR e que conta grande número de participantes. No referido evento, realizado em 1999, as pregações foram proferidas pelos estudantes, ou seja, os próprios leigos assumiram papéis de destaque no evento. Essa possibilidade de “pessoas comuns” desempenharem tarefas é apontada por vários autores como uma característica dos carismáticos, onde o poder religioso é descentralizado, permitindo ao leigo diversas formas de participação. Tal característica, também comum a outros grupos não católicos, parece ser tão bem

³ Essa aproximação, aqui considerada esporádica, pode levar o recebedor da graça a um processo de conversão e a um outro nível de participação no Movimento.

aceita que é considerada, como fala FRIGERIO (1998), um dos principais atrativos para a adesão religiosa a determinadas denominações. É interessante observar que no evento SEARA, talvez por ser um evento aberto ao público geral, os palestrantes eram pessoas de outras cidades, que demonstraram um maior preparo religioso, ou haviam percorrido uma longa trajetória dentro da Igreja, ou, ainda, haviam passado por um processo de conversão traumático, no sentido de uma mudança radical no modo de viver. Ter como palestrantes autoridades religiosas pode ser uma alternativa para tornar o evento mais legítimo, atraente e respeitável. Um padre, por exemplo, está protegido por uma competência religiosa, no sentido de poder falar e agir legitimamente, isto é, de maneira autorizada e com autoridade.

De modo geral, esses grupos ou “novas famílias” apresentam certas características de comportamento que os diferenciam de grupos de outras naturezas. É um grupo de adesão voluntária e que envolve um comprometimento pessoal dos participantes. Além disso, há um comportamento diferenciado, no sentido de se enfatizar a liberdade de movimentos, nas músicas, cumprimentos e “brincadeiras”.

Foi possível observar, entre os membros do PUR, especialmente durante a Experiência de Oração, o espaço que se tem reservado para atividades de lazer e descontração, como músicas e danças. As músicas são alegres (algumas se assemelham a músicas infantis, envolvendo movimentos, geralmente com letras simples e nem sempre voltadas para Deus ou religião diretamente) e muitas vezes envolvem atividades como mímica ou dança. Esses momentos chamaram atenção pelo fato desse comportamento não ser comum em outras situações: pessoas jovens, estudantes universitários, dançando e cantando em roda, fazendo imitações e gesticulando com liberdade. Torna-se interessante registrar que essas atitudes não eram realizadas por parte do grupo, mas pelo grupo todo. Na ocasião parecem desaparecer todas as resistências que poderiam intimidar as formas de expressão.

BERGER (1973), ao falar sobre momentos que envolvem a transcendência, em *“Um rumor de anjos”*, sugere o “argumento do jogo”. Segundo ele, o lúdico faz parte da natureza do homem e o jogo alegre possui a característica de

neutralizar a realidade da vida; assim, ele proporciona liberdade e paz. Mesmo no jogo dos adultos há uma suspensão da realidade e de todos os sofrimentos, medos e angústias existentes nela, isso porque o jogo constrói um universo à parte do raciocínio. De acordo com o autor, o jogo aponta para o sobrenatural por “ir além de si mesmo e para além da natureza humana.”

Com base no que foi exposto acima, a “nova família” possui marcas próprias de comportamento como o lúdico, a alegria e a união dos membros. Esse perfil de “família” pode apresentar-se como uma resposta a determinadas características do mundo moderno. De acordo com o autor citado, no contato constante com os membros do grupo, o indivíduo fortalece sua socialização, que, por sua vez, oferece uma satisfação emocional e uma orientação para as ações, em harmonia com os valores do grupo. Além disso, o autor explica que a posição de crer no sobrenatural, diante dos grupos antagônicos exige estratégias para enfrentar a oposição e uma das possibilidades é o agrupamento dos membros que formam essa minoria, visando a manutenção dos valores comuns. Assim, o engajamento religioso vem a responder não só às necessidades religiosas, mas a vários tipos de necessidades. Nesse sentido, tem-se a colaboração de MACHADO (1996:23) que alerta para os riscos ou vícios desse modelo de grupo. Segundo a autora, a formação dos grupos religiosos carismáticos e pentecostais pode ser entendida como uma

“Rejeição à atomização e abstração das relações sociais que caracterizam as sociedades tecno-industriais (...) , uma rejeição à indiferença emocional da modernidade. Mas paradoxalmente, elas representariam também uma espécie de adaptação das religiões ao mundo contemporâneo. E aqui a autora [Hervieu-Léger] identifica pelo menos quatro pontos de afinidades entre essas comunidades e a cultura moderna: a busca pragmática da tradição, a insistência no direito da subjetividade nas questões religiosas: a primazia da realização emocional dos indivíduos; e a ênfase nas vantagens pessoais e interpessoais da atividade na comunidade.”

3.3. A comunidade de amor e a noção de *communitas*

A Renovação Carismática por enfatizar, em eventos e palestras, que seus membros formam um grupo, uma comunidade distinta das demais, e ao fato de

no SEARA ter sido realizada a pregação intitulada “Comunidade de Amor”; tornou-se oportuno recorrermos às contribuições de TURNER (1974), sobre a construção da categoria “*communitas*”, uma vez que ela apresenta aspectos de um tipo de “comunidade”, em oposição à totalidade da sociedade. Algumas questões sobre o tipo de agrupamento, objetivos e comportamentos esclarecidos pelo autor mostraram-se como instrumentos para a compreensão de várias atitudes verificadas no PUR e na RCC como um todo.

TURNER começa sua construção da idéia “*communitas*” a partir das três fases dos ritos de passagem, apresentadas por MATTA, que são: separação, margem ou “*limen*” e agregação.

A fase liminar é a que mais nos interessa. A liminaridade do ritual é um “momento situado dentro e fora do tempo, dentro e fora da estrutura social profana” porque acredita-se que nesse momento o vínculo do transitante com o mundo anterior e profano é quebrado. Desse modo, ele passa por um estado que é posterior à estrutura anterior e, no entanto, anterior ao outro contexto justaposto. De acordo com o autor, as características das pessoas liminares são ambíguas, uma vez que elas se localizam num estado de transição.

O autor esclarece a concepção desses mundos “anterior” e “posterior” pelos quais o transitante percorre, da seguinte maneira: “O primeiro é o da sociedade tomada como um sistema estruturado, diferenciado (...) O segundo, surge de maneira evidente no período liminar, é o da sociedade considerada como um ‘*comitatus*’ não estruturado, ou rudimentarmente estruturado e relativamente indiferenciado, uma comunidade, ou mesmo comunhão de indivíduos iguais que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciãos”. Esse novo contexto é que se apresenta como um exemplo de “*communitas*”.

De acordo com o Turner, o comportamento do “transitante” durante o ritual de passagem é passivo, humilde e orientado; devendo obedecer aos instrutores (ou autoridades) e aceitar seus julgamentos. É por meio dessa submissão que se acredita estabelecer uma igualdade entre os homens para que eles possam renascer, que é exatamente o objetivo do ritual. Nas palavras do autor:

“Seu comportamento é normalmente passivo e humilde. Deve, implicitamente, obedecer aos instrutores e aceitar punições arbitrárias, sem queixa. É como se fossem reduzidas ou oprimidas [as pessoas liminares] até a uma

condição uniforme, para serem modeladas e de novo dotadas de outros poderes, para se capacitarem a enfrentar sua nova situação de vida.” (1974: 118)

Segundo o autor, o que há de mais importante nessa transição é o fato de que a diferença entre os mundos não reside neles propriamente, mas no sujeito que passa pelo ritual. Não acontece apenas a transição do profano para o sagrado; o que merece realce é o fato do componente sagrado ser adquirido pelos beneficiários durante os ritos de passagem, o que permite a mudança de posição. Assim, o autor conclui que, para esses indivíduos a vida social é um tipo de processo dialético que abrange a experiência sucessiva do alto e do baixo, igualdade e desigualdade, tendo o ritual como o ponto limite. “Em tal processo, os opostos por assim dizer constituem-se uns aos outros e são mutuamente indispensáveis”, pois só é possível ser alto e adquirir a igualdade perante a Divindade, se reconhecendo baixo e desigual; e, exatamente por isso a ritualização torna-se necessária.

Busquemos, então, com esses pontos esclarecidos, compreender alguns aspectos dos rituais vividos no PUR e na Renovação Carismática de modo geral.

Pelo que foi possível observar durante a inserção no campo, o rito de passagem na Renovação, para muitos líderes, é a experiência de ser “Batizado pelo Espírito Santo”, durante a qual se vive o momento de êxtase. De acordo com os membros inseridos no Movimento, este momento de êxtase pode ser manifestado exteriormente pelos carismas ou, interiormente, pelos sentimentos de alegria, de queimor, muitas vezes acompanhados por choro incontável. É exatamente essa situação marcada por sentimentos “não cotidianos” e extremamente intensos (às vezes confusos) que remete ao período de despojamento, de humildade que viria igualar todos os participantes. Na medida em que todos são “lavados”, “purificados”, que estabelecem uma “intimidade com Deus” e se reconhecem como “filhos arrependidos” e dispostos a viver sob novos parâmetros, tornam-se iguais perante Deus.

A situação de despojamento e humildade pode ser exemplificada pelas seguintes frases ditas pelas lideranças, e repetidas pelos participantes, durante o SEARA:

“Senhor, eu me lavo neste momento, nessa água, eu estava sujo de tanto cair, de tanto errar. Desejo que a água me purifique por inteiro.”⁴

“Jesus vai nos restaurar e vamos sair daqui renovados.”

Torna-se interessante observar que TURNER (1974: 142) chama atenção para o fato de que a “passagem de uma condição estrutural para outra pode ser acompanhada por um forte sentimento de ‘bondade humana’, um sentido de laço social genérico entre todos os membros da sociedade”. Esse sentimento de “bondade” foi manifestado também pelos membros do Projeto após a Efusão no Espírito Santo. Alguns falaram em vontade de sair abraçando todas as pessoas, vontade de fazer o bem e de anunciar a experiência pela qual haviam passado. No entanto, não foi comentado se esse sentimento permanece ou se é algo passageiro. Mas como várias pessoas enfatizaram que a Renovação trabalha mais com o indivíduo ou a espiritualidade e que é necessário renovar diariamente os propósitos de mudança de vida, pode-se pensar que esse sentimento de “bondade” é algo passageiro ou que, pelo menos, não é a garantia de uma mudança de atitudes cotidianas.

3.3.1. O processo de purificação e o poder dos fracos

Na Renovação, o processo de purificação envolve e valoriza os rituais tradicionais da Igreja Católica. No entanto, outros processos mais afinados com o pentecostalismo são incentivados e estão presentes nos Grupos de Oração e eventos organizados pelo PUR. Como exemplo, tem-se a Efusão ou Batismo no Espírito Santo que é um ritual freqüente no Movimento e que pode acontecer, inclusive, num âmbito estritamente pessoal, sem a intervenção de uma autoridade religiosa. Segundo os entrevistados, o Batismo na maioria das vezes acontece com a intervenção dos “intercessores” que, em dupla, atendem aos demais membros do Movimento individualmente. Com as mãos postas sobre o “atendido”, os intercessores fazem orações que (quando não realizadas em

⁴ Embora não se passe fisicamente por um ritual que envolva a água real, ela aparece em vários momentos do evento como algo necessário para limpar e lavar o espírito dos participantes, atitude comum em rituais religiosos.

línguas) são constituídas de palavras sagradas⁵ que têm o objetivo de “resolver” ou “apagar” os “erros” e problemas vividos pelos transitantes, prá que ele se torne limpo, puro e pronto para “renascer”.

O processo de purificação pode ser intensificado a ponto de levar o transitante a uma “perda de identidade”, entendida como um dos caminhos para se chegar a Deus. Na RCC, essa idéia pode ser pensada tendo-se como base as pregações do SEARA-2000, quando foi dito: *“Senhor, possua minha alma, eu quero amar, eu quero me consumir.”*

O “apagar para renascer” está presente na liminaridade sagrada descrita por TURNER (1974: 127). Segundo ele, “O neófito na liminaridade deve ser uma tabula rasa, uma lousa em branco, na qual se inscreve o conhecimento e a sabedoria do grupo, nos aspectos pertinentes ao novo ‘status’.”

O autor esclarece que a ruptura do transitante com o mundo profano pode acontecer também de maneira radical para que fique explícita a destruição do mundo anterior. Mas além dessa destruição é preciso ainda preparar o transitante para que ele saiba aproveitar a nova condição sem excessos ou orgulho. Nas palavras de TURNER:

“Os ordálios e humilhações, com frequência de caráter grosseiramente fisiológico, a que os neófitos são submetidos, representam em parte a destruição de uma condição anterior e, em parte, a têmpera da essência deles, a fim de prepará-los para enfrentar as novas responsabilidades e refre  -los de antemão, para não abusarem de seus novos privilégios.    preciso mostrar-lhes que, por si mesmos, são barro ou p  , simples matéria, cuja forma lhe    impressa pela sociedade.”

Nos eventos e reuniões do Movimento, foi possível verificar a presença do sentimento de humildade nos indivíduos transitantes por meio de atitudes passivas e pelo silêncio e aceita  o das acusa  es. Essas acusa  es foram feitas por colaboradores⁶ ou pelos pregadores durante os eventos⁷. Em algumas ocasiões, o adepto    levado a se reconhecer como fraco, pecador nato, que está sujo, doente, contaminado pelo pecado, que muitas vezes não si respeita nem

⁵ A expressão “palavras sagradas” foi utilizada porque acredita-se que neste momento    o Espírito Santo que está agindo.

⁶ Esses colaboradores são pessoas do Movimento que interv  m durante as prega  es com ora  es.

⁷ Ressalta-se que os próprios palestrantes se incluem como acusados.

respeita seus semelhantes como “Sacrário do Senhor”, como “feito à imagem e semelhança de Deus”. A posição de humildade é também percebida pelas atitudes dos conversos durante as orações. Muitas vezes eles permanecem de mãos postas, olhos fechados e de joelhos. Inclusive no SEARA (realizado no Ginásio da UFV que tem o piso de cimento, o que torna ainda mais desconfortável a posição de joelhos), alguns fiéis permaneciam ajoelhados por muito tempo, outros ainda colocavam a cabeça no chão, como sinal de completa humildade e submissão.

De acordo com TURNER (1974: 128), o poder que o indivíduo passa a possuir em consequência do ritual, deriva parcialmente desta imersão na humildade. Também na Renovação, a palavra “humildade” é dita várias vezes como uma condição para se alcançar graças e para se viver os carismas, talvez com o receio de que

“Uma pessoa incumbida de um alto cargo fica especialmente tentada a usar a autoridade de que foi revestida pela sociedade para satisfazer desejos particulares e exclusivos. Mas deveria encarar seus privilégios como dádivas da comunidade inteira, que em última análise tem um direito supremo sobre todas as suas ações.”

Inclusive, sobre os carismas, foi comentado por mais de um entrevistado que um dos pontos negativos da Renovação é o fato de alguns adeptos tornarem-se orgulhosos pelos dons que lhes foram concedidos, nesse sentido acontecem os exageros e, em certos casos, os dons são retirados até que a pessoa volte à condição de humildade.

Em alguns casos, a vivência dos carismas ou a manifestação de sentimentalismo, por serem uma manifestação do Espírito Santo, são consideradas como um sinal de que o adepto passou pelo “rito de passagem”. Desse modo, ele se torna realmente parte da “communitas”. Aqui também tem-se a explicação de TURNER:

“Os poderes que modelam os neófitos na liminaridade para a entrada em uma nova ‘condição’, nos ritos em todas as partes do mundo, são considerados poderes sobre-humanos, embora sejam invocados e canalizados pelos representantes da comunidade.”

Acredita-se que a emoção sentida na Efusão do Espírito Santo seja manifestação divina, embora sejam os líderes que façam essa definição. Ou seja, em um leque de atitudes e sentimentos que os conversos podem experimentar, privilegiam-se determinados elementos e os instituem como sendo os “sinais verdadeiros ou seguros” da experiência divina vivida com o Batismo. Desse modo, o que poderia ser qualificado como circunstancial e transitório torna-se algo obrigatório. O não sentir, para alguns líderes da Renovação, é inaceitável e entendido como algo perigoso por ser efeito dos pecados; a regra é o sentir. TURNER utiliza-se dos argumentos de Mary Douglas e diz que “aquilo que não pode, com clareza, ser classificado segundo os critérios tradicionais de classificação, ou se situe entre fronteiras classificadoras quase em toda parte é considerado ‘contaminador’ e ‘perigoso’.” Essa explicação pode justificar a inaceitabilidade de não sentir, exatamente por não estar ao alcance explicativo das lideranças ou por fugir à regra.

Em seguida, o autor ressalta que “As condições liminares e inferiores estão freqüentemente associadas aos poderes rituais”, porque o ritual tem por objetivo exatamente transformar os sujeitos liminares, retirando-os do mundo profano e, muitas vezes, atribuindo-lhes poderes. Para exemplificar essa situação de mudança de estados binários opostos no contexto da Renovação, tem-se a seguinte frase retirada das orações realizadas no SEARA/2000:

“Liberta-me dessas algemas (...) Eu proclamo a Sua vitória sobre o meu agir (...), sobre todo meu ser. (...) Senhor Jesus, (...) eu sou inteiramente Tua. Hoje, eu saio do território do maligno para o Reino da Salvação, porque eu pertencço a Ti.”

Na abordagem dos atributos das entidades liminares, TURNER enfoca os poderes rituais dos fracos, onde o fraco e submisso torna-se o forte, numa dialética entre fraco/forte, ou entre quem tem poder e quem é servo. Essa mudança de condição (que envolve um processo de sucesso e retrocesso) aparece explicitamente no SEARA. Fala-se do homem como pecador, mas que, logo em seguida, ao assumir intimamente ou verbalmente a mudança de vida; torna-se sujeito que “pode mais”, que tem “os santos e o céu à disposição”, que pode “mover montanhas” pela fé. Outro exemplo dessa oposição entre submissão e

poder é a atitude de “entrega” ao Senhor: sendo do Senhor, o adepto torna-se um instrumento de Deus, e em nome Dele pode agir, ou seja, ele se torna submisso ao Espírito Santo que dota-os de poder e nessa condição, representa uma autoridade frente ao grupo. Essa dicotomia é também marcante na vivência dos carismas, na medida em que o carisma é entendido como um Dom para serviço da comunidade e não para benefício próprio; assim, o converso torna-se servo. No entanto, quem passa pela experiência aproxima-se mais da divindade e se sente fortalecido, ou seja, afirma-se que com o carisma o adepto é “utilizado” em prol da comunidade, no entanto, ele reconhece que também é um beneficiário das graças.

3.3.2. O ritual e o processo de inclusão:

Uma outra característica abordada por TURNER em relação à *communitas* é o fator de inclusão. Essa inclusão na RCC pode ser pensada a partir do “poder dos fracos”, discutido anteriormente. Nesse contexto, por haver uma maior flexibilidade em relação à organização e à realização dos trabalhos sagrados, é permitido aos leigos o desempenho de tarefas. Desse modo, pessoas comuns, muitas vezes excluídas das formas tradicionais de poder, são incluídas no grupo das lideranças e são dotadas por um tipo de “poder” sagrado, ao viverem os carismas.

Outra forma de inclusão pode ser percebida na Renovação, na medida em que ela abre espaço para pessoas vivendo crises pessoais ou momentos de tensão e de não adaptação com o novo contexto no qual estão inseridas (no caso dos membros do PUR, a Universidade). Como exemplo, tem-se o caso de JM-GS-SM que se sentia “sem lugar” na ocasião em que começou a freqüentar a UFV; sentia-se diferente e, como ele mesmo explicou, achava que todos na Universidade eram “Mauricinhos” e “Patricinhas”. Quando JM-GS-SM começou a freqüentar o PUR, começou a se sentir mais à vontade, mais valorizado e situado em grupo de pessoas semelhantes, embora com diferentes níveis sócio-econômicos, como reconhece o próprio entrevistado.

Outro nível de inclusão pode ser percebido a partir das palavras de JM-GS-SM durante a entrevista, ao falar sobre as “conversões maravilhosas”, ou seja,

sobre o poder que a Renovação tem de atrair pessoas envolvidas com drogas ou prostituição. No mesmo sentido, tem-se os pensamentos manifestados no SEARA. Na ocasião foi dito que “Jesus tem preferência pelos pecadores.”⁸ Assim, pode-se sugerir que, de acordo com as entrevistas, a Renovação é um espaço católico, por excelência, para inclusão de pessoas que estão ou se sentem à margem da estrutura social e religiosa. É interessante observar que quanto maior for a mudança de vida em consequência da conversão, o adepto tende a ser mais valorizado.

3.3.3. Os vínculos entre os membros da *communitas*

Uma outra marca de inclusão de determinados grupos considerados “*communitas*” é o fato deles se formarem a partir de vínculos pessoais entre os indivíduos. Essa característica de união por laços pessoais pode contribuir para a inclusão, uma vez que não existem barreiras fixas para que a adesão dos membros aconteça, no sentido de que qualquer pessoa que se sinta, de alguma maneira, semelhante aos membros do grupo poderá nele se inserir. A partir dessa inclusão, é interessante para o crescimento e coesão do grupo que o novo membro permaneça ou se reconheça como um elemento “daquele” grupo. Neste sentido, buscam-se instrumentos para fortalecer o vínculo entre os membros e entre eles e o grupo. Um dos instrumentos é o ritual pelo qual o adepto deve passar.

Os membros, estando ritualmente ligados, passam a possuir mais que vínculos pessoais ou espirituais, mas passam a representar os laços de *communitas*, em oposição às divisões da estrutura. Ou seja, criam-se laços que não existiam anteriormente, laços alternativos que partem do desejo e da submissão do sujeito a uma hierarquia, autoridade ou normas de comportamento inerentes aos grupos. Há, nesses casos, uma adesão marcada por interferência da divindade, que a coloca como algo de definitivo.

No PUR (assim como na Renovação), os membros ao se inserirem nos grupos e, de modo especial, ao passarem pelo “Batismo no Espírito Santo”, são

⁸ Embora essa idéia entre em contradição com a atitude de arrependimento dos pecados, constantemente motivada nos eventos.

incluídos na “nova Comunidade”. Nesse sentido, também se explica o desejo dos membros e líderes do PUR de conduzir as pessoas comuns a viverem a experiência de “intimidade com Deus”, pois assim estarão ritualmente unidas, incluídas no grupo. O fato do indivíduo estar ritualmente incluído é um ponto decisivo para a atribuição de poder a esse membro, principalmente em termos de carismas. Quando o adepto vive a experiência de intimidade com Deus e recebe os carismas, ele não é só incorporado ritualmente ao grupo como passa a exercer a função mediadora entre os homens comuns e a divindade.

Nesse contexto, as palavras de TURNER, adquirem realce especial. Ele sugere que a tensa oposição entre a “*communitas*” e estrutura é que está situada por trás do aspecto sagrado. E a “*communitas*” vem criar um espaço para os que estavam ou se sentiam à margem da estrutura social se situem e se sintam valorizados.

3.3.4. A correlação entre valores universais e espiritualidade

Um outro ponto interessante abordado por TURNER, a exemplo dos Ashantis, refere-se a uma das características da “*communitas*” que é a “correlação entre personalidade e valores universais, de um lado, e o ‘espírito’ ou ‘alma’ de outro.” (1974:148) Esta característica da *communitas* parece ser recorrente também no contexto do PUR. Quando se pensa no objetivo do Projeto de formar um profissional diferenciado, no sentido de estar comprometido com a ética, é estabelecida uma clara correlação entre espírito e valores universais (e também seculares). Acredita-se que é a prática espiritual ou a vivência religiosa experimentada pelos membros do PUR, sobretudo no Grupo de Oração, que irá modelar o sujeito para que ele se torne um “profissional do reino”. Ou seja, defende-se que as experiências espirituais interferem e moldam a personalidade do adepto, de modo que ele passa a ter um maior comprometimento com os valores universais como honestidade, respeito aos próximos.

3.3.5. A potencialidade e a qualidade existencial na *communitas*

Restam ainda dois pontos importantes a serem destacados em relação à “*communitas*”. TURNER chama a atenção para a natureza espontânea, imediata

e concreta da *communitas*, características opostas às da “natureza governada por normas abstratas, institucionalizada da estrutura social.” No entanto, a “*communitas*” só surge justaposta, como uma alternativa, uma resposta à estrutura social vigente. Aqui, se estabelece entre a *communitas* e a sociedade uma dialética que funciona da seguinte maneira:

“Existe, aqui, uma dialética, pois a imediatidade da ‘*communitas*’ abre caminho para a mediação da estrutura, enquanto nos *rites de passage* os homens são libertados da estrutura e entram na ‘*communitas*’ apenas para retornar à estrutura, revitalizados pela experiência da ‘*communitas*’. Certo é que nenhuma sociedade pode funcionar adequadamente sem esta dialética.” (TURNER, 1974: 157)

Esse novo grupo ou nova forma de comunidade tem a qualidade existencial e o aspecto da potencialidade, ou seja, abrange a totalidade do homem no que se refere à busca de respostas e de sentido para a existência e para os acontecimentos. Aqui, a arte e a religião aparecem como produtos dessas características. Para citar o autor:

“Os profetas e os artistas tendem a ser pessoas liminares ou marginais, ‘fronteiriços’ que se esforçam com veemente sinceridade por libertar-se dos clichês ligados à incumbência da posição social e à representação de papéis, e entrar em relações vitais com os outros homens, de fato ou na imaginação.” (1974: 155)

A “*communitas*” abre espaço para o indivíduo se manifestar e propor novas atitudes na busca/necessidade de reelaborar o mundo e as relações. Ela entra na liminaridade das estruturas sociais e permite que o indivíduo vá além das relações estruturadas e institucionalizadas, exatamente por isso ela adquire um aspecto de “sagrado”, como fala o autor:

“A ‘*communitas*’ irrompe nos interstícios da estrutura, na liminaridade; nas bordas da estrutura, na marginalidade; e por baixo da estrutura, na inferioridade. Em quase toda parte a ‘*communitas*’ é considerada sagrada ou ‘santificada’, possivelmente porque transgredir ou anula as normas que governam as relações estruturadas e institucionalizadas, sendo acompanhadas por experiência de um poderio sem precedentes. Os processos de ‘nivelamento’ e de ‘despojamento’ (...) freqüentemente parecem inundar de sentimento os que estão sujeitos a eles.” (TURNER, 1974: 156)

Desse modo, e voltando à hipótese mencionada anteriormente em relação à adesão ao PUR, quem se sente excluído ou à margem dos agrupamentos ou estilo de vida existentes no ambiente universitário, encontra no PUR uma alternativa para as questões ligadas à existência e ao mundo.

Além disso, pode-se pensar a potencialidade desses membros sob outra perspectiva: a partir do momento em que eles criam um novo sistema de normas e buscam adotar um novo estilo de vida, é inegável o poder que eles têm para interferir na sociedade. Embora, como sugerem as declarações feitas durante as entrevistas, na RCC busca-se mudar e “repensar as relações” nas esferas onde o adepto está envolvido diretamente, onde ele é ator.

CAPÍTULO IV:

CONVERSÃO: AS CONDIÇÕES, O CONCEITO E A EXPERIÊNCIA

4.1. Do participar ao pertencer:

O campo, no qual a pesquisa empírica foi construída, apontou a necessidade de lidar com os conceitos de adesão e conversão como atitudes distintas. A diferenciação aqui apresentada baseou-se na compreensão elaborada pelos próprios entrevistados. A adesão é compreendida como a inserção em cerimônias ou grupos religiosos, a partir da participação. Essa participação refere-se a estar presente independentemente de um comprometimento pessoal com a doutrina religiosa e apresenta-se como uma atitude planejada em busca de resultados definidos; seja satisfazer a expectativa de outras pessoas, seja encontrar um grupo de apoio, seja satisfazer uma curiosidade, seja um desejo de (re)aproximar do mundo sagrado.

A adesão dos entrevistados ao PUR aconteceu de forma variada, em termos das causas e dos níveis de motivação para a participação. Torna-se interessante observar que todos os membros entrevistados são de famílias católicas, praticantes ou não. Desse modo, todos já haviam sido batizados e já tinham tido um contato com o catolicismo. A maioria era “católico não praticante” e somente uma entrevistada tinha, em sua trajetória religiosa, experiência em outra religião.

De acordo com alguns autores, como MACHADO (1996), a tradição do grupo doméstico de origem é um dos fatores que mais influencia a religiosidade dos indivíduos. Nesse sentido, torna-se interessante observar a influência do grupo doméstico reforçando a religiosidade ou, pelo menos, não deixando que a religião seja esquecida. A entrevistada D-L-SF comentou sobre um terço, que lhe foi presenteado por sua mãe e usado num momento de dificuldade, talvez como um objeto que pudesse oferecer a solução dos problemas. A entrevistada MT-L-SF também comenta sobre o incentivo da avó como um fator de motivação para a participação em eventos organizados pela Renovação Carismática. Ela diz o seguinte:

“Eu fui porque eu quis, né... foi um convite e foi a vontade de ir também. Porque minha vó, por ela já ter...já participar da Renovação Carismática há um tempo, sempre me falava da Experiência de Oração, então ela vivia insistindo para que eu fosse...”

De acordo com MACHADO (1996), alguns autores têm afirmado que a adesão ao Movimento Carismático não tem um significado de reconversão, mas de renovação de espiritualidade católica, isso porque a maioria dos fiéis possui em sua história “fervor e engajamento na Igreja Católica”. No entanto, a autora alerta que é também significativa a parcela de adeptos que teve até o momento de inserção na RCC uma vida espiritual completamente diferente. Para esses, a entrada no Movimento tem o sentido de um renascimento que caracteriza a conversão religiosa, provocando, em muitos casos, a adoção de novos comportamentos dentro e fora do espaço religioso. Características como uma relação intensa e íntima com a divindade, o emocionalismo e a possibilidade de o leigo executar determinados serviços religiosos são algumas das características das religiões em expansão nas últimas décadas e que também compõem o perfil do adepto da Renovação Carismática.

O fato de a Renovação ter atraído muitos católicos “não praticantes” é inegável e pôde ser percebido nas entrevistas realizadas; como exemplo tem-se os seguintes trechos:

“Aliás, se a Igreja hoje está se renovando, o que tem atraído os jovens para a Igreja, que tem atraído as pessoas para a Igreja, é o Movimento da Renovação Carismática, né? (...) Sem dúvida nenhuma, esse arrebanhamento que tem havido dentro da Igreja, diante da perda de fiéis, né? Para seitas, para religiões evangélicas... a Renovação vem a ser exatamente uma, uma reconquista da Igreja, uma ação muito forte do Espírito Santo na vida de homens, mulheres, rapazes e moças, né? Que vêm assim, imbuídos desse Espírito, né? Isso também, pela própria organicidade do Movimento, né? (...) é um grupo que tem uma organização muito grande, né? Em termos de distribuição de trabalho, de funções... em termos de realização de obras.” (Capelão)

“Eu acho que a Renovação Carismática tem sido, é... fundamental, principalmente nesse ponto de reconverter o cristão, de resgatar aqueles que estão no banho-maria,

né? Ou aqueles que estão, assim, dado à... superstição ou tipo de coisa desse tipo.” (JM-GS-SM)

Dos dezoito membros do Projeto que foram entrevistados, cinco aderiram ao Movimento por iniciativa própria, em decorrência de crise pessoal ou simplesmente por curiosidade ou desejo de buscar apoio. Alguns entrevistados demonstraram claramente que a busca do sagrado não foi o motivo principal da adesão ou retorno ao grupo religioso. JM-GS-SM diz o seguinte em relação à sua participação no grupo de jovens¹, de sua cidade de origem:

“Ele [um amigo] virou prá mim e ‘vamo lá no grupo de jovens’, aí, ‘mais ele existe ainda?’... Aí fomo lá... Movido um pouco pela curiosidade, um pouco pelo fato de que eu sou um pouco isolado e... sempre... sempre buscar alguém que... que... sei lá... um apoio e tal... então, juntando todos esses fatos, tem Deus também correndo por fora, né?” (...)

Em relação à participação no Grupo Semente:

“O Semente... eu sempre tive... vi folhetinhos espalhados pelos campus... é... a gente vai estudar tal carta... a gente vai estudar tal evangelho... mas assim, eu não tive ainda aquela curiosidade de participar, mesmo porque, eu sou muito ... como é que eu vou dizer... um pouco tímido, né... E um pouco, sei lá... meio dificuldade de me associar... coisa assim.” (JM-GS-SM)

Dentre os entrevistados, cinco pessoas assumiram que se inseriram no Movimento quando estavam vivendo situações adversas, como dificuldades com a vida acadêmica ou crise pessoal, como depressão e dificuldade de relacionamento com o novo grupo de convivência, como expressam os seguintes trechos das entrevistas:

“Tudo que eu queria era ir embora daqui. Então... assim, eu tive problema de depressão, muita coisa, assim... aquela coisa, assim...básica de estudante que sai de casa e vai prá longe, né? Aí no final de 98 eu fiz a Experiência de Oração aqui. Eu sentia falta porque na minha cidade eu já mexia com movimento, já... catequese, mexia com primeira eucaristia... com crisma, com grupo de jovens... então sentia muita falta. Aí, todo mundo: ‘Ah, cê tem que

¹ O Grupo de Jovens freqüentado pelo entrevistado tinha como característica a atuação no âmbito social. No entanto, quando JM-GS-SM retornou ao Grupo ele havia mudado, passando a ter características carismáticas. Esse foi o primeiro contato do entrevistado com o Movimento da RCC.

voltar, né?’ (...) Além de tudo ainda tava indo mal na universidade... então tudo isso tava pesando.(...) Aí na Experiência eu soube do Semente (...)

(T-GS-SF)

“E, assim, eu passei por muitas dificuldades e tudo... e eu comecei a passar por um problema muito grande... eu não conseguia encontrar mais apoio, eu não conseguia resolver com o apoio da minha família, nem com o apoio dos meus amigos. Então minha mãe me deu um terço, e eu comecei a vir aqui na Capela todo dia rezá um mistério do terço, mesmo sem saber, né? (...) E... quando eu cheguei na casa da minha amiga, que eu tinha marcado prá estudar, eu falei prá ela que eu tinha descoberto, tinha descoberto porque que eu tava em Viçosa, né? Eu tinha vindo... eu tinha um encontro com Deus. E daí prá lá só foi cada vez mais me apaixonando, né?” (D-L-SF)²

Dois entrevistados assumiram que a adesão, ou seja, o retorno à Igreja ou ao PUR, aconteceu pelas circunstâncias e não pelo desejo pessoal. Essa situação inclusive faz parte da história de conversão do Presidente do Projeto. Segundo RA-L-SM, sua primeira participação no Movimento aconteceu quase que por um tipo de “obrigação”, mas mesmo assim é considerada como o passo inicial para a real conversão³. O entrevistado conta que:

“Foi um convite, de uma amiga da minha irmã. A gente morava lá no alto do morro e ela foi lá levar o convite. Então aí não tinha como... e quando a pessoa fala assim, ‘eu pago prá você’, você não tem mais nenhuma desculpa, então você acaba indo. Então, foi mais ou menos assim...”⁴

O entrevistado F-GS-SM assumiu que voltou a freqüentar a missa aos domingos em decorrência do convite de sua namorada que já participava do PUR, mas que essa participação acontecia com um sentimento de resistência. No

² Nessa fala, como em vários outros momentos é possível perceber a confiança dos adeptos de que a situação que ocasiona a mudança de vida faz parte dos planos de Deus.

³ A “real conversão” tem o sentido de uma opção consciente e, por esse motivo, implica um comprometimento pessoal com a doutrina.

⁴ Posteriormente, foi comentado pelo mesmo entrevistado sobre as dificuldades que enfrentou quando assumiu a coordenação do Projeto. No entanto, esclarece que confiou e encontrou forças em Deus. Isso porque ele compreende que sua posição no movimento aconteceu por uma “escolha pessoal de Deus.” Nas palavras do entrevistado:

“(...) às vezes Deus destaca dentro do Grupo, justamente porque você é a pessoa que Ele quer. E a gente que coordena os trabalho, a gente vê... a gente sabe o tanto que a gente é limitado, o tanto que a gente é incapaz... (...) Só que, dentro de todo aquele povo, Deus precisava de alguém e Ele escolheu você. Então, quando é uma escolha pessoal de Deus, aí... você sabe que Deus tá do seu lado, então... (...)”

entanto, a resistência foi sendo vencida paulatinamente dando lugar a um processo de conversão. Ele diz o seguinte:

“Com o espírito de... de até mesmo contradição... de rebeldia, de tentar contradizer, de tentar trabalhar a todo instante o contrário do que eu tava ouvindo na missa. Isso não foi só a primeira vez, foram as primeiras vezes (...) e sem a interferência de ninguém a minha opinião foi sendo formada. Eu acho que fui sendo tocado por Deus mesmo, e, igual eu falei, eu não tive influência e fui vendo que a doutrina, ela era uma forma muito boa de você conviver com o próximo.”

A curiosidade como um elemento que leva à conversão foi citada também pelo Presidente do Projeto em relação à participação de muitas pessoas no Grupo de Oração nos dias atuais, mas especialmente no início do Movimento. Ele comenta que quando o Grupo se reunia no estacionamento da UFV (no início da década de 80), ocasião em que o capelão, que havia assumido recentemente o cargo, não aceitava as reuniões do Grupo de Oração dentro da capela; vários estudantes observavam o Movimento e por curiosidade aproximavam-se. Essa aproximação muitas vezes conduzia à conversão.

A entrevistada A-L-SF comentou que a conversão depende também dos planos de Deus, como, por exemplo, aconteceu com Paulo Apóstolo, onde Deus “providencia” algum acontecimento que ocasiona a mudança de vida, até mesmo independente de haver adesão à Igreja. Muitos dos entrevistados parecem reconhecer “o plano de Deus” em suas vidas, inclusive conduzindo ao processo de conversão⁵. Nesse contexto, compreende-se que não se tem definido um único caminho para a conversão; ela pode acontecer das mais variadas formas, de acordo com os planos de Deus. Desse modo, qualquer caminho é visto como legítimo, por ter sido traçado pela divindade.

A maioria dos entrevistados comentou sobre a divulgação dos eventos e reuniões como um fator que motivou a participação. Um outro elemento citado,

⁵ Essa confiança total na Providência Divina é marcante no Movimento e pode ser percebida também nas entrevistas e nas orações pessoais que acontecem nos vários Grupos do Projeto.

talvez o mais importante em relação ao poder de influenciar muitos estudantes a participarem do PUR, foi o convite pessoal, feito por amigos ou colegas⁶.

Nesse sentido, tem-se a fala de S-GS-SF:

“Foi um amigo que me convidou prá participar de um pique-nique... aí que eu tomei conhecimento do grupo. E depois os meninos do grupo, a Cristiane e o Geraldo me convidaram e eu resolvi ir.”

O nível de organização dos membros do Projeto no que se refere à divulgação do Movimento por meio dos cartazes, avisos e convites pessoais é imensa. Nas lousas das salas de aula são colocados (e recolocados) os horários e locais das reuniões; pequenos panfletos são distribuídos nas mesas dos refeitórios, cartazes e avisos também são afixados nestes locais. Até mesmo no dia da matrícula dos estudantes “calouros”, período em que os “veteranos” estão de férias acadêmicas, são distribuídos panfletos divulgando o Projeto e convidando para as reuniões. Inclusive, uma das entrevistadas comentou que sua primeira participação no Grupo Semente foi motivada por um panfleto recebido na ocasião da matrícula.

O leque de atividades promovidas pelo Projeto como um todo e por cada grupo especificamente é enorme. Não se tratam de atividades restritas ao campo religioso, envolvem também atividades de lazer e descontração. Desse modo, além de tornar o Movimento mais atrativo, o converso pode, dentro do mesmo grupo de pessoas, que comungam as mesmas idéias religiosas; realizar as mais diversas atividades. Esse é, sem dúvida, um dos fatores que vêm reforçar a união entre os membros dos grupos e satisfazê-los em vários aspectos. Nesse sentido, o movimento religioso amplia seus “produtos”, de modo a não mais possibilitar e oferecer somente uma relação homem/divindade, mas também diversão, atividades de lazer e socialização⁷.

A relação entre adesão e conversão pode apresentar as mais diversas formas. Há casos, como é possível perceber em depoimentos já relatados, em que

⁶ Torna-se importante ressaltar que durante a inserção no PUR (considerando as reuniões e eventos) foi possível perceber a união e o comprometimento pessoal dos membros em divulgar e incentivar a experiência religiosa; talvez esse seja um dos fatores decisivos para o grande número de participantes.

⁷ O fato de a Igreja, atualmente, oferecer uma diversidade de “produtos”, muitos dos quais oferecidos também sob rótulos seculares é tratado por BERGER e FRIGÉRIO.

a adesão acontece anteriormente à conversão. Nesses casos, se estabelece uma relação de meio-fim, onde as pessoas começam a participar das atividades religiosas sem terem passado pela experiência da conversão, no sentido atribuído por esses próprios atores. A conversão vem a acontecer como uma consequência, ou seja, devido à inserção do indivíduo no movimento religioso, ele é levado, ou melhor, ele se coloca numa condição de desejar e buscar a conversão. Acrescente-se ainda o fato de passar a freqüentar situações propícias para que a conversão aconteça. Nas palavras do presidente do Projeto:

“É... isso acontece. Eu vejo mais ou menos como um ciclo, né? Quer dizer, quando você pensa em conversão como um primeiro contato, mas você não queria... eu não queria estar na Experiência de Oração. No entanto, ali começou a minha conversão. Por quê? Porque Deus me tocou profundamente, porque Deus... Deus... isso também é eleição de Deus. Então é um certo mistério. Por que que Deus resolveu tocar a mim, que tava fechado, e não a um outro que tava tão aberto. Então isso de certa forma é um mistério... e eu não sei te falar, assim... mais... aí você é tocado e você começa a conversão e, depois, devido a adesão, você se converte também.”

4.2. Conversão: o conceito e a experiência

De modo geral, os membros do PUR entendem a conversão como uma mudança de vida, no sentido de que as atitudes passam a ser orientadas por novos valores, de acordo com a doutrina. Essa compreensão pode ser exemplificada pelas seguintes definições:

“Conversão, prá mim, é mudança de vida. É, basicamente, mudança de paradigma, mudança de seus valores, tudo que você pensa, tudo que você é... imagina prá você. É, imagina prá você, lá na economia a gente tem muito aquelas curva de preferência, né? A teoria do consumidor (...) então a curva de preferência hoje, são ditadas, é... pela televisão, pela sociedade, pelo ambiente que você tá, então ... valores de prazer, de poder, de você ter as coisas prá podê ser feliz, e tal... Então a conversão te dá uma guinada, né? Digamos, muda os seus valores, né? Você começa ter prazer em outras coisas em que o mundo não te dá abertamente. Eu vou te falar: a presença de Deus, olha, Deus está com você, então você não precisa de dinheiro. Então, pôxa, prá que que eu preciso

de... né? Deus te dá alegria, olha só a alegria da Experiência de Oração, então tudo isso vai mudando os valores da pessoa, né? Então prá mim, conversão é isso, é entrar dentro do desejo da pessoa, e... e a conversão então é mudar prá Deus. É mudar prós valores do evangelho. Né? (RO-L-SM)

[conversão] “é a partir do momento que você pratica, que você passa a praticar (...) que você começa a observar, você passa a falar assim: bom isso aqui é o certo, e isso errado, porque eu tô fazendo isso, né? ... no namoro, no convívio com as pessoas... (O-GS-SM)

A conversão, como definida pelos entrevistados, é considerada uma atitude consciente, voltada para a vida prática. No entanto, quando esses mesmos entrevistados foram falar sobre a experiência pessoal da conversão, ela se apresenta como uma experiência emocional, marcada por sensações físicas e psicológicas. Fala-se em um momento de retirada do cotidiano, um momento de êxtase. Aqui, na maioria das vezes, esse encontro acontece e gera um “aquecimento” ou uma emoção incontrolável como o choro, muitas vezes inexplicável pelo próprio converso; sensação de queimor, que precede uma “paz interior”, uma alegria diferente, um desejo de partilhar a experiência e de anunciar o evangelho. Usando a terminologia de Weber, vive-se um momento de “euforia”. Esses sentimentos foram expressos da seguinte maneira:

“Eu senti um clima completamente diferente, sabe? Quando a gente sente um clima leve, o corpo leve, assim... sabe? Coisas que... que ... consegue ter percepção, quem já sentiu, sabe... aquele momento de êxtase mesmo, sabe?” (WE-GS-SM)

“Eu lembro até hoje os detalhes da Experiência de Oração, a parte que mais me marcou. A hora, assim, que eles entraram com o Santíssimo e pediram prá gente tocá o Santíssimo, né? E depois que eu toquei o Santíssimo eu tive uma experiência profunda da presença de Deus ali. Eu como católico, eu não via Jesus na eucaristia, né? E depois que eu toquei, eu toquei, senti a presença Dele, eu me levantei de uma forma totalmente diferente, né? A presença Dele, a confirmação Dele ali, o abraço que Ele me deu pessoalmente, fisicamente, né, pelo Espírito Santo que tem ali, foi tão forte que depois eu tive que abraçá a coordenadora, falar o que eu sentia ali, e... eu não partilhei com o grupo todo não, partilhei com ela com um sorriso e abraçando as pessoas de forma diferente. “(RO-L-SM)

“Então lá, eu realmente, me senti como uma conversão, onde eu tive a minha primeira experiência com o Espírito Santo. Que eles falam Batismo, né, no Espírito Santo. Então, ali que eu tive aquela,... o primeiro amor, né? Aquele fogo... aí eu voltei assim, com aquele fogo, aquela vontade de estudar, vontade de participar mais e mais... aquela coisa toda.” (MA-L-SF)

WA-GS-SF comenta sobre o que sentiu quando participou da Experiência de Oração, ocasião de seu primeiro contato com a Renovação Carismática e com o PUR:

“Teve a Efusão no Espírito Santo... que foi assim... é... prá mim foi totalmente novo, porque eu vi... essas pessoas chorando muito, tomando atitudes, assim, muito estranhas até, outras rindo demais, foi... e eu não tive domínio das minhas sensações... então eu também fiz coisas, assim, que eu não tava esperando... Foi muito válido. Assim... que ... parece que a gente se solta e... toma um banho de Espírito Santo, uma coisa assim...”

Quando perguntada sobre o que sentiu fisicamente, ela comenta o seguinte:

“Chorei muito, muito... é... como tava tensa, tava vendo muita gente falando ao mesmo tempo, falando coisas assim... eu não tô entendendo, é... eu fiquei com medo, e também tava trêmula... e... cabeí, que... e as pessoas que rezariam por mim, poriam as mão em cima de mim... eu não tive condições de ouvir o que elas estavam falando comigo, era muito importante.”

Embora para WA-GS-SF esses sentimentos tenham sido vividos de maneira confusa, eles foram seguidos por uma sensação de paz.

“Paz... tranquilidade... é... pude ... um descanso, seria um repouso, que eles comentam... que parece que a gente fala tudo que tava precisando falar... né? Alguns escutam o que precisam ouvir, e depois é como se fosse descansar...”

Ainda comentando sobre o momento pessoal que marcou a trajetória pessoal de conversão, tem-se o seguinte comentário:

“A gente sente mesmo, algumas coisas... parece que ... sei lá.... aquele negócio de sempre... aumento de pressão, calafrio na barriga.... eu não sei se é o emocional que

desencadeou esse trem... (...) Eu não sei se é um processo extra-fisiológico ou se é só emoção do momento.” (F-GS-SM)

É interessante esclarecer que F-GS-SM e WA-GS-SF, que assumiram a incerteza de que os sentimentos experimentados na conversão são de “natureza divina”, não se demonstraram à vontade para viver os carismas, ou seja, eles sentem um certo estranhamento com as práticas da Renovação Carismática. Talvez por esse motivo, a participação desses dois entrevistados aconteça somente no âmbito do Grupo Semente que é um grupo de estudos bíblicos e que, por essa natureza, não enfatize tanto as práticas da RCC. Nenhum entrevistado, membro de outro grupo do Projeto, manifestou dúvidas em relação à natureza dos sentimentos. Acontecia exatamente o contrário: os sentimentos eram valorizados e considerados “sagrados”, como expressam os seguintes trechos das entrevistas:

“Difícil de explicar... mas o corpo se aquece de tal maneira que ... não dá prá explicar ... e a gente chora, né! No momento, e ... e assim, depois ... a gente sente um pouco mais de alegria, entendeu? (...) E um calor que te enche de desejo ... um desejo de estar sempre buscando...” (J-GS-SM)

“Ah, eu senti um fogo, assim parecia... ao mesmo tempo que era um fogo, tava me lavando, também, sabe? Eu senti aquela coisa assim.... aquele fogo... queimando, purificando... tudo que tava no meu coração.” (S-GS-SF)

“(...) eu parecia uma torneira aberta. Eu corria nos corredores e chorava, me escondia, chorava; eu ia no banheiro, chorava. Nunca chorei tanto na minha vida. Tudo me tocava, tudo, tudo... cada detalhe. Cada forma das pessoas andarem, sabe? Porque é aquela coisa, a mudança de paradigma foi tão forte, que aquele paradigma de concorrência, de ter que ser melhor, de é... de sempre tá em luta contra você mesmo, e contra os irmãos. E você ter tá num local, onde você não precisa mais lutar com você mesmo nem com as pessoas, mas ao contrário, você é chamado a amar a você mesmo, a chamar as pessoas e ter experiência de amor, então... aquilo prá mim era uma novidade tão grande, tão forte, que só pelo fato de tá presente na essência da fé, eu já tinha uma... um sentimento de emoção.” (RO-L-SM)

A conversão, segundo os entrevistados, mostra-se bem próxima da concepção de “renascimento” apresentada por Weber. Segundo o autor, o renascimento é considerado um dos pontos centrais de muitas doutrinas e surgiu a partir de crenças mágicas nos espíritos, quando se pressupõe a posse de um carisma mágico e refere-se à

“Aquisição de uma nova alma, por meio de um ato orgiástico ou através de um ascetismo metodicamente planejado. Os homens adquiriam transitoriamente uma nova alma no êxtase; mas, por meio do ascetismo mágico, poderiam tentar conquistá-la permanentemente.”
(WEBER, 1982: 322)

Weber esclarece que quando a esperança da salvação envolve um processo de santificação “ou pelo menos conduz a esta ou a tem como condição prévia”, ela pode se apresentar como um processo que é construído paulatinamente ou como uma mudança brusca de espiritualidade, como um “renascimento”. Esse comentário torna-se importante porque no Movimento da Renovação fala-se da vocação que todos têm para a santidade, e a conversão, por sua vez, é entendida como um processo, no qual se busca alcançar níveis cada vez mais elevados de santidade.

Os membros do PUR defendem que a mudança de vida pode acontecer de forma radical. No entanto, foi unânime a idéia de que para se manter orientado pelos novos valores é necessário aderir a um processo de conversão diário e contínuo; ou seja, embora com momentos marcantes, a conversão é um processo que se constrói a cada dia através de esforço e entrega pessoal, além de um comprometimento com a doutrina que, como foi defendido, ocasiona uma maior coerência entre ela e a vida prática⁸.

Com base nesses depoimentos, a conversão, assim como o renascimento de Weber, não é um acontecimento isolado e definitivo, sendo necessário uma reafirmação cotidiana. A necessidade e a possibilidade dos conversos renovarem-se espiritualmente aparece como uma preocupação comum entre os entrevistados. A idéia de conversão constante é consensual entre os carismáticos, inclusive

⁸ Mesmo considerando a conversão um processo, RA-L-SM, em um determinado momento durante as entrevistas, se contradiz falando que “quando você encontra mesmo com Deus, aí você não volta. Quem é tocado pela mão de Deus, não volta atrás.”

porque o carisma, enquanto um dom, tem que ser buscado e alimentado cotidianamente. Comentou-se, inclusive, sobre o erro que as pessoas cometem ao dizerem “eu sou um convertido”.

O processo de conversão é assim justificado pelos conversos:

“Eu acho... que a gente se converte um pouquinho a cada dia... conversão prá mim, é... você apreender ... e colocar em prática o que Deus ensinou. (...) Aos pouquinhos vai tocando o coração e você vai colocando isso tudo em prática”.(I-GS-SF)

“Tem um momento mais marcante que a gente percebe que a gente quer a conversão e depois vem todo um processo. Depois... a gente vai mudando, as atitudes, vai mudando o nosso pensar...” (MT-L-SF)

“Mas acontece o seguinte, além desse primeiro fato, desse primeiro choque... mesmo no meu caso, né, que a conversão foi um negócio chocante, mudou de repente... agora, eu abracei um processo, né... porque é o que eu falei, a conversão tem dois momentos distintos, um que é o primeiro momento que é aquele choque, e outro é aquele processo constante, então você tem que converter todo dia... é porque, hoje, você tá aqui.. você converteu, ótimo, você não é santo, não adianta (...) Então você sempre vai cair, a gente que é jovem, a gente sente cair muito, né... tem o lado... tem o lado da... da sexualidade, da genitalidade, e nesse ponto a gente cai muito... Mas também tem que estar sempre buscando consertar... buscando converter. Uma coisa é voltar prá Deus, você volta prá Deus, bem, mais seus defeitos ainda estão com você... você vai se corrigindo, e esse que é o processo importante, e esse processo vai até o fim da linha...” (JM-GS-SM)

A freqüente participação na celebração da missa, inclusive na eucaristia, e a reza do terço foram as práticas mais citadas pelos entrevistados para se alcançar ou manter o estado de conversão⁹. Além dessas práticas, a “abertura de coração” foi citada como um dos fatores essenciais, tanto para o momento marcante inicial, como para se renovar o propósito de conversão.

De acordo com as entrevistas, embora não se mencione explicitamente o que significa a abertura de coração, ela parece representar uma anulação das resistências e questionamentos que possam impedir um relacionamento “íntimo

⁹ Torna-se interessante registrar que todos os entrevistados tinham o hábito de rezar o terço (ou procuravam tê-lo).

do Deus”; ou seja, busca-se anular tudo que possa dificultar ou impedir o desejo e a experiência de se sentir a ação sobrenatural. Esse sentimento pode ser percebido nas palavras de T-GS-SF e de C-GS-SF, respectivamente:

“Então eu entendo, meu conceito de abertura, que eu estava aberto a ação de um Deus (...) Agora, se eu creio que ele vai agir, é diferente. Eu estou aberto que ele aja, eu não sei se eu acredito que ele vai agir (...) Eu posso estar ... aqui, tenho fé, sou católica já, aqui no meu mundo eu não estou legal, não estou nos meus melhores dias. Eu vou no Grupo de Oração e o Grupo de Oração foi uma benção prá todo mundo, menos prá mim... (...) O primeiro passo é abrir o coração”

“A fé vem não com nosso mérito, mas porque abrimos o coração e recebemos a graça de Deus.”

A necessidade de abrir o coração apareceu em muitas entrevistas, às vezes até mesmo como uma condição para se converter, para sentir a “ação do Espírito Santo” e para estabelecer uma “intimidade com Deus”. Essa intimidade com Deus é um dos pontos centrais do processo de conversão e, na quase totalidade das entrevistas, é o marco inicial. Inclusive, foi possível observar que pessoas dentro do Movimento consideram que só quando se experimenta tal intimidade, é possível iniciar o processo de conversão e fazer parte do grupo.¹⁰

Embora a conversão tenha sido considerada um processo, a quase totalidade dos entrevistados manifestou um especial entusiasmo com seu momento inicial, como um momento definitivo e vivido de maneira carregada de emoção. No entanto, quando questionados sobre a relação fé e sentimento, foi unânime a posição de que são coisas distintas, embora todos reconhecessem que a emoção esteve presente na trajetória individual de conversão. Ao explicar como compreendiam essa relação, foi freqüente caírem em contradição, ou seja, eles não têm dúvida de que são coisas de naturezas distintas, mas falam de abertura de coração e de intimidade com Deus, atitudes que passam pela esfera do sentimento. Essa contradição pode ser percebida nas falas abaixo:

“.... Não, não ~~tem~~ que sentir nada, por exemplo, você sente paz, paz no coração, e se você sentiu isso, lógico,

¹⁰ No SEARA de 2000, durante um momento de oração, ficou clara a concepção de que é necessário “sentir”. (esse ponto foi abordado no último capítulo). No entanto, no decorrer das entrevistas foi possível observar que essa compreensão não é a da maioria dos adeptos do Movimento.

*...você sentiu alguma coisa (...) Desde o momento que você sente paz estando na presença de Deus, né! (...) Você vai à Igreja, se prosta diante do Santíssimo e clama por Deus, e você conversou com Deus, né. (...) Colocou seus problemas, suas alegrias, dificuldades e creu no seu sentimento perante Deus, conversou bastante com Ele. Claro que não é ficar com o coração fechado, você tem que se abrir também (...) e chorar, o que você quiser. **Seu sentimento está ali.**" (O-GS-SM)*

***"Fé não é sentimento, entendeu? Fé é ter certeza daquilo que não se vê! Quanto ao receber a graça, o que pode acontecer também é que pessoas no SEARA estavam sem fé.(...) Porque quanto mais você se abre, mais Cristo, mais ele vem até você, entendeu? Tudo é questão de abertura (...) se você se abrir Deus vem e você sente. (...) Cada coisa tem sua hora."**(J-GS-SM)*

Embora a relação entre fé e sentimento seja abordada de maneira conflituosa, "o sentir" aparece como algo sublime, seja como confirmação de uma intimidade com Deus ou como um sinal de pertencimento, e, por essa razão, é desejado e valorizado.

Esses sentimentos estão explícitos nos seguintes trechos das entrevistas:

"Eu acho assim, é... fé realmente não tem nada a ver com sentimento. Mas Deus usa de muitas formas, né? Prá mim, se fosse hoje... às vezes eu passo por momento que eu não tenho essa sensação física. Mas eu consigo sentir a presença de Deus. Sabe? Eu creio nessa presença, só que eu acho que no momento, do jeito que eu tava antes, eu precisava sentir na pele, sabe? Aquela coisa física. Então eu acho que Deus trabalha em cada um diferente. Às vezes uma pessoa, ela não precisa sentir nada prá... crer na presença de Deus. Outras, elas precisam sentir e precisam sentir muito. Então eu acho que é... essa particularidade de cada um, o que cada um precisa." (D-L-SF)

"É, isso é verdade sim... por exemplo, eu não vivi um momento de emoção na Experiência de Oração, mais foi um marco, que eu entrei na caminhada. Foi o ponto inicial, foi um dos pontos principais da minha vida. Tem um ou outro momento, foi... no Pentecostes de 97 ainda, quer dizer, uns seis meses depois mais ou menos, que foi... foi por emoção e... foi o momento, vamo dizer, que eu mais... confirmei minha caminhada, vamo dizer assim... onde eu mais... tive a certeza de que era ali que eu deveria tá." (RA- L-SM)

"Fisicamente, aí é que tá, né... curioso... dentro da Renovação Carismática (...) a gente vê coisas

maravilhosas, né? São pessoas curadas fisicamente. Pessoas que sentem a presença do Espírito Santo, que choram, que se disporjam... pessoas que repousam no Espírito (...) Sempre quando a gente entra na Renovação Carismática, a gente sente, o Espírito Santo agindo de fato... sei lá... a gente sente um ... uma espécie de calafrio que não... não provém de frio... um certo... uma leveza... é... é... normal, né, dentro do cultos carismáticos. No meu caso, assim... eu não passei por nenhum processo de Repouso no Espírito... eu não passei por um processo de choro... eu sempre fico complicado... eu, ‘oh, meu Deus, eu quero chorar, eu quero sentir...’ (...) (JM-GS-SM)

“É porque, geralmente, o que eu já observei, o que eu já percebi, é que... essas manifestações de... o Batismo no Espírito Santo, através de arrepio, através desses sentimentos, isso acontece quando a pessoa tá mais num estado de graça, num estado mesmo de... é ... fez uma confissão, tá com o coração mesmo limpo, puro... Então, aí sim, você tem uma sensação física. Mas não que isso seja necessário para iniciar, se integrar, né... prá ser um membro dessa comunidade (...) Porque, inclusive, em outros encontros, a gente vê falar isso: se a gente não tá sentindo nada ali agora, é porque é um processo. Deus ainda não quis que aquele momento fosse o momento escolhido prá pessoa sentir...”(MT-L-SF)

“Assim... há, uma paz muito grande, sabe? No coração... aquela vontade de ir até todos e falar... de falar o nome de Jesus prá todo mundo, entendeu? Tipo assim, se tiver algum amigo meu, chegar lá e... ‘ei, tem solução!’ De busca... de sair abraçando todo mundo... Reflexos bem físicos, mesmo! Espiritualmente eu me sinto bem mais tranqüila. Sempre quando eu tô assim, eu procuro sempre louvar o nome do Senhor e pedir prá que continue.”(S-GS-SF)

“Traz... traz emoção sim. Porque, nessa experiência que eu tive, naquele momento com o Espírito Santo, eu chorei muito, sabe?... Então, assim, é... Deus tava curando meu emocional, né? (...) O choro é sempre sinal de libertação, você chorar... é sinal de libertação...” (A-L-SF)

Além de ser algo desejado, quem não passa por essa experiência se sente diferente e incomodado. Essa situação aconteceu, por exemplo, na Experiência de Oração em 1999, onde uma participante, ao ouvir os depoimentos dos colegas sobre o que haviam sentido durante a “efusão no Espírito Santo”, manifestou-se dizendo que ainda não havia sentido “aquela emoção”, mas que ela iria continuar

insistindo nessa busca, pois sabia que estava no caminho certo. Nessa ocasião foi reafirmado pelos organizadores do evento que fé não é sentimento.

As explicações para essa relação tão experimentada, e ao mesmo tempo tão negada, são construídas argumentando-se principalmente que sentimentos são passageiros, já Deus é constante e que sentir a fé não vai aumentar a presença de Deus na vida do converso. Nas palavras dos entrevistados:

“Olha, eu sô completamente a favor que fé não é sentimento. Porque sentimento não significa uma coisa duradoura. Aqui, vão supô, você tá amando uma pessoa hoje, amanhã cê pode não tá mais. Cê tá gostando de uma pessoa, amanhã cê pode não tá. Então, eu acho o seguinte, que sentimento é uma coisa mais vulnerável, uma coisa de momento... E fé parte do sentido da razão porque... assim... cê pensa prá ter a fé.”
(WE-GS-SM)

Mas eu vejo assim, talvez pelo fato da pessoa ter uma fé mais fraca, ela precisa de uma ... um ‘acorda!’, né? Então Deus manda um prodígio, manda um sentimento prá que aquela pessoa sinta mesmo o poder de Deus e, a partir daí, tenha uma fé mais profunda... Talvez seja pelo fato de que a pessoa, pela carência dela (...). Esse ponto é mais interessante... talvez pela sensibilidade da pessoa, ela sente com mais facilidade a presença de Deus, coisas que outros, que são menos sensíveis, não sentem. (...) Mas isso não implica, pelo fato de que eu não choro, que eu não Repouso no Espírito, que, há, Deus me livre. Não, não é por aí, né...” (...) Também, talvez tenha ‘n’ outros fatores...
(JM-GS-SM)

“Eu acho que o fato de sentir emoção ou não, não vai aumentar ou diminuir sua fé, não vai aumentar a presença de Deus na sua vida. Isso é uma característica individual. Porque apesar de minha fé, assim,... Não é apesar... dentro da minha fé, eu sou muito racionalista. (...) A coisa é muito individual (F-GS-SM)

“É justamente, no início é um sentimento. É daí que Deus tira esse fogo, né. Porque a gente sente aquela coisa e fica... e aí, fé é algo, a fé da gente vai solidificando, que vai tornando, como que eu falo... uma coisa mais madura, mais serena. Não é aquele sentimento... se a minha fé for movida com sentimento, eu acho que eu já tinha largado a Igreja, né.”(MA-L-SF)

“Então... essa frase [fé não é sentimento] é até muito usada no nosso meio. Por quê? Porque, como eu falei tem

peçoas que têm mais facilidade de ouvir, outras têm mais facilidade de sentir... sentir o amor de Deus. Tem outras que são mais convencidas com mais facilidade das coisas... e ser convencido é a base, vamo dizer assim, ser convencido por Deus. E... tem outras que não. Aliás, mesmo as que têm mais facilidade, elas passam por períodos em que na mística, na história da espiritualidade dentro da Igreja, a gente chama de aridez ou deserto espiritual, que é quando você não tem vontade de rezar, então você sabe. Pela fé, você sabe, que aquilo é necessário, você sabe que aquilo é seu alimento, mas você não tem vontade... Então nesse momento, o que sustenta é a fé. É você saber, no coração, que aquilo lá, existe, só que ele não tá falando nada... (...) Então, muitas vezes, no nosso meio, é muito comum você sentir, as próprias terminologias ‘eu sinto que Deus tá falando isso’ ou ‘eu não tô sentindo paz’, a gente rezou mais eu não tô sentindo paz... ou eu tô sentindo paz (...) O girar em torno do sentimento é muito comum, só que, ao fato da fé não depender de sentimento é porque às vezes... a gente... na nossa comunidade, a gente... por exemplo, você tá, vive altos e baixos e Deus é sempre a mesma coisa, tem momentos que você tá mais aberto, mais feliz, vamo dizer assim e... tem momentos que você não tá tanto, e á quando tem dificuldades você tem a tendência a achar que Deus te abandonou e na verdade, a gente sabe que Deus é constante.” (RA-L-SM)

É interessante observar que dentre os entrevistados somente o capelão, que embora aceite e, de certa forma, valorize¹¹ o Movimento da Renovação, confirma a relação inevitável entre fé e sentimento. Ele diz o seguinte:

“O ser humano, ele é sentimento. O ser humano é sentimento... claro que se você disser que fé não é sentimentalismo... né? Esse piegismo, eu até entendo, né? Mas, o ser humano não vive sem sentimentos... tudo que existe na vida do ser humano, tem que haver sentimentos... Então, quer dizer, Deus é uma experiência. O que é uma experiência? Sentimento que se tem de Deus. Não é algo teórico, não é algo evazivo... não é algo que não diz haver... A fé, ela é extremamente do ser humano, em todas suas circunstâncias, né? Obviamente, se você está bem, obviamente que a fé também, ela é um pouco maior... Se você vive momentos difíceis, a crise de fé também acontece. Então, isso é muito humano, isso é sentimento, né? Eu acho que a fé é também expressão de sentimento.(...) O ser humano é expressão. Negar isso do ser humano, é negar a própria condição humana. (...)

¹¹ Durante a entrevista, foi dito pelo Capelão da UFV que a Renovação tem grande mérito, no sentido de atrair os jovens para a Igreja.

Claro que a gente não pode esquecer que o ser humano tem sentimentos, né? E cada sentimento é uma experiência individual, única... seja uma experiência alegre, feliz... seja uma experiência dolorosa... cada ser humano experimenta de uma maneira, né? (...) Pieguismo... próprio, específico de, apenas uma coisa externa, sem um envolvimento maior, sem um comprometimento maior, ou seja, é... ficou ali, acabou ali... chorou e foi embora... isso aí, realmente é vazio, né? Mas, quem, por exemplo, pode dizer que vive sem sentimentos, não existe isso não. Aliás, se existir é pior que não existir.”

A resistência entre assumir o lado emocional como presente na esfera religiosa não causa surpresas, principalmente pelo fato da pesquisa envolver universitários, onde o lado racional é imperativo. Busca-se explicar a fé independentemente de sentimento, talvez pelo receio de reduzi-la a um sentimentalismo ou a uma experiência que ultrapasse a esfera racional, como explica Weber e como pode ser percebido na frase de WE-GS-SF: “*E fé, parte do sentido da razão porque... assim... cê pensa prá ter fé.*”.

De acordo com Weber, a fé, inclusive no cristianismo, constitui uma das possíveis condições para se alcançar a salvação e um dos requisitos para a ação do Divino. A fé vai além do “tomar como verdadeiro”, ela deve envolver “um apego pessoal a um deus especial” e, desse modo, ela atinge um caráter muito mais amplo. Essa perspectiva é encontrada, inclusive, nos textos bíblicos, onde a fé que é creditada à justiça de Abraão não é “tomar por verdadeiro”, mas uma confiança nas promessas de Deus.”(WEBER, 1991: 379) Nesse mesmo sentido, tem-se a concepção encontrada no Novo Testamento que considera a

“Fé um carisma específico de confiança extracotidiana na providência pessoal de Deus, carisma que devem possuir os pastores de almas ou os heróis da fé. Em virtude desse carisma de confiança – que excede a capacidade humana comum – no auxílio de Deus, o homem de confiança da congregação, como virtuoso da fé, tem a possibilidade de agir, na prática, de modo diferente do leigo e realizar obras que este não pode.” (WEBER, 1991: 379)

O conceito de fé apresentado parece corresponder à compreensão manifestada pelos atores deste estudo, na medida em que se assume que a fé tem “altos e baixos”, que é necessário aumentar a fé e que após os momentos marcantes do processo de conversão a fé se renova e faz com que o converso se

sinta mais alegre, mais em paz e confiante. A “fé”, enquanto confiança no poder de Deus, é que tem altos e baixos, que se refaz cotidianamente e que confere ao converso uma nova alegria e confiança, além de proporcionar alívio em momentos de dificuldade dando um novo sentido para o mundo e para os fatos. Diante dessa concepção de fé, a “intimidade” com Deus e a relação que se estabelece entre filho e pai amado, tão marcantes no movimento da Renovação, encaixam-se de maneira harmoniosa.

A atitude de confiança ilimitada em Deus é considerada por Weber como uma atitude anti-racional que se contrasta com o “saber”. Isso porque a confiança com essa dimensão pode interferir nas próprias atitudes e situações pelas quais o converso passa, podendo conduzir o homem a não mais se considerar responsável pelas próprias ações. Nesse sentido, esse modo de fé ocasiona uma “mortificação do intelecto”. Há um sacrifício de intelecto em favor da qualidade espiritual específica que sobressai ao entendimento: *“credo, nom quod, sed quia absurdum est”*. Nesse contexto, a compreensão intelectual de crenças é irrealizável e a fé terá que envolver aceitação. Nesses casos, o converso se aceita não como conhecedor, mas sim como uma criança a quem Deus deu o carisma da fé.

A relação entre fé e sentimento também é abordada pelo referido autor. Segundo ele, a fé deve converter-se em algo mais que “saber”, deve se converter em “sentir”. Quando a fé é “sentida”, ela ocasiona uma convicção profunda que, por sua vez, gera uma disposição interior, segundo a qual os ritos são praticados como símbolos do divino. O sentir pode tornar-se um bem de salvação, sendo, portanto, buscado. Todavia, o autor alerta para o fato de que a busca do sentir pode, em certos casos, gerar um afastamento das atividades intramundanas, a partir do momento que as ações formais proporcionam um tipo de satisfação no adepto que, com isso, não sente necessidade de outro tipo de atitude. Essa relação que se estabelece entre “sentir fé” e os níveis de influência para a vida cotidiana, conforme manifestados pelos entrevistados, é um dos pontos que busquei tratar no próximo Capítulo.

CAPÍTULO V:

O ENCONTRO COM DEUS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A abordagem sobre a prática religiosa e seus possíveis desdobramentos na vida cotidiana do converso é apresentada neste capítulo, tendo-se como suporte teórico os caminhos da salvação apresentados por Weber.

5.1. Os caminhos da salvação apresentados por Weber:

De acordo com autor, dentre os vários caminhos para a salvação tem-se aqueles que se fundamentam na concepção de que a salvação depende das atitudes de quem a deseja e os que se baseiam na concepção de que a salvação não está vinculada às ações, dependendo somente da “graça magnânima (...) de um deus inescrutável em suas decisões, imutável em virtude de sua onisciência e completamente inacessível à influência humana”. (WEBER, 1991: 382)

O caminho que mais interessa a este estudo é o que se constrói por meio das atitudes do homem. Esse comportamento, religiosamente orientado, pode dar margem a dois tipos distintos de manifestações: o ascetismo e o misticismo.

O ascetismo está orientado para a atividade no mundo, com a consciência de que a força para a ação provém da santidade religiosa. Aqui, o devoto é considerado um “instrumento de deus”, que serve a deus pela ação e por meio dela se obtém a comprovação do estado de graça. Mas pode ser que o bem de salvação se baseie em outro tipo de condição, mais passiva, não sendo uma qualidade ativa e, sim, um estado de ânimo. É o caso dos adeptos do misticismo, em que o homem se considera um “recipiente de deus”, adquirindo uma postura de renúncia do mundo por buscar um estado de “possessão”. Assim,

“Para o verdadeiro místico (...) a criatura deve estar calada, de modo que Deus possa falar. Ela ‘está’ no mundo e se ‘acomoda’ externamente as suas ordens, mas apenas para adquirir a certeza de seu estado de graça em oposição ao mundo, resistindo à tentação de levar a sério os seus processos.”

Desse modo,

“O objetivo [do místico] é encontrar o repouso em Deus. Tudo isso é acompanhado evidentemente de uma ascese. Porém de caráter particular, já que é preciso abster-se de toda atividade e finalmente do pensamento, a fim de criar um vazio em si concenente a tudo o que proporciona um novo e diferente saber. (...) Para o asceta, a contemplação mística surge como gozo pessoal, indolente e estéril do ponto de vista religioso e, por conseguinte, condenável, porque ele vê nela a voluptuosidade de uma criatura idólatra: em vez de trabalhar para a glória de Deus e cumprir sua vontade, ele se preocupa apenas com seus êxtases. Para o místico, ao contrário, o asceta que vive no seio do mundo se condena a inúteis tensões e conflitos e talvez a compromissos que o afastam de Deus.” (FREUND, 1987: 145)

A salvação, no misticismo, pode ser conquistada mediante uma atividade específica: a contemplação. Os adeptos da contemplação buscam não pensar e não agir para atingirem um estado de espírito, designado por Weber como “repouso no divino”. (WEBER, 1977: 430)

É interessante observar que Weber já mencionava “repouso no divino” como um dos objetivos da contemplação. Essa expressão é utilizada cotidianamente no discurso da RCC, constituindo uma de suas marcas diferenciais em relação aos demais movimentos da Igreja Católica. No contexto da Renovação, duas questões centrais tornam esse “estado d’alma” tão importante: para conquistá-lo, muitas vezes, é necessário uma atitude de ascese de caráter particular ou uma busca de não pensar e não agir, traduzida como abrir o coração; a outra questão é que a ele se atribui um valor supremo, chegando, em alguns casos, a considerá-lo como um “bem de salvação”. Essa idéia pode ser percebida no seguinte trecho de uma das entrevistas:

(...) “quando eu entrei [na UFV] em 97, existia um desejo, um gosto muito grande de rezar por rezar. Rezar prá experimentar Deus... Quer dizer, eles se reuniam simplesmente... e isso era muito comum em comunidade carismática. Depois, com o passar do tempo... a gente mesmo olhando o crescimento, a gente fala ‘nossa, a gente tem que chegar ali, nós temos que chegar ali...’” (RA-L-SM)

Essas palavras vêm reforçar a concepção, defendida por alguns entrevistados e que também está presente na literatura do Movimento, de que a espiritualidade conquistada durante as orações é um fim e não um meio. No entanto, como já comentado, esse entendimento é contraditório e insustentável no decorrer das entrevistas. A idéia de que a espiritualidade conquistada é apenas um dos instrumentos para o adepto se aproximar da divindade (buscando manter-se no processo de conversão) se tornará mais clara com o avançar deste trabalho.

De acordo com as entrevistas, a “espiritualidade” conquistada pelos adeptos com as orações, com o louvor e com o Batismo no Espírito Santo pode ser pensada como uma resposta imediata a certas necessidades do converso ou como um instrumento para ele se aproximar da divindade e ali se abastecer. Caso essa espiritualidade fosse “o fim” a Renovação Carismática estaria se tornando autônoma e independente em relação a Igreja Católica, pois já não seriam necessários os sacramentos e a obediência ao Papa, por exemplo.

Aqui, podemos observar alguns pontos de encontro entre a RCC e o misticismo de Weber. Na Renovação, defende-se que a experiência de “intimidade” gera uma sensação de êxtase, de saída do cotidiano (como foi mencionado por T-GS-SF); de permitir e conduzir os homens a conversar, a sentir, a se relacionar pessoalmente com a divindade, ou até mesmo “ficar chapado de Deus”, como definido por um palestrante no SEARA, realizado em 2000. Neste ponto, é válido recorrer ao texto de Weber sobre o “estar pleno de deus”, que parece corresponder ao “estar chapado de Deus”. Segundo o autor:

“Precisamente nesse estado apareciam com maior facilidade, em algumas pessoas, todos os tipos de fenômenos visionários e inspiracionais como a glossolalia, o poder hipnótico ou sugestivo de outra forma e, em outras, sensações de encarnação, disposições para a inspiração mística e conversão ética, para a profunda aflição pelos pecados e o sentimento eufórico da união com Deus, muitas vezes revezando-se bruscamente, mas que tudo isso desaparecia quando essas pessoas, obedecendo à ‘natureza’, voltam a entregar-se simplesmente às funções e necessidades do corpo ou a interesses cotidianos dispersivos.”(WEBER, 1991: 362)

Em relação à experiência de êxtases, tem-se a declaração de RO-L-SM:

“Então o Santíssimo... eu sinto a presença de Deus ali. É aquela coisa, eu paro, bato o joelho no chão, olho pro Santíssimo, né? E... tenho uma experiência de êxtase, né? Então, prá mim, adorar a Deus, né? Adorar é algo prazeroso, fácil, gostoso...” (RO-L-SM)

Weber menciona o êxtase como uma das técnicas de autoaperfeiçoamento. Segundo ele, quando se aspira a posse deste estado espiritual, o converso tende a se afastar das questões perturbadoras do mundo. Embora essa qualidade espiritual proporcione, muitas vezes, uma satisfação completa ao converso, sua influência sobre a vida cotidiana pode chegar a ser quase neutra, conforme a intensidade em que é vivida, pelo fato de independer de um comprometimento do converso em relação às ações rotineiras. Nas palavras de Weber:

“O êxtase como meio de salvação ou autodivinação (...) pode ter mais o caráter de um escape e uma obsessão agudos ou mais o caráter crônico de um hábito especificamente religioso, mais contemplativo ou mais ativo, dependendo do caso, no sentido seja de maior intensidade de vida, seja de maior alheamento em relação a ela. (...) Mas esses êxtases agudos, por sua própria natureza e também pela intenção, são transitórios. Deixam poucas marcas positivas no hábito cotidiano. E carecem também de substância significativa desenvolvida pela religiosidade profética. Ao contrário, as formas mais suaves de uma euforia, sentida mais de modo visionário (místico), como iluminação’, ou mais de modo ativo (ético), como conversão, parecem garantir com maior segurança a posse permanente do estado carismático, produzindo uma relação plena de sentido com o ‘mundo’ e correspondendo qualitativamente às valorações de uma ordem eterna’ ou de um deus ético, como o anuncia a profecia.” (WEBER, 1991: 361)

Diferentemente do descrito por Weber (diferentemente também do que foi apontado em algumas entrevistas), no contexto do PUR é de se pressupor que esses ‘êxtases’ religiosos ocasionem mudanças na vida do converso, uma vez que ele passa a ver o mundo sob outros parâmetros e buscam adotar um novo estilo de vida, chegando-se à idealização de um “profissional diferenciado” construído pela prática religiosa.

Com base nessas considerações sobre misticismo e ascetismo, os adeptos do PUR podem ser considerados como transitantes por essas duas técnicas: por um lado tem-se a busca de êxtases e, por outro, a busca de agir de forma diferenciada, chegando à idealização do “profissional do reino”, que é compreendido como uma referência de atitudes éticas.

A “intimidade” vivida na Renovação, em alguns casos, é considerada requisito básico para as ações do converso enquanto cristão. Esse pensamento foi claramente sugerido em vários momentos do SEARA (2000). Durante uma pregação foi falado sobre a necessidade de o homem buscar conhecer a Deus pessoalmente antes de agir no mundo, isso porque se compreende que só é possível agir de forma adequada, em termos religiosos, quando “Jesus habita no coração do homem”.

Nas palavras do próprio palestrante:

“Se pensarmos em quem irá por nós, primeiramente devemos pensar, não em fazer coisas, mas em sermos de Deus, (...) para Ele habitar em nós, onde Ele deseja entrar. (...)”

Para os entrevistados, a qualidade sentimental conquistada decorrente da “intimidade com Deus” é considerada a característica mais marcante da Renovação, sendo, muitas vezes, o que atrai, o que diferencia e o que torna o Movimento tão poderoso, no sentido de reconverter ao catolicismo e no de transformar o comportamento dos que vivem a experiência. O valor atribuído a esse tipo de espiritualidade pode ser observado nos seguintes trechos das entrevistas:

“Mas a Renovação Carismática mostrou uma maneira diferente de ter fé, que implica numa visão de Jesus mais próximo. (...) Com a Renovação você tem a possibilidade de sair do cotidiano.” (T-GS-SF)¹

“Basicamente, a Renovação, ela... acredito que é pela experiência do amor de Deus, a presença de Deus, você saber... ter experiência de Deus. Não teorizar Deus. A palavra teoria, experiência, prática, né? Você... Acho que a principal contribuição da Renovação prá Igreja

¹ É interessante observar como a idéia de êxtase está presente nas palavras de T-GS-SF ao utilizar a expressão “sair do cotidiano”.

Católica foi essa, de você permitir a seus leigos católicos, ter uma experiência do Pai, do Paizinho, né?” (RO-L-SM)

“Ela [a Renovação Carismática] me levou a ter uma intimidade com Jesus, a ser livre com Jesus, a conversar com Jesus, né?” (MA-L-SF)

RA-L-SM, ao falar sobre o que a Renovação Carismática trouxe de novo, enfatiza seu objetivo principal de “favorecer o encontro entre as pessoas e Deus”. Ele declara que:

“Você, tendo um encontro pessoal com Deus, porque o quê que acontece... dentro de tantas espiritualidades dentro da Igreja Católica, é... a espiritualidade da Renovação, vamo dizer... facilitou. (...) Facilitou um contato entre a pessoa e Deus, através da graça e do Batismo no Espírito Santo. Então, seria... seria... sei lá. O fim último seria levar o máximo de pessoas até Deus. Seria um instrumento de Deus prá que seus filhos O conhecessem. É, então, aí... através desse conhecimento de Deus, as pessoas seriam impulsionadas a evangelizar também... (pausa) e também dando outros frutos prá Igreja, né? (...)

A experiência da “intimidade”, conforme comentado, gera no devoto uma disposição para “anunciar” a doutrina, além de proporcionar sensações de paz e alegria, características marcantes entre os membros da Renovação. Acredita-se que é por meio da repetição dessa experiência que se alimenta o espírito fortalecendo o indivíduo na decisão de manter suas atitudes orientadas pela doutrina. No entanto, alguns entrevistados manifestaram que esses momentos de intimidade não são suficientes para a permanência no processo de conversão e não substituem as práticas tradicionais da Igreja Católica. Desse modo, além desses momentos, tidos como centrais, são necessárias ainda as práticas devocionais, sobretudo a participação da missa, as orações pessoais e a reza do terço², como pode ser observado nas citações que se seguem:

“O primeiro papel do cristão é... os mandamentos, né. Então, assim, amar a Deus sobre todas as coisas. E dentro da nossa Igreja praticar, porque não adianta ser da Renovação, se eu não confesso, se eu não vou à missa,

² A reza do terço foi incentivada constantemente durante minha inserção no campo. De acordo com PRANDI (p. 41), o terço é um caminho para o resgate da tradição católica, que foi perdendo destaque com a secularização da sociedade.

pelo menos aos domingos, né? Se eu não tenho uma prática devocional, liturgicamente falando, prática devocional. Aí eu só vou no Grupo de Oração e fico em casa rezando terço e mais terços, e... fazendo isso, fazendo aquilo, se eu deixei de lado as práticas devocionais, que é da nossa Igreja, que é a missa, a confissão, os dez mandamentos....” (MA-L-SF)

“A partir do momento que você está dentro da Igreja, seu objetivo seria a igreja celeste, você tá em marcha em busca de Deus. E Deus dá à Igreja uma série de instrumentos prá chegar até Ele. Então, através, por exemplo, da liturgia, então na missa... são meios que Deus vai te dando prá você chegar até Ele.” (RA-L-SM)

J-GS-SM, em seus comentários, reconhece o mérito da Renovação mas afirma que a Missa e a Eucaristia são as práticas mais importantes. Nas palavras do entrevistado:

[A Renovação Carismática é] “Um movimento que... o Espírito Santo age, né? Apesar de todas as falhas, né? Porque todos nós somos humanos... E o Movimento tem ajudado muitas pessoas com depressão, com drogas... Mas a gente não pode falar que um grupo é melhor que outro, porque Deus age de formas diferentes. Mas é que aqui, né, a gente nota algumas mudanças imediatas, né! Mas a missa, por exemplo (...) não há nada que substitua a missa. (...) Porque a eucaristia, ela é o principal na vida do cristão é a eucaristia, né? (...) O mais importante pra mim, entendeu? Não é dinheiro, não é ninguém mais ... é só Jesus mesmo. Porque é Ele que dá força prá mim seguir firme nesse processo de conversão... que é muito difícil esse processo.”

Um outro ponto abordado por Weber em relação às atitudes religiosas, considera que a ação do asceta pode ser potencializada quando se converte numa exigência incondicional ao Senhorio do Senhor neste mundo. A atitude de “assumir o Senhorio do Senhor” na vida cotidiana é incentivada constantemente no Movimento e sugere uma entrega total aos planos de Deus, transferindo-lhe, de certo modo, a responsabilidade sobre as atitudes dos adeptos.

Weber apresenta, ainda, os vários níveis de influência dos rituais na vida cotidiana do adepto e esclarece que a vinculação entre determinados tipos de atitudes religiosas e o comportamento cotidiano pode ir acentuando-se a ponto de não se tratar mais de deveres de culto puramente rituais,

“Mas uma regulação sistemática também da ética cotidiana. A contradição entre *habitus* religioso e cotidiano vai se diluindo de acordo com a sistematização e racionalização da conquista dos bens de salvação. As obras que trazem a salvação já são, então, em sua grande maioria, distintas dos atos do culto, especialmente.” (WEBER, 1991: 359).

Para o autor, nessa situação enquadram-se as “obras sociais”. Essas obras sociais revestem-se de valor quando envolvem o carisma da bondade, ou seja, quando a ajuda ao próximo acontece intencionalmente e não como produto do acaso ou da natureza humana. Tais obras sociais podem ser analisadas ainda sob outra perspectiva: quando são realizadas com o intuito de “exercitar o bem”, elas enquadram-se como práticas de autoaperfeiçoamento. Segundo o autor:

*“O autoaperfeiçoamento é outra técnica de salvação que possui uma maneira específica de influenciar os adeptos, na medida em que se busca uma sistematização de atitudes que, muitas vezes, envolve poderes sobre-humanos, buscados conscientemente.”*³.

Nesse sentido, abre-se a possibilidade de pensar que, no PUR, as atitudes religiosamente orientadas são praticadas como técnicas de autoaperfeiçoamento. Como exemplo, tem-se a reza do terço que, além de garantir que a Renovação permaneça afinada com a Igreja Católica, contribui para o engrandecimento espiritual do converso. Além disso, a comunicabilidade, a alegria e “atitudes de acolhimento” praticadas dentro do Movimento são formas de exercitar qualidades que tendem a engrandecer a pessoa, a valorizá-la, a capacitá-la e a aperfeiçoá-la também para o mundo terreno, para a vida profissional e social. Desse modo, o converso aparece como o principal beneficiário das práticas religiosas.

5.2. O mundo numa perspectiva religiosa

O sentimento de intimidade, vivido no Movimento, parece, em alguns casos, satisfazer as necessidades humanas do converso, ao fornecer sentido para

³ O renascimento, uma das práticas de autoaperfeiçoamento, é um dos caminhos apontados por Weber para se ficar pleno de Deus.

as ações e os acontecimentos cotidianos. Desse modo, vive-se feliz à medida em que se vai aumentando a confiança em Deus e, conseqüentemente, a entrega pessoal a seus desígnios. Esses sentimentos podem ser observados no seguinte trecho das entrevistas:

(...) “A palavra presença de Deus é muito forte na minha vida. Quando Ele tá presente, quando eu sinto a presença dele, quando eu sei que Ele me ama. É... isso prá mim, me sacia de tal forma, que eu começo a revisar tudo, todos os meus paradigmas. Revisar todos os meus sentimentos com as pessoas. Então tudo se transforma. É apenas a experiência da presença de Deus que faz tudo isso. É muito simples o negócio...” (..) eu não tenho certeza do eu vou fazer ... na próxima hora, eu apenas vivo a existência do momento. É importante prá mim isso, que me motiva a fazer as coisas. (...) Eu coloco muito a minha vida na mão Dele. (...) É aquele lance, eu coloco todos os meus desejos, tudo aquilo que eu tenho... não é apenas uma questão de você confiar, como você confia num homem de negócios. Você está apenas entregando a Deus, que é seu Pai, que você sente a presença Dele, a sua vida. E, nesse sentido, é... gera uma relação, gera uma relação de amor e todas as suas atitudes são em cima disso. (...) É uma coisa que realmente é muito sutil, não é uma coisa como uma bola de cristal: Senhor, qual é a tua vontade? Eu confio em Você, e tal... é um relacionamento de pai com filho, que naturalmente os filhos se rebelam mas não perdem esse relacionamento de amor.” (RO-L-SM)

RA-L-SM ao comentar a mudança que a conversão provocou em sua vida acadêmica, diz o seguinte:

“[Na vida acadêmica] mudou... você entra na vida acadêmica com alguns objetivos, por exemplo, porque você quer o título, você quer usar disso depois prá, sei lá... prá ficar rico, ganhar dinheiro, não sei... já começa mudando porque... seu próprio modo de encarar... então você já entra sabendo que se você entrega sua vida prá Deus, você pode nunca exercer aquilo que você... vai que Deus tem algo diferente prá você. (...) Ou não... às vezes a coisa se confirma, mas você não vai com as mesmas expectativas... cê já vai com expectativas um pouco diferente... prá sua vida acadêmica.”

Nesses trechos, é possível perceber a disposição dos adeptos de “assumir o Senhorio do Senhor” em suas vidas, fornecendo um outro sentido para os acontecimentos. A busca de sentido, ou melhor, a qualidade espiritual atribuindo

novo sentido aos acontecimentos cotidianos foi percebida durante as entrevistas e participação nos eventos. De modo geral, os adeptos acreditam que nada acontece ao acaso, tudo faz parte dos planos de Deus. Essa entrega aos planos de Deus reforça a transferência do poder de decisão para a esfera fora da racionalidade. Com a confiança em Deus e o desejo de seguir seus planos, o converso busca perceber os sinais divinos para que ele possa confirmar ou se orientar para o caminho a ser seguido, para as decisões a serem tomadas. A característica de buscar perceber esses sinais está presente em todos os grupos, desde a escolha dos líderes, que é comprovada muitas vezes por manifestação divina, até a percepção de acontecimentos rotineiros, como manifestação dos céus. Para exemplificar essa segunda situação, tem-se a experiência relatada por um ex-presidente do PUR, formado em Física, que conta sua experiência pessoal: um dia saiu para realizar suas orações em um lugar afastado e mais alto dentro do “campus”, onde pudesse se distanciar da correria e agitação próprias do ambiente acadêmico e, assim, concentrar-se melhor. Após a leitura da bíblia e das orações pessoais, ele já se sentia com maior alegria e paz e percebeu que o céu, anteriormente encoberto por nuvens, tornava-se mais claro. Esse acontecimento rotineiro, que inclusive poderia ser explicado pelos conhecimentos acadêmicos, revestiu-se de significados como se a natureza estivesse solidária ou compartilhando aquele momento de transformação, de alegria e de paz, vividas intimamente pelo converso.

Segundo GEERTZ (1978), esse tipo de compreensão é elaborada porque o converso passa a observar o mundo numa “perspectiva religiosa” e, desse modo, crê numa realidade mais ampla do que a realidade da vida cotidiana. Essa realidade ampla, com seus significados, passa a orientar o comportamento dando-lhe um sentido. Viver nessa perspectiva religiosa “envolve uma aceitação prévia da autoridade que transforma a experiência”, e aqui está um dos motivos que confere à religião tamanha importância em termos sociológicos e que explica a entrega total dos conversos aos planos de Deus.

Nas palavras do autor:

"É justamente o fato de colocar os atos íntimos, banais, em contextos finais que torna a religião socialmente tão

poderosa ou, pelo menos, com grande influência. Ela altera, muitas vezes, radicalmente, todo o panorama apresentado ao senso comum, altera-o de tal maneira que as motivações induzidas pela prática religiosa parecem, elas mesmas, extremamente práticas, e as únicas a serem adotadas com sensatez, dado à forma como são as coisas realmente (...) À medida que o homem muda, muda também o senso comum, pois ele é visto agora como forma parcial de uma realidade mais ampla que o corrige e o completa.” (GEERTZ: 1978: 139)

5.2.1. A construção de mundos significativos na perspectiva de Berger

A construção de mundos significativos, tendo-se como um dos parâmetros a religião é também abordada por BERGER.

De acordo com o autor, a religião é historicamente o instrumento mais amplo e efetivo de legitimação, porque legitima as precárias construções da realidade empírica, relacionando-as com a realidade suprema.⁴ Isso acontece independentemente de quais são os objetivos religiosos. Ou seja, a parte decisiva da religião no processo da legitimação refere-se à capacidade de ‘situar’ fenômenos humanos e naturais em um quadro de realidade sagrada, de modo que “as construções da atividade humana, intrinsecamente precárias e contraditórias, recebem, assim, a aparência de definitiva segurança e permanência.”⁵ Afastando a idéia de coisa construída.

Para BERGER (1985:15), a construção de mundos significativos acontece a partir da relação inevitável entre homem e sociedade. Todas as construções sociais podem ser compreendidas como “produto da atividade do homem na busca de construção de mundos significativos.” Dentro dos parâmetros dessa construção de mundos, a religião ocupa uma posição de destaque. Para se entender a relação entre religião e criação de mundos torna-se necessário comentar anteriormente a relação entre homem e sociedade.

“A sociedade é um fenômeno dialético por ser um produto humano e nada mais que um produto humano, que, no entanto retroage continuamente sobre o seu produtor”. Esse processo de agir/retroagir envolve três momentos distintos e

⁴ Mas a religião vai além da legitimação de construções de mundos, ela possui também a capacidade de estabelecer normas de comportamento, o que vem reafirmar sua importância sociológica.

⁵ BERGER (1985: 48-49)

complementares, que são a exteriorização, a objetivação e a interiorização. A exteriorização é a atividade física ou mental do homem sobre o mundo que o rodeia. A objetivação é a compreensão de fragmentos deste mundo decorrente da atividade física ou mental do homem. Num momento posterior à objetivação, acontece a interiorização que é uma reapropriação dessa realidade, já interferida pela atividade do homem, transformando-a em consciência subjetiva.

Segundo o autor, a exteriorização é uma necessidade humana, uma vez que o processo de acabamento do desenvolvimento do homem acontece exatamente na interação entre ele e o ambiente exterior. O homem nasce e se depara com um mundo que o precede, mas este mundo não lhe é simplesmente dado, sendo necessário criar e apreender esse mundo para si. Desse modo, não se desenvolve uma relação pré-estabelecida com o mundo, inúmeros fatores influenciam nesse processo de conhecimento e reapropriação.

A forma de se relacionar com o mundo, como uma necessidade essencial à formação do homem, é explicada por Berger nas seguintes palavras: “É nesse processo que o homem produz um mundo. Só num mundo assim, que ele mesmo produziu, pode o homem estabelecer-se e realizar a sua vida.” (BERGER, 1985: 18)

É a partir dessa interação do homem com o mundo dado, criando mundos significativos, que a sociedade é constituída e mantida em constantes movimentos. Em decorrência do homem estar sempre criando e recriando mundos significativos, os padrões de valores e comportamentos são relativos no tempo e no espaço, não sendo, portanto, dados da natureza “nem podem ser deduzidos ‘da natureza do homem’”. Essa recriação constante também sugere que a mudança de identidade e de valores que o converso declarou experimentar, não acontece de forma definitiva, mas envolve um processo, uma metamorfose.

A criação de mundos significativos não é um empreendimento feito pelo homem de maneira individual, é um empreendimento coletivo. Essa compreensão amplia o significado da afirmação de que o homem é um ser social. Ele é social não só porque vive em sociedade, mas porque a atividade de construir mundo é sempre um empreendimento coletivo. É na ação coletiva que os homens criam instrumentos, constroem linguagens, criam e aderem a

determinados valores. Desse modo, “o mundo cultural e social não só é produzido coletivamente como também permanece real em virtude do reconhecimento coletivo.” Nenhuma construção humana pode ser chamada de fenômeno social a não ser que tenha atingido o grau de objetividade que faz com que o indivíduo a reconheça como real. Aqui está a base para se compreender o poder coercitivo da sociedade, que vai além dos mecanismos de controle, mas no poder de construir e impor verdades.

Nesse processo de construção de mundos é que são criados papéis e identidades. Na socialização, o indivíduo não só apreende os sentidos objetivados como se identifica como eles e é modelado por eles. Torna-se não só alguém que possui esses sentidos, mas alguém que os representa e os exprime. No entanto, a socialização nunca pode ser completada, deve ser um processo contínuo percorrido através de toda a existência do indivíduo (o que vem reafirmar que a mudança de identidade é um processo). Este é o lado da precariedade de todos os mundos construídos que justifica a fragilidade do homem em determinadas situações.

O reconhecimento e manutenção de valores são feitos coletivamente e esse fato pode vir a explicar a importância atribuída ao estabelecimento de elos fortes e duradouros entre os membros do Projeto, sobretudo do Semente.

5.3. As mudanças provocadas pela conversão

De acordo com as entrevistas realizadas, o converso vai se transformando e as mudanças acontecem, sobretudo, no plano pessoal: a pessoa se torna mais alegre, mais dinâmica, mais comunicativa, mais fortalecida para seguir os princípios da doutrina, os éticos e morais numa disposição para “exercitar o bem”. Essas características foram citadas pelos próprios conversos nos comentários feitos sobre as mudanças que ocorreram na vida pessoal em decorrência da conversão⁶:

⁶ Nesses trechos é possível perceber que as orações e a “intimidade com Deus” são, para esses adeptos, um instrumento de mudanças.

“Como é que eu vou dizer... é um buscar... (...) abraçei a causa... (...) Um terço passou a ser um prazer, a eucaristia passou a ser algo sublime, e tudo... fica diferente, o modo de ver.” (JM-GS-SM)

“Tudo que cê pensar de errado, assim... entre aspas... de fazer, eu já fiz. Exceto mexer com drogas... Graças a Deus eu nunca, eu nunca... já tive oportunidade e não quis. Mas eu acredito se eu não tivesse, hoje, por exemplo, a fé que eu tenho, amadurecido... no carnaval passado, quando me ofereceram drogas, por eu ser muito curioso, eu poderia querer experimentar, mas como eu tenho todo um embasamento religioso do que deve e não deve ser feito, isso me impede muito de fazer as coisas. Assim... vão supô... como se comportar com as pessoas, muda muito... cê passa a ver... assim, o que eu acho mais importante, você passa a amar o outro, a amar o ser humano. Então, a partir do momento que você começa a ter amor pela pessoa a seu redor, cê muda seu comportamento. Cê não vai querer roubar aquela pessoa, cê não vai querer maltratar, falar mal.” (WE-GS-SM)

“O que mudou, foi assim, é... eu começar a ver o quê que era pecado, sabe? O quê que tá errado, assim... em relação a namoro, foi a primeira coisa que mudou, relação a namoro, a questão de castidade... namoro... é... Meu coração já ficou mais amoroso em casa, em relação a meus pais, e com minha mãe, não era muito obediente. Agora, graças a Deus, tô mais obediente... Assim, minha relação com minha irmã, tinha uma relação com minha irmã, assim, de briga... Assim, de ter ódio dela! Hoje, hoje eu tenho uma relação tão íntima com ela, que, nossa... assim, essa relação com meus pais, com minha irmã, mais fraterna, né? E a visão de namoro, também...” (A-L-SF)

“Convivência com a família, com certeza... a maneira de tratar meus familiares... a maneira de ver eles... mudou muito o relacionamento com meu pai (...) Meu relacionamento com as pessoas também... (...) E, principalmente, nos meus estudos, porque eu sempre fui uma pessoa muito assim... é... meio que frustrada com estudo, né... Eu sempre estudei, ‘não, eu tenho que estudar’, sempre gostei muito de estudar, mas eu não me sentia muito... muito capaz, muito capacitada... sempre me achei meio burrinha, né... há... num dô conta! Eu comecei a me ver de uma forma diferente... que não é verdade, né... Comecei a ver que realmente Deus me colocou aqui, não foi à toa, que eu tinha que desenvolver isso... (...) então isso mudou muito, né, porque eu comecei a ver, a

trabalhar, a estudar mais, a estudar de uma forma diferente, com vontade!... E confiando que eu tô aprendendo, né?” (MT-L-SF)

“O meu modo de vê, sabe, o meu modo de vê as coisas, de vê as pessoas. (...) Eu era uma pessoa, eu não sorria. Eu acho que a maior mudança foi dentro de mim, foi dentro de mim... Sabe, aquela pessoa, triste, uma pessoa que não tinha motivação prá nada... né? Que... em meia hora tava alegre e passava o resto do dia triste. E isso ... isso foi mudando, sabe? Hoje eu falo prá você, com toda certeza, eu tenho momentos de tristeza, quem não tem, sabe? (...) Hoje, aí sinto que, quando eu fico triste, Deus me faz refletir um monte de coisa, me faz pensar na família que Ele me deu, sabe? Na graça que é tá aqui, sabe? É... estudante? Porque quantos têm esse privilégio... (...) E o que vem no meu coração nessa hora, não é aquela coisa, eu tô em situação melhor, eu tenho que ficar mais alegre, não! Mas me vem o desejo de ficar melhor, por quê? Porque eu posso ajudar as outras pessoas. Então o sentimento que me move é esse, sabe? E assim... mudou, mudou tudo, Beth. Cura... Sabe? (...) Porque é uma cura pessoal mesmo, né? (...) E consertou um monte de defeito e me colocou prá trabalhar, né? Me colocou no Semente, me colocou como coordenadora e outros trabalhos na comunidade, e, assim, eu vou crescendo. Né? Como pessoa, como profissional, também! Porque eu tinha muita dificuldade de lidar com as pessoas. No meu curso isso é, assim, fundamental. (...)” (C-GS-SF)

“Com a conversão, em mim mesmo, você passa a ter mais amor, mais alegria, né! (...) Mesmo estando longe da família, das pessoas que ele gosta. Mas quando a gente vive com Deus, a cada dia, vive em alegria. Eu nunca senti uma tristeza profunda, por quê? Eu sei que tem Deus do meu lado! Então eu sempre tenho uma alegria (...) Ao acordar mesmo, ao contemplar o dia (...) da alegria, dá amor, né! E você agradece a Deus e dá muita paz, muita alegria.” (O-GS-SM)

A experiência da alegria é enfatizada como um dos benefícios proporcionados aos que participam do Movimento, inclusive do Grupo de Oração, célula-mãe da RCC. A alegria desse momento é calorosamente descrita por RO-L-SM, um dos líderes do PUR. Segundo ele,

“No Grupo de Oração é... é uma oportunidade de louvar a Deus, alegria. A palavra-chave no Grupo de Oração é alegria, louvor. Entendeu? Alegria e louvor a partir da experiência com o Espírito Santo, né? Você tinha a Efusão

do Espírito Santo e... essa Efusão te dá um experiência de amor com Ele, experiência de amor, te dá alegria, te dá vontade de louvar, uma festa. É como se fosse uma festa. Prá mim o Grupo de Oração é uma festa. É.. eu tive, é interessante... porque, desde 92 que eu conheci o Grupo de Oração, não larguei. É uma coisa interessante, né? É porque... é uma experiência de alegria que eu tenho lá. Então é uma experiência de alegria que eu tenho. Eu fico até, tenho até cabelo branco, e fico até com um pouco de vergonha de chegar no Grupo de Oração, entendeu? É nesse sentido, né? Por quê? É como se fosse uma festa mesmo, prá mim. Então eu vou lá, louvo a Deus, fico nos primeiros lugares lá...vou fazer doutorado e aqui levantando os braços, às vezes vai isso na minha cabeça, pô, cabelo branco e tal... Mas é aquela coisa, como se diz, (...) vamo dançar, vamo festejar... então a palavra-chave é essa.”

5.4. O Ethos Carismático

Torna-se interessante observar que os sentimentos vividos em vários momentos quando os grupos de reúnem, ou de modo individual após os momentos marcantes da conversão, conforme citado nas entrevistas, passam a contribuir para a adoção de um novo estilo de vida.

A abordagem da religião como um conjunto de crenças e procedimentos relacionados ao sagrado, que contribui para a formação do ethos de um grupo de pessoas, bem como sua visão de mundo, é esclarecida por GEERTZ (1978), nos seguintes termos:

(...) "os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo “ethos”, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo “visão de mundo” . O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. (...) A crença religiosa e o ritual confrontam e confirmam-se mutuamente; o ethos torna-se intelectualmente razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícito no estado de coisas real que a visão de mundo descreve, e a visão de mundo torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida é expressão autêntica."

O ethos carismático é percebido por um membro do Projeto da seguinte maneira⁷:

“... você vê a maravilha, você que tá convivendo, você vê como é que é uma pessoa carismática... (...) Mas a gente vê uma pessoa carismática... mais dada ao Espírito Santo, a gente vê a serenidade, a gente vê a alegria que transmite... a gente vê uma série de fatores que incomodam a gente... a gente vê aqui.... e meu Deus, aquilo não é normal, né? A gente vê conversões até... fantásticas, né.. de jovens, dados à droga, à prostituição e de repente se convertem e viram aquela pessoa completamente diferente... Isso tudo causa um certo choque dentro da Igreja. Da Igreja, da sociedade... E é esse choque que faz com que a pessoa pare e pense: olha... mas... eu quero isso prá mim também! E talvez a partir daí a pessoa comece a buscar o Espírito Santo, a Igreja; comece a vê, não a Igreja em si, mas os dirigentes da Igreja, começam a ver isso; começam a perceber o valor da Renovação Carismática e começam a trabalhar mais numa linha espiritual...” (JM-GS-SM)

“É... na Renovação, eles são mais espontâneos... riem, se tem vontade, choram, rezam (...)” (WA-GS-SF)

5.5. Do plano individual ao social: a contaminação ou formação de corrente

De acordo com a pesquisa realizada, a mudança que acontece na vida do adepto, em decorrência do processo de conversão, interfere de maneira mais efetiva no plano pessoal, no sentido de mudar a percepção dos acontecimentos e até mesmo alterando a própria identidade, num processo contínuo, marcado por avanços e retrocessos. A partir dessa mudança na esfera pessoal é que se pretende interferir no plano social que, segundo a concepção dos entrevistados, acontece como uma continuidade quase que inevitável. Conforme declarado, o converso busca modificar seu comportamento e, orientado pela doutrina, se coloca numa posição de buscar “exercitar o bem” e de se tornar um testemunho da “boa nova”, provocando uma “contaminação” dos que convivem com ele. Desse modo, o converso do PUR/RCC, embora com objetivos e práticas que remetem ao misticismo como o “êxtase” e o desejo/necessidade de estabelecer e sentir uma

⁷ Mais uma vez é possível observar que o “amor ao próximo” não foi mencionado.

“intimidade com Deus”, pode ser compreendido também como uma intenção de ser instrumento de Deus, no sentido de que, com o exemplo e testemunho, o adepto poderá levar os homens comuns à experiência com a divindade, além de buscar ter um comportamento marcado pela ética⁸.

“Hoje existe uma preocupação na Igreja, pelo menos na Igreja do Brasil, de... uma preocupação pastoral, vamo dizer assim... preocupação com o próprio rebanho. Eles se fundamentam em quê? Se você tiver uma vivência plena do cristianismo, você... pela própria... transformação na sua vida, você... pelo próprio encontro com Deus que você tem, você vai acabar refletindo isso prá sociedade e a sociedade vai querer aderir ao cristianismo. Então, essa seria a preocupação da Igreja. Primeiro ponto, é... a primeira missão do cristão, seria buscar a Deus. Através dessa busca de Deus você vive o evangelho, vivendo o evangelho você dá testemunho... Então é a primeira fonte de evangelização.” (RA-L-SM)

“Como cristão... a... como é que eu vou dizer... sei lá... primeiro momento é levar Deus prá pessoas... Eu, por exemplo, a partir do momento que Deus me deu a graça de conhecer Ele um pouco melhor, eu tenho o compromisso de apresentá-Lo aos outros também... aí... de diferentes formas, diversas maneiras... No meu procedimento de vida, né, pessoal, Deus ... mesmo que eu não fale de Deus... ‘ali, aquele é católico, aí vai me ver, ele é um cara honesto, é um cara sociável, é um cara ... educado, alegre... é um cara sereno...’ (...) mas assim, são características que as pessoas vão observando ... como cristão: um vai ser missionário, o outro vai viver, é... aqui, a palavra, né? (...) Para que com meu exemplo, nesse processo, eu venha fermentar a sociedade...” (JM-GS-SM)⁹

“Prá minha vida, a maior [missão do cristão] é fazer com que as pessoas conheçam Jesus... Porque Ele que mostra, sabe... o caminho a ser seguido. (...) A minha missão enquanto cristã, não é nem católica, nem Semente, enquanto cristã, é fazer com que as pessoas conheçam Jesus. E a partir do momento que elas O conheçam, Ele

⁸ Nesse ponto, onde é possível perceber uma combinação de misticismo e ascetismo, tem-se a contribuição de ROLIM (1986: 75). O autor sugere alguns questionamentos sobre os conceitos de ascetismo e misticismo apresentados por Weber. Segundo ROLIM, no texto “Rejeições da vida religiosa”, o misticismo e o ascetismo são apresentadas como técnicas opostas para a salvação e para o alívio das tensões. No entanto, em estudos posteriores, Weber teria gradativamente eliminado o caráter de oposição entre as técnicas, chegando a exemplificar situações em que acontece uma combinação das duas formas de se buscar a salvação.

⁹ Nas palavras de JM-GS-SM é possível perceber também o estilo de vida adotado pelo converso da RCC.

próprio vai mostrar o caminho. Por quê? Uma coisa é você saber da pessoa... (...) uma outra coisa é você conhecer este alguém.(...) A iniciativa que fica no meu coração, hoje, é fazer com que as pessoas conheçam, e não saibam de...” (C-GS-SF)

*“Eu acho... que [conversão] é mudar de vida, sabe? (...) deixar tudo que ela já foi prá trás e provar prá pessoas que ela pode mudar de vida..”
(D-L-SF)*

Na vida profissional:

[o papel do Profissional do Reino é] “Testemunhar Deus, testemunhar Jesus, testemunhar esse amor, né? Da presença de Deus na minha vida, na minha vida profissional.” (RO-L-SM)

Bom... essas é uma das motivações da Universidade Renovada, né? (...) Então você é... primeiro, testemunho. Você vai ser uma luz de Deus, talvez no seu ambiente de trabalho. Aqui nós temos inúmeros e inúmeros exemplos disso, com as pessoas que já passaram por aqui e hoje estão formadas e trabalhando. Então, a gente sabe o tanto que lá fora é mais difícil, tanto que às vezes você... você é tentado a se corromper.... então, o primeiro ponto é o testemunho, como cristão. Então, a gente... Deus transforma a pessoa durante a universidade e ela vai ser um testemunho no ambiente de trabalho.” (RA-L-SM)

“E também levar para o nosso trabalho a fé, levar a religiosidade espiritual e trabalhar com os colegas, para quê? Para que no trabalho você tenha um clima mais de amor, de respeito, de carinho (...) E também levar a palavra para aquele que não conhece, por exemplo, a prática católica.” (O-GS-SM)

O desejo de aumentar o número de adeptos através da experiência da conversão e de formar uma corrente onde todos sejam influenciados pelo “amor de Deus”, foi apontado em vários momentos das entrevistas. A partir da abordagem apresentada por BERGER de que a criação de mundos significativos é um empreendimento coletivo, pode-se buscar compreender o desejo manifestado pelos entrevistados.

De acordo com o autor, os processos de sustentação dos mundos socialmente construídos envolvem vários instrumentos, entre eles a legitimação, entendida como “as explicações e teorias em apoio às concepções” (BERGER, 1973: 54).

Um dos elementos decisivos para a legitimação dos mundos, independentes de serem religiosos, é a estrutura de plausibilidade, que são os suportes sociais que confirmam determinada concepção como algo digno de fé⁹. “A maior parte das coisas que ‘conhecemos’ foram assumidas com base na autoridade dos outros, e é só na medida em que os outros continuam a confirmar este ‘conhecimento’ é que ele continua a nos ser plausível.” (BERGER: 1973: 20)

5.6. A relação Homem-Deus

Os membros do PUR defendem que o ponto central de todo o processo de mudanças, nos planos individual e social, é o homem se perceber como “um indivíduo em relação com Deus”¹⁰. A partir do momento em que ele se coloca nessa condição, o mundo a sua volta passa a ser compreendido sob novos parâmetros e os acontecimentos ou situações passam a ser relativizados ou vão perdendo valor, se comparados com a grandeza da interação homem/Deus e de tudo que ela pode oferecer. Essa satisfação é clara nas palavras de RO-L-SM:

“Eu vou te falar: a presença de Deus, olha, Deus está com você então você não precisa de dinheiro. Então, pôxa! Prá quê que eu preciso de... né? Deus te dá alegria, olha só a alegria da Experiência de Oração, então tudo isso vai mudando os valores da pessoa, né?”

Desse modo, pode acontecer que o converso venha a assumir uma atitude de “conformar-se” aos acontecimentos e, assim, ao invés de buscar interferir na ordem ou na maneira como os fatos acontecem, se limitará ao desejo de buscar mudar o interior dos homens para que eles também tenham um “encontro com Deus”. Ou seja, por buscar conquistar essa transcendência, o homem tende a se distanciar do mundo a sua volta, adotando uma atitude de “renúncia do mundo”, que pode acontecer em diversos níveis¹¹.

No enfoque das palestras proferidas na Experiência de Oração, evento organizado pelo PUR, foi também possível perceber que a relação Homem-Deus é, senão a única, a principal preocupação do converso e o ponto-chave para a

⁹ BERGER sugere os rituais e as pessoas como os elementos principais da estrutura de plausibilidade.

¹⁰ Termo utilizado por Troeltschs (in: Dumont, 1985: 38)

¹¹ Torna-se interessante observar que nenhum dos membros entrevistados havia participado de grupos não religiosos dentro da Universidade, seja de caráter mais político como DCE e Centros Acadêmicos, ou de outras naturezas.

elaboração dos conceitos de pecado e de salvação¹². As conseqüências práticas desse enfoque não foram mencionadas, pelo menos no referido evento. Esse fato pode ser compreendido na perspectiva de que a prática, envolvendo os outros e o mundo concreto, é apenas uma conseqüência inevitável do crescimento espiritual individual. Essa possibilidade é sugerida por SOUZA (1986), onde ele busca, no passado, lições para entender a nova cultura e cita o exemplo do comportamento dos monges beneditinos como experiências religiosas com eficácia política e social. Segundo o autor, "Poucos trabalharam tão bem como aqueles monges beneditinos, para os quais o fundamental era a oração. O resto vinha 'em acréscimo'".

Já DUMONT (1985), em seu estudo sobre o individualismo, sugere uma transformação do “indivíduo fora-do-mundo” ao “moderno indivíduo-no-mundo”¹³.

Segundo o autor, o mundo divino se relaciona com o mundo terreno de modo que a vida mundana venha a ser contaminada pelo “elemento extramundano”, até que se crie um todo harmonioso. Inserido nessa situação, o indivíduo-fora-do-mundo se converte no moderno indivíduo-do-mundo que, apesar de renunciar ao mundo, busca transformá-lo em conseqüência de sua relação-com-Deus. Pela própria natureza dessa relação, embora os homens vivam em condições desiguais neste mundo, são iguais perante Deus. Sendo “iguais na presença de Deus”, e somente na presença de Deus, como alerta Dumont, almejam conquistar a plenitude da “fraternidade do amor em Cristo e por Cristo.”

Além disso, diante da possibilidade pessoal e autônoma de estabelecer uma intimidade com Deus, o homem tende a se perceber como a unidade de “valor supremo” e, por isso, o centro de atenção e transformação. Assim, todo esforço no sentido de buscar uma maior perfeição, seja pessoal ou social, volta-se primeiramente para o interior. Este enfoque de pensar primeiramente no homem interior pode ser percebido nas entrevistas. Como exemplo tem-se:

¹² Essa observação torna-se mais relevante quando comparada com o enfoque dado à relação “homem e seu próximo” em eventos organizados por evangélicos e que aconteceram na UFV em data bastante próxima da Experiência de Oração.

¹³ A abordagem do autor se constrói no campo religioso e tem como ponto inicial de análise o comportamento do renunciante da Índia, a partir do qual se busca compreender o surgimento e a transformação do individualismo. Neste trabalho sobre o PUR, apropriei-me dessas palavras não me referindo com exatidão ao sentido conferido pelo autor.

“Assim, Ela [a Renovação Carismática] trabalha num todo, né... mas só que ... de uma maneira interessante que eu acho, até muito válida... é que ela trabalha cada um... E a partir do momento que ela trabalha cada um, ela começa a fazer uma fermentação geral. Porque... hoje em dia, na Igreja Católica, tem o Movimento como a Teologia da Libertação que trabalham, assim, movimentos sociais de uma maneira mais grupal, mais em massa.... assim, é tudo muito válido. Né... tudo perfeito.... (...) o interessante que eu vejo na RCC que ela trabalha o indivíduo. E eu penso o seguinte: a partir do momento que cada pessoa, vai se corrigindo, ela tá contribuindo imensamente prá correção da sociedade. Pelo fato dela ser membro, né... dessa sociedade. Então, isso.... eu acho muito importante, né?” (JM-GS-SM)

“Quer dizer, [o que a RCC fez foi] colocar o povo católico prá funcionar, porque tava uma coisa muito assim... coisa, muito apegada a tradição pura... vão supô, eu sô católico, então tá, meu compromisso é ir à missa, é sair da missa, é fazer isso, é a pastoral carcerária... muito a atos. Assim, a Igreja Católica tava muito presa, assim, a fazer as coisas. E a Renovação veio movimentar o povo católico para se encher também... então, assim... ter uma vida e oração mais intensa, assim... porque quando parte da pessoa ter uma vida de oração mais intensa, ela começa a fazer as ações da Igreja, a praticar muito melhor. Então é isso que eu acho muito válido na RCC.” (WE-GS-SM)

Finalizando este capítulo, torna-se oportuno esclarecer as idéias de família e de individualismo atribuídas ao PUR, em momentos distintos.

A idéia de “família” aparece e adquire dimensão no Grupo Semente – grupo de estudos bíblicos, com um número reduzido de participantes e que já existia antes do surgimento do Projeto. Este Grupo diferencia-se dos demais por ser um espaço mais livre, não marcado por práticas carismáticas. Inclusive três membros do Semente manifestaram ter uma certa resistência para viver os carismas. Já para os demais grupos/entrevistados do PUR, a idéia de “família” não foi mencionada, falou-se em “comunidade”, em “grupos”, mas não de maneira enfática. Os membros do SEARA, por exemplo, formam uma comunidade por reunir pessoas que passam por experiências semelhantes, mas não está explícita a idéia de família, no sentido de cumplicidade, de intimidade, de amizade; e os

contatos parecem não ir além do momento em que estão reunidos, como acontece no Semente.

Contrariamente à idéia de família, no PUR, de modo geral, a idéia de individualismo, expressa pelas palavras “eu” é que recebeu destaque especial.

CAPÍTULO VI:

O PROFISSIONAL DIFERENCIADO E A BUSCA DA QUALIDADE TOTAL

“É necessário ganhar a quem chega pelo acolhimento, pela simpatia, em busca de uma Qualidade Total. Se as empresas fazem isto porque visam lucro, ainda mais nós cristãos, devemos saber dar uma boa acolhida, porque visamos a salvação trazida e ensinada por Cristo.”

Vicente Paulo Alves

Um dos objetivos do PUR, que neste trabalho recebe destaque, consiste em formar um profissional diferenciado. Segundo os membros do Projeto, esse profissional é construído com base na compreensão de “que o aluno entenda o plano de Deus na sua profissão e exerça a vocação profissional com dignidade, ética e respeito ao homem.”¹

De acordo com os entrevistados, o perfil desse profissional é idealizado a partir da prática vivida no Grupo de Oração; espaço onde se busca “um encontro pessoal com Deus transformante”, através do louvor, da adoração, da reflexão pessoal. É por meio dessas atitudes que se acredita construir o novo profissional.

Como já mencionado, o ponto diferencial da prática religiosa sugerida pela Renovação Carismática é o Batismo no Espírito Santo. Ao se tornar pleno do Espírito Santo o converso irá atingindo níveis mais elevados de espiritualidade e, assim, adotando um comportamento diferenciado dos homens comuns. Acredita-se que esse homem diferente, ao se inserir no campo profissional, divulgará os fundamentos da doutrina, assumirá a tarefa de testemunhar em seu espaço profissional a presença de Deus em suas vidas e se tornará uma referência de comportamento.

As características de eficiência, de ética e de “missão” podem ser observadas nos seguintes trechos das entrevistas, que tratam sobre o profissional diferenciado:

¹ Disponível em: <http://www.pur.com.br/historia.htm>

“Bom... essa é uma das motivações da Universidade Renovada, né? (...) Então você é... primeiro, testemunho. Você vai ser uma luz de Deus, talvez no seu ambiente de trabalho. Aqui nós temos inúmeros e inúmeros exemplos disso, com as pessoas que já passaram por aqui e hoje estão formadas e trabalhando. Então, a gente sabe o tanto que lá fora é mais difícil, tanto que às vezes você... você é tentado a se corromper.... então, o primeiro ponto é o testemunho, como cristão. Então, a gente... Deus transforma a pessoa durante a universidade e ela vai ser um testemunho no ambiente de trabalho.” (RA-L-SM)

“Assim, primeiramente na parte... a partir do momento que Deus trabalha na pessoa, né... fica muito claro: amar ao próximo como a si mesmo e amar a Deus sobre todas as coisas... Então eu, como engenheiro civil, eu vou ter uma certa preocupação a mais... com as pessoas que vão utilizar as obras que, porventura, eu venha a ... projetar. Entrando noutro fato, tem o fator honestidade... de repente eu tô trabalhando pro governo e vejo que dá prá pegar uma rebarba prá mim, então, opa... não é por aí! (...) Sei lá... talvez na prática a gente ... (...) Um outro objetivo do PUR que eu vejo, interessante, é o seguinte, de repente você tá aqui em Viçosa (...) você vai prá uma outra cidade, e talvez nessa cidade você vai ser um dirigente de um Grupo de Oração, você vai conduzir um estudo bíblico, você vai ser um catequista... Então, seria.... uma escola de missões também. De repente você vai sair daqui, e na sua cidade, você vai ser um missionário lá, dentro da sua atividade. Pelo fato, Deus vai trabalhar em você, você vai refletir Deus e as pessoas que vão trabalhar com você vão ver Deus... Então tudo... engloba num todo...” (JM-GS-SM)

“Você sempre tem que julgar, demitir. Sempre buscar os porquês e justificativas dos atos.(...) O convívio com as pessoas, porque não é fácil. E também levar para o nosso trabalho a fé, levar a religiosidade espiritual e trabalhar com os colegas, para quê? Para que no trabalho você tenha um clima mais de amor, e respeito, de carinho (...) E também levar a palavra para aquele que não conhece, por exemplo a prática católica.” (O-GS-SM)

De acordo com as entrevistas, a ética é entendida como um comprometimento do indivíduo com os princípios morais de comportamento, como a honestidade, a justiça, a solidariedade; envolvendo a esfera profissional, em termos de prestação de serviços especializados e de relacionamentos. Aqui, os princípios são sustentados pela esfera religiosa, ou seja, a adesão ao

Movimento religioso é que vem garantir (ou supor) a adoção de princípios éticos e morais.

Pelo que pude observar, a preocupação ou sentimento que desencadeia a percepção de que a ética é um princípio que precisa ser aflorado, ou mais fortemente vivido na sociedade, tem como um de seus pilares a concorrência percebida no âmbito universitário. Essa concorrência foi exemplificada, sobretudo, por disputas por notas melhores. Nessas disputas, cada estudante preocupa-se consigo e, em alguns casos, chegam a adotar um comportamento sem regras, que muitas vezes implica desonestidade e individualismo. Um reflexo dessa atitude de buscar vencer o individualismo e o sentimento de concorrência pode ser percebido no oferecimento da assessoria acadêmica pelos membros do Projeto, onde os estudantes que têm facilidade em determinada disciplina se dispõem a monitorar o processo de aprendizagem dos colegas que sentem dificuldade. A Assessoria acontece de forma independente, sem retorno financeiro e sem qualquer tipo de vínculo com a universidade.

Depois de se inserirem no Projeto, alguns entrevistados passaram a lidar de maneira diferente com o contexto no qual estão inseridos e a compreender sob novos valores o êxito (ou não) na vida acadêmica: alguns ficaram mais confiantes na própria capacidade intelectual, outros começaram a relativizar o sentimento decorrente de notas não alcançadas, talvez por perceberem que todos os acontecimentos fazem parte dos planos de Deus e que, assim, estão sob uma ordem transcendente. Com essa nova forma de compreensão, os estudantes buscam fugir à regra padrão de comportamento na universidade, marcado pelo desejo (ou necessidade) de ser o melhor. Nesse sentido, tem-se as seguintes falas:

“Por exemplo, é muito comum isso hoje, as pessoas trapacearem, colarem numa prova, mas muitas vezes é difícil prá pessoa perceber que ela já tá criando uma ideologia nela em fazer coisa errada, aquela coisa ilícita, enganando a ela mesmo... ou ao professor. Assim... A gente começa a ter noção que a gente tem que mudar o nosso comportamento dentro da universidade prá que isso seja refletido depois. Igual, muito comum a pessoa chegar e ir furando fila, mas ela não tem noção de que as outras pessoas tão lá, na fila...vão supô, furar fila é tão simples, assim, é só entrar ali, ou tem toda uma ideologia por trás disso.” (WE-GS-SM)

“Eu acho que o Semente me dá força... prá mim... manter os meus princípios. Porque, dentro da universidade todo mundo quer ser o melhor... todo mundo quer ser o esperto. É uma competitividade muito grande.... Às vezes você pode deparar situações que você pode ir contra a sua honestidade, você ir contra seus princípios de amizade... No Semente eu encontro forças prá continuar dentro de meus princípios. (...) E também... em relação à relação humana, porque... você vai relacionar com chefe, você vai ter empregado, vai ser chefe de alguém, você aprende a tratar as pessoas, ser mais paciente... Tudo é um processo que você trabalha dentro da gente, né? (...) E, no Semente, estudando a palavra de Deus, vai te dando força, a ter mais paciência, ser mais compreensivo, aprender a olhar o lado das pessoas, da situação...” (I-GS-SF)

“Interessante, aqui na Universidade, foi uma coisa marcante, de fato... a partir do momento que eu entrei nessa Universidade, eu olhava assim... ‘meu Deus do céu, onde que eu fui parar...’ Eu olhava, todo mundo era Mauricinho, Patricinha... uma antipatia... não conseguia... pensar assim... não é... eu não gosto daqui, esse pessoal é tudo diferente de mim... eu tô aqui, num lugar totalmente alheio; e de repente, eu me deparo com pessoas semelhantes a mim... que pensam como eu, que me acolhem, né.... então eu levei um choque. É como Deus falasse prá mim: você tá errado, não é bem por aí, não, não é todo mundo Mauricinho, Patricinha, não... Então, olha só... Até pros meus estudos, foi uma coisa muito importante, que de repente eu não tinha, tanto interesse, né? Não gostava... não achava graça naquilo... achava todo mundo diferente de mim (...) No curso mesmo, não tinha aquele interesse não. Depois que eu vi o pessoal do Semente, e tal, eu vejo que eles são pessoas legais, que me acolhem, que são iguais a mim... muitos de níveis sociais semelhantes ao meu... ou então, diversos níveis sociais que pensam igual eu... então, isso foi um negócio muito bom, até pró andamento do meu curso... eu tenho um estímulo a mais.(...) E eu me libertei um pouco do preconceito que eu tinha, todos aqui são Mauricinho,(...) era a imagem que eu tinha, até então.”
(JM-GS-SM)²

É... depois que eu experimentei o amor total de Deus, eu comecei a ver a ciência e as coisas da Agronomia de outra forma. Eu comecei a ver vida no material que eu estudava. Começava a pegar as flores e via o amor de Deus. E tudo começou a mudar, né? A presença minha na sala de aula... Antes de conhecer, de ter Deus, era uma

² É interessante observar como nas entrevistas JM-GS-SM e de MT-L-SF demonstram que a inserção no grupo veio também contribuir para um processo de auto-valorização.

coisa terrível, eu faltava demais, ficava em depressão, ficava deitado demais e não tinha muita, como que se diz, vontade de aprender, aquela coisa assim, aquele marasmo, né? Do ponto de vista profissional, foi super... eu sô uma prova viva disso porque eu fiz, Agronomia, mestrado em Eng. Agrícola e doutorado em Economia Rural. Quer dizer, tudo o quê... vontade de conhecer as coisas... porque a natureza... assim, Deus criou as coisas... Então, o meu curso, a minha história profissional tá toda ligada com a essência de Deus, né? Da forma de estudar, não que eu seja um aluno, é, perfeito. Eu tiro boas notas, eu agradeço a Deus por essa oportunidade, mas eu sinto que eu tenho, é... muitas deficiências ainda como estudante. Mas uma coisa é certa, tudo que eu faço, não que eu faça da forma mais perfeita, mas eu coloco amor naquilo que eu faço. Não significando que eu faça da melhor forma que os outros. (...) Eu sinto amor pelo que eu tô trabalhando... Por exemplo, a bolsa da Fapemig, a bolsa da Fapemig atrasou dois meses, né? É... muitos, eu vejo muitos estudantes da pós-graduação irados. Eu não conseguia vê, me ver irado como as pessoas ficam iradas, né? Então eu coloco é... a bolsa nas mão de Deus. É, tipo assim... teve um dia que eu tava rezando, e é... sentia isso: olha, olha como que você, olha só como seu diploma tá saindo caro, esse dinheiro é um dinheiro que talvez tá fazendo falta prá algumas pessoas, na verdade prá muita gente. Então, é... agradeça a oportunidade de ter bolsa. Se, às vezes, ela falta, isso é uma prova de que você tá sendo formado com muita dificuldade. Então, você vai ter um efeito multiplicador no lado social.” (RO-L-SM)

O comportamento ético, que caracteriza o profissional idealizado pelos membros do PUR, pode ser analisado como uma alternativa para modificar as relações entre os homens no sentido de organizar os relacionamentos em sociedade buscando equilibrar os desejos e direitos individuais e coletivos, embora o comportamento seja marcado por uma postura de “conformismo” e indiferença em relação aos acontecimentos sociais³.

RINALDI (1996:43), em seu estudo sobre a ética, se apropria das considerações de Freud ao explicar que os juízos éticos não estão ligados à razão, pela incapacidade original do homem de distinguir o bem do mal; mas ao desejo de felicidade, definida como “Supremo Bem”. Tendo em vista o campo no qual a

³ Essa conformidade pode ser pensada na atitude de RO-L-SM em relação ao atraso da bolsa, por exemplo.

pesquisa foi realizada, a felicidade parece estar (pelo menos em parte) relacionada à satisfação de cumprir a orientação religiosa, que, por sua vez, vem contribuir para a salvação. Desse modo, a qualidade de Supremo Bem poderia ser transferida para a salvação, último alvo da ação religiosa.

Por outro lado, a ética que orienta as atitudes do Profissional do Reino vem ao encontro de um dos mandamentos maiores da doutrina cristã, que muitas vezes parece esquecido pela prática incentivada pela RCC: o “amar ao próximo como a si mesmo”. A inquietação percebida nos entrevistados, pelo fato da prática sugerida pela Renovação não atingir diretamente o “outro” ou a comunidade de modo geral, foi mencionada em alguns momentos. Como exemplo, tem-se os trechos que se seguem⁴:

“Assim, vamos ver os [pontos] negativos [da Renovação] que é bem mais fácil... eu acho assim, que muitas vezes a gente fica muito na oração, sabe? Falta um pouco de ação. Eu sinto essa necessidade. Tanto que outras linhas da Igreja Católica, cobram isso, né? Prá mim, particularmente, o ponto mais negativo é esse.(S-GS-SF)

“Então, algumas pessoas... a gente mesmo... corre o risco de... , de tá buscando, mas esquecer de que a gente é pecador. Que a busca não tornou a gente santo, que a gente realmente peca, e tudo mais... Às vezes, eu sinto, que a gente tem dificuldade de amar, de verdade, convivendo com os mais pobres, de... benefício social... mas mesmo assim, a gente faz muita obra social, muita coisa...” (MT-L-SF)

Tem-se também as palavras de A-L-SF ao falar sobre o que sente falta nos trabalhos do PUR em relação aos trabalhos do Grupo de Jovens que participava anteriormente:

“Não... eu acho assim... um ponto só [negativo], seria, essa questão de trabalhar mais, de ir mais. Assim, visitar o povo, sabe? Mais essa deficiência, falta porque a gente não tem essa secretaria Marta. Sei lá... uma equipe de visita...isso é um pouco falho.”

⁴ Somente C-GS-SF participa de serviços pastorais, organizados fora da Renovação, e três estudantes (F-GS-SM, JM-GS-SM e WE-GS-SM), todos do Grupo Semente, colocaram o “amar ao próximo” como a principal tarefa ou o que diferencia o cristão ou o “Profissional do Reino” dos “homens comuns”. Outro ponto que deve ser considerado é o fato dessa “ausência do outro” ter causado em mim uma certa inquietação e, por isso, em alguns momentos, insistia nessa questão.

Dois entrevistados justificaram o trabalho social desempenhado pela Renovação Carismática (ou sua ausência), nos seguintes termos:

É... então, muitas vezes a Renovação é uma via, que Deus se utiliza, prá que as pessoas conheçam a Ele. A partir do momento que conhece a Ele, é claro que tem diversos trabalhos dentro da Igreja, diversos trabalhos sociais. Então, assim... acaba que, eu considero o próprio serviço, pôxa... praticamente a minha vida é servir a Deus através da Renovação. Eu já considero isso como uma obra social. (...) Mesmo não colocando a mão na massa, no pobre, lá... entendeu? Até porque Jesus (...) Ele vem libertar o homem de maneira integral. Tem muita coisa que Ele fala que, que... é ... uma mulher derrama um perfume no pé Dele e lava os pés Dele. Aí Judas fala assim: mas a gente podia ter vendido isso e dado aos pobres. A resposta Dele é assim: mas os pobres vocês terão sempre (...) a mim nem sempre tereis. Então, assim... Ele veio libertar o homem de maneira integral, e não veio um revolucionário social, igual muita gente dentro da própria Igreja fala e por isso justifica uma ação mais direta. Entendeu? Não que a gente não se sensibilize nem nada, mas é... a gente entende que a pessoa tendo um contato com Deus, talvez seja mais importante, talvez não, é mais importante, é mais profundo, dá mais frutos do que a gente pegá e engajá a pessoa num movimento, porque... social, direto. Por quê? Porque isso... um movimento social não precisa de ter Deus, no entanto, se a gente tiver Deus, por consequência, a gente vai ter... e é claro que umas pessoas mais, outras menos, são egoístas na fé. (...) Mas aquele que é, que conheceu a Deus de verdade, ele tem a preocupação, mesmo que o chamado prá ele não seja fazer aquela obra social.” (RA-L-SM)⁵

“Olha, é tudo um processo interativo... porque, igual eu te falei, em primeiro momento é amar ao próximo, tudo bem cê pode muito bem amar ao próximo sem ser católico, sem ter fé nenhuma, é independente você fazer o bem pro ser humano, de você ter ou não fé. Tanto é que você pode parar prá analisar os dez mandamentos, dos dez mandamentos apenas três depende de fé, dos sete não precisa, é só ter o senso comum. Então, esse fato de você amar o próximo ou não, não depende e primeiramente você estar se abastecendo, ou não... você estar primeiramente indo ao próximo... agora, as duas coisas, têm que ter um tanto... de igualdade, de importância. Tipo assim, se uma coisa tá fraca, uma das partes tá fraca, ou...

⁵ Aqui fica clara a idéia de separação entre religião e questões sociais.

vão supô, que a Igreja Católica estivesse apenas preocupada em rezá muito, então eu acho que a Renovação agiria naquele processo de você ir até o próximo. Mas como o processo de ir até o próximo já estava sendo executado... a Renovação veio prá suprir a outra parte.” (WE-GS-SM)

Adotando o perfil do novo profissional, na medida em que se segue a orientação religiosa, além de evangelizar, acredita-se que ele irá perceber o outro como seu semelhante, e, assim, irá tratá-lo de forma diferente, buscando valorizá-lo.

Esse sentimento pode ser percebido nas palavras de D-L-SF, de A-L-SF e de WA-GS-SF, respectivamente:

“Esse prá mim, sem dúvida, é um dos maiores dilemas, que eu tenho hoje. Pelo meu curso, pelo meio de profissionais que eu convivo hoje, e vou conviver mais tarde. Mas eu acho que, principalmente, eu acho que... uma coisa que eu tenho trabalhado muito, é parar de olhar o meu cliente como um número de processo e olhar prá ele como um ser humano.”

“Sim... ajuda. Porque... eu quero trabalhar na área social, né? Então, eu sinto até... depois de complementar meu curso com psicologia. A intercessão me ensina a ... tomar a causa do outro, e não simplesmente, escutar por escutar, a pessoa, né... de olhar prá ela, de sentir com ela, empatia mesmo, ne’? Então, trabalhando na minha área social, eu posso aplicar isso, né?”

“Eu acho que... é ser um profissional mais humano, mais sensível, ele... vai tá atento aos valores que foram é... foram passados prá ele, dentro da Igreja, dentro da família... Então, é tentar ser honesto, fiel ao trabalho, ao exercício da profissão... é difícil, mas às vezes nos gestos mais simples, ele pode mostrar essa honestidade, né... às vezes também ser questionador... (...) tipo exclusão social, questionar isso... e, de alguma maneira, tentar mudar (...) Não ficar indiferente... , deixando o lado mais humano, mais sensível, fluir...”

6.1. A formação de redes entre os membros do PUR

A formação de redes que acontece entre os membros e ex-membros do Grupo Semente pode, com base no exposto, ser analisada sob dois ângulos: por um lado, ela surge, se mantém e é valorizada pela necessidade de criar laços duradouros entre seus participantes e, assim, “grande família” é mantida após a conclusão dos cursos na UFV⁶. Por outro lado, os membros formados, guiados pelo propósito de responder ao “profissional diferenciado” torna-se uma referência e um exemplo para os que ainda são estudantes.

A idealização desse profissional, por sua vez, funciona como um incentivador de comportamento. Ao ser compartilhado esse ideal, cria-se uma corrente onde o individual e o coletivo se entrecruzam e, nesse processo, a identificação do sujeito enquanto elemento pertencente ao grupo é reforçada e mantida, chegando a poder exercer uma coerção entre os membros. Assim, o membro do Projeto reforça seus ideais e se identifica continuamente com o perfil ideal, possivelmente gerando uma vigilância sobre as próprias atitudes.

A função incentivadora do Profissional do Reino pode ser percebida nos trechos das entrevistas:

Olha só... quando eu tava estudando, eu vi, assim, muitas teorias malucas. E até, assim, muitas teorias não cristãs, uma coisa, assim, muito louca. (...) Mas o que me motiva é saber que eu não estou sozinha no mundo, tem uma pessoa do meu lado, e que me motiva. Que quando eu saí daqui eu possa fazer alguma coisa... útil. Não somente prá mim. Trabalhar, assim, ter um salário, uma renda boa (...) mas, e as pessoas que estão precisando de ajuda, sabe? Então, o que esse Projeto, essa vivência, desperta em mim, é isso: é esse... sair do meu mundo, sabe? Não ser um profissional que vise, é... apenas a promoção pessoal (...) A gente é chamado a viver num equilíbrio, e nesse equilíbrio eu olho prá mim, mas olho pro meu irmão também, né? (...) Talvez com a vivência com as outras pessoas, eu possa, despertar nelas, também, esse desejo, também, esse desejo de fazer um mundo melhor, né? De ser um profissional, como a gente fala, um profissional do Reino de Deus. Um profissional onde a ética, onde a moral... né? Possa prevalecer.(...) Hoje, o meu desejo, é

⁶ Inclusive, na época da pesquisa de campo, foi comentado que estava sendo criado um encontro periódico, via internet, para que os membros e ex-membros do Semente entrassem em contato e trocassem experiências.

lutar. Mas eu não sei como vai ser amanhã, né? Quando eu tiver no mercado de trabalho. (...) Aí, é que eu vou aplicar tudo que eu aprendi.(...) Por exemplo, a minha amiga me falou, assim: Cristiane: como eu tive oportunidade de ser desonesta, assim... Mas porque que eu não sou? Né? Porque aprendeu alguma coisa. Porque, descobriu que aquele não é o caminho, sabe?” (C-GS-SF)

Tem-se também a opinião de RA-L-SM:

“Seria evangelizar com a vida. É... um outro ponto é que você pode servir ao Reino de Deus, servir a Deus dentro da sua profissão. Como exemplo a gente tem a Cristiane, em Tecnologia de Alimentos, ela é nutricionista. Ela descobriu... num estágio que ela fez em Belo Horizonte que tinha ... ela observou alguma coisa em relação à diabetes, a insulina... então ela começou a pesquisar, com uma fruta do mato do Brasil, que é a “lombera”, né? Um amido que ela tava conseguindo até um tempo atrás com 100% de cura em ratos. Então, assim... ela já entrou dentro de um mestrado, é... com algo que pode ser útil pra sociedade. E se é útil pra sociedade, vai causar o bem estar geral, isso é da vontade de Deus, né? (...) O segundo ponto seria você utilizar da sua capacitação para o Reino, né?” (RA-L-SM)

As ações e intenções motivadas pelo profissional ético parecem vir (re)estabelecer a ordem e a harmonia nas relações com o próximo, além de justificar e minimizar os insucessos financeiros ou acadêmicos que possam acontecer. Nesse contexto, a palavra chave é a ordem. Para se entender o desejo e a procura de ordem, própria do ser humano, tem-se as contribuições de GEERTZ e BERGER.

6.2. A idéia de ordem

Para GEERTZ a imagem de uma ordem genuína vigente no mundo é a resposta religiosa que o homem procura, sobretudo em momentos de dificuldades. Já BERGER, utiliza-se da propensão para a ordem para elaborar sua compreensão do empreendimento religioso do homem. Para o autor, qualquer sociedade é uma ordem, “uma estrutura de sentido protetora, levantada frente ao

caos”⁷. No âmbito desta ordem, a própria existência e a vida em grupo, fazem sentido. Isso porque a ordem da sociedade corresponderia a uma ordem do universo e, até mesmo, a uma ordem divina. A propensão do homem para a ordem justifica-se na confiança de que, apesar do que possa vir acontecer, tudo está em “ordem” e como deve ser. No PUR, essa propensão, que busca na religião o suporte, justifica e minimiza as derrotas ou insucessos, tanto na vida acadêmica, profissional ou pessoal. Tudo tem sua razão de ser, tudo é de conhecimento de Deus.

Com base no exposto, o significado social e profissional do Projeto pode ser pensado em termos de estímulo à ética profissional. Nesse sentido, ele pode ser analisado tendo-se como uma das referências a “ética protestante” de Weber. De acordo com o autor, no ascetismo o êxito profissional, inclusive com retorno financeiro quando adquirido com honestidade e dedicação, é um sinal de se estar cumprindo a vontade divina. Do mesmo modo, o trabalho vocacional, dentro e fora do sagrado, deve ser realizado de forma que Deus possa se manifestar através dele. Também no PUR, o trabalho vocacional/profissional é utilizado para que Deus e Sua vontade possam se manifestar tanto em termos pessoais como coletivos⁸. No PUR, entende-se que o espaço e o trabalho profissional podem ser utilizados para que os conversos manifestem a presença de Deus em suas vidas.

Um dos pontos de análise e de contraste entre o PUR e a congregação refere-se ao processo de admissão. No contexto de Weber, uma seita de reputação só aceitava como membro uma pessoa que comprovasse possuir virtudes e passasse por uma votação. Desse modo, estar legalmente filiado a uma seita ou grupo religioso era considerado uma garantia de qualidades morais. No contexto do PUR, não se exigem requisitos para a inserção no grupo, o direito de ir e vir é livre⁹. Por adotar no PUR o princípio voluntarista, onde qualquer estudante ou profissional de ensino pode fazer parte do grupo, o que pode vir a

⁷ (BERGER, 1973: 75).

⁸ No entanto, torna-se oportuno ressaltar que no contexto de estudos do autor, a filiação religiosa relacionava-se, sobretudo com o crédito ou questões de honestidade financeira, que no contexto da pesquisa não é o ponto fundamental.

⁹ Esse princípio voluntarista não funciona para a participação do indivíduo nos núcleos ou equipes, cujo processo já foi abordado neste trabalho.

garantir, ou pressupor, a adoção dos princípios éticos que definem o perfil do “profissional do reino” é exatamente o fato de ser algo coletivamente idealizado.

Com esse perfil marcado por um compromisso com a ética ou moralidade que envolve o próximo, o converso torna-se um portador de um ascetismo que em termos nega o mundo e em outros termos, se volta para ao mundo. As conseqüências desse ascetismo poderá influenciar no reconhecimento de qualidades profissionais de modo a valorizar o profissional e, assim, garantir seu espaço na sociedade. Além disso, com a adoção desse perfil, o profissional poderá responder ao princípio religioso de amar ao próximo e, assim, minimizar o individualismo vigente na sociedade e que poderia ser reforçado pela supremacia da relação homem e Deus. Nessa perspectiva, é que torna-se adequada a expressão “qualidade total”, como algo almejado e planejado pelos membros do Projeto, embora ALVES (1995), tenha utilizado a expressão enfocando o acolhimento como fundamental no processo de evangelização. Segundo o autor:

“A Qualidade Total não se refere a produzir bens de qualidade e satisfazer às expectativas do cliente, mas também a inspirar as pessoas que produzem bens e serviços para que os façam o melhor possível: melhorar as relações humanas, fortalecer a comunicação, formar espírito de equipe e manter padrões éticos elevados.”

Desse modo, não é importante apenas a qualidade dos produtos e serviços, mas também o perfil das pessoas que os produzem e que prestam serviços¹⁰.

O profissional do PUR, ao adotar um comportamento comprometido com a ética e a moralidade, unindo-o ao perfil já marcado pela alegria, comunicabilidade e confiança, características incentivadas e exercitadas no Projeto; apresenta-se como o “profissional diferenciado”. Esse profissional, que executa sua profissão, tanto em nível de relacionamento como de prestação de serviços, responde à motivação religiosa e ética. Por outro lado, vem também garantir seu espaço profissional, tendo em vista que atualmente o mercado de trabalho tem notadamente valorizado o perfil de profissionais com facilidade de relacionamentos, comunicabilidade, envolvimento com trabalhos voluntários.

¹⁰ O autor ainda sugere a substituição de termos nessa prestação de serviços, onde o cliente é substituído pelo “cristão” e o lucro pela “libertação” ou “salvação”.

Essas atitudes são incentivadas e valorizadas pela mídia e pelo mercado de trabalho. Assim, abre-se a possibilidade de pensar a religião também como uma forma de qualificação profissional, na medida em que confere ao sujeito uma visão mais humanista e solidária.

CAPÍTULO VII:

SEARA: UMA COMUNIDADE DE AMOR

“Eu sei que não estou aqui por acaso (...) foi o Senhor que me trouxe...”

SEARA é o nome do evento realizado na Universidade Federal de Viçosa no período de carnaval, organizado pela Renovação Carismática de Viçosa, num trabalho conjunto entre os grupos da Universidade e da cidade. O evento, de acordo seus organizadores, conta com a presença de aproximadamente sete mil pessoas de várias cidades e estados, sendo definido por alguns participantes como “carnaval de Jesus”.

Durante minha inserção no campo, foi possível perceber uma certa distância entre as concepções e argumentos utilizados pelos palestrantes do SEARA e dos membros do Projeto Universidades Renovadas (PUR), principalmente em certos pontos da vivência religiosa e da postura do cristão frente ao mundo. No entanto, foi durante a realização do SEARA que os estudantes idealizaram o Projeto. Desse modo, embora com pontos de distância, o evento é a base e uma referência para o Projeto. Além disso, acrescenta-se o fato de que os estudantes que participam do SEARA terão como caminho para a continuidade das experiências religiosas, vividas no evento, a inserção ao Projeto.

Antes da abordagem do evento propriamente dito, torna-se oportuno esclarecer três questões: a) minha participação no SEARA realizou-se no período de 04 a 07 de março de 2000 (mesmo ano em que foram realizadas as entrevistas com os membros do Projeto; b) o conteúdo das palestras foi registrado por meio de anotações, podendo, assim, conter pequenos erros de vocabulário ou omissão/troca de palavras ou expressões; e, c) minha participação foi parcial, restringindo-se às palestras proferidas no período da tarde.

O primeiro encontro de carnaval organizado pela RCC de Viçosa chamou-se “Rebainho” e foi realizado em 1988, quando alguns estudantes reuniram-se para “louvar ao Senhor”. O nome “Seara” veio a partir do segundo ano, quando seus organizadores já tinham o objetivo de tornar o evento tradicional em Viçosa.

Segundo lideranças do Movimento, o termo foi retirado da bíblia e quer dizer: “terra preparada para ser lançada a semente”, representando, assim, a maneira como deve estar o coração das pessoas: “prontos para receber a Palavra de Deus.”

De acordo com a comissão organizadora, o Seara objetiva trazer à comunidade uma opção diferente para os dias de carnaval,

“Onde, num clima de alegria e paz são proferidas pregações, intercaladas com muita música, shows, orações, teatros, missas e seminários, visando sempre ao anúncio da salvação em Jesus, ao reavivamento da fé, à formação espiritual das pessoas, à busca de conversão e da vida de santidade.”

7.1. O evento

Aconteceu um pequeno atraso na abertura do evento. Nesse período de espera, foram apresentadas músicas conhecidas pelo movimento carismático que eram acompanhadas por um coral de participantes da Renovação. Os participantes sempre cantavam com muita animação e todas as músicas envolviam gestos, palmas, pulos, balanço com o corpo. O responsável pela abertura do evento iniciou sua participação pedindo desculpas pelo atraso e sugeriu que todos dissessem em voz alta: *“Graças a Deus: demorou, mas começou”*. A sugestão foi atendida e, pela reação das pessoas, ocasionou um certo alívio. Essa frase, embora formada por poucas palavras, parece trazer em si um poder ou magia ao ser dita e, principalmente, ao ser repetida pelos participantes. Ela sugere um pedido de desculpas pelo atraso, uma sensação de alívio por ter começado o evento, uma perspectiva de que valeu ou valerá a pena ter esperado por tanto tempo; sugere ainda o poder de Deus guiando e permitindo que o evento se iniciasse, além de proporcionar um clima de descontração, característica da Renovação.

Dando prosseguimento, o comentarista falou da emoção de estar participando do Seara 2000 e disse em alta voz que *“Este Seara não vai ser um Seara qualquer!”*. Desse modo, as pessoas deviam se preparar para receber as bênçãos que Deus iria enviar, *“bênçãos essas que virão para ficar e mudar a vida*

das pessoas”. Em seguida, foi pedido ao público que repetisse a frase: *“o céu está a minha disposição!”* Os participantes atenderam ao pedido e houve um momento de fortes aplausos. Dando prosseguimento, foi pedido aos presentes que levantassem as mãos para um momento de oração. O comentarista, iniciando sua oração, disse as seguintes frases que eram repetidas ardentemente pelos participantes: *“este Seara será o Seara da minha vida! Agora é prá valer! (...) Vamos acolher o Senhor!”*. Logo em seguida, o prelecionista convidou a todos para o abraço da paz e músicas foram cantadas, tendo como tema central a paz.

Por meio dessas frases, pode-se perceber claramente a disposição que se criava no participante para experimentar a conversão e, conseqüentemente, assumir uma postura de adoção de uma nova vida.

Retomando a palavra, o comentarista falou sobre o tema do Seara daquele ano - a Santíssima Trindade - e fez outra oração espontânea, quando apresentou a seguinte sugestão:

“clamo todos para louvar sem medo, sem vergonha. Louvar a Deus porque Ele é grande. (...) Obrigado Senhor, porque eu vim aqui para Te louvar. (...) Louve com o coração, com a alma. (...) Nós devemos nos encantar com aquilo que Jesus está fazendo em nosso coração. Jesus está transformando este lugar em um lugar de paz. Que este lugar seja tomado por anjos. (...) Vamos pedir a Deus para que encha esse lugar de anjos. (...) Meu anjo da guarda me ensine a louvar ao Senhor, agradecer ao Senhor por eu estar aqui, porque foi Ele que me trouxe até aqui.”

Com essas palavras, a idéia de submissão dos participantes aos planos de Deus fica explícita e Ele aparece como o responsável pelas atitudes do converso. Durante essas orações, foi feito um intervalo com músicas que falavam de anjos. Em seguida, a oração continuou, agora feita por um estudante que pedia a Deus para agir nos corações das pessoas. Usando as palavras originais: *“Eu quero ver meu coração curado neste Seara. Vem agir em mim Espírito Santo de Deus.”*

Dando prosseguimento, foi lido um trecho bíblico e todos foram convidados a *“erguer as mãos e transformar este Ginásio numa grande lavanderia, onde Deus lava nossas vestes, porque estamos mergulhados no Senhor”*. Em seqüência, foi dito: *“nós Te bendizemos pela ação bendita que está no meio de nós. Deus se faz presente e nós mostramos a Ele como nós estamos (...) a nossa*

roupa pode estar rasgada pelo pecado, mas deixe que a água nos lave.” Foi pedido aos participantes que dissessem: “Senhor, eu me lavo, neste momento, nessa água, eu estava sujo de tanto cair, de tanto errar. Desejo que a água me purifique por inteiro! (...) Temos que pedir a Deus que nos cure, que nos liberte” (...) Com o objetivo de alcançar curas, foi sugerido: “Temos é que rezar! Pedir ajuda ao Espírito Santo!” Em seguida, foi cantada outra música que se iniciava com as seguintes frases: “Quero mergulhar nas profundezas do Espírito de Deus.” dando prosseguimento, foram feitas orações de agradecimento “pelo que Jesus já está fazendo em nós, porque Jesus vai nos restaurar e vamos sair daqui renovados”.

Mais uma vez, nesses comentários, é marcante a intenção das lideranças de conduzir os participantes a desejarem, a imaginarem e a sentirem a conversão acontecendo, além da sugestão de que a mudança de vida envolve somente o interior das pessoas.

Dando fim à cerimônia de abertura do evento, agradeceu-se a presença de todos e houve um pequeno intervalo para, em seguida, ser celebrada a missa por Dom Luciano¹.

No dia 05/03 o tema da pregação foi “ARDENTE AMOR”, tendo como orador José Moreira Guedes Filho (SP), conhecido como Juninho². Iniciando a apresentação, foi dito que “Jesus tem muito ainda para fazer por nós” e, nesse sentido, foi apresentada uma peça de teatro onde um estudante aparece em cena reclamando de tudo, inclusive do trabalho e do estudo. Uma pessoa se aproxima do estudante e diz que nem som nem dinheiro trazem felicidade. Em seguida, oferece-lhe a bondade, que é “*o que há de melhor no coração.*” Outra pessoa aparece oferecendo o perdão, “*para que o homem fique em paz*”. Outra aparece oferecendo esperança, que vem de Deus. Outra pessoa entra em cena e tira os sapatos do estudante dizendo que Deus vai, “*pela esperança, guiar o seu caminhar*”. Outra pessoa surge dizendo que Deus fala que está faltando fé, “*elemento que dá uma nova visão do mundo*” e, nesse momento, tira os óculos do estudante. Mas o estudante demonstra que ainda não está satisfeito

¹ Na ocasião, Bispo da Diocese de Mariana.

² O pregador é bacharel em Filosofia e Teologia e participa da RCC desde 1986.

completamente e outra pessoa vem oferecendo o amor, *‘que é o que estava faltando, pois é o amor que ajuda a unir todos os outros elementos. Não adianta ter fé, paz, etc. (...) se não estiver ligado ao amor de Deus, fazendo parte de uma comunidade de amor.’*

Várias questões emergem a partir das frases mencionadas no decorrer da abertura do evento. Uma delas refere-se ao poder de coerção das lideranças para o público e para a divindade. Cria-se uma atmosfera onde o participante é levado a assumir a condição de convertido (ou pelo menos de quem deseja a conversão). Além desse ponto, o pregador se coloca como um conhecedor da vontade e da ação divina. Esse nível de alcance pode ser percebido, como exemplo, nas seguintes frases:

“Jesus tem muito ainda para fazer por nós”.

“Jesus vai nos restaurar e vamos sair daqui renovados”.

“O céu está à minha disposição”.

Terminada a apresentação do teatro, o pregador Juninho foi novamente apresentado e rezou-se de mãos postas para que o Espírito Santo o iluminasse. Essa pregação teve como tema “COMUNIDADE DE AMOR”. Na ocasião, o orador disse que naquela tarde todos seriam consumidos pelo Espírito Santo e as seguintes frases foram ditas e repetidas pelos participantes: *‘Senhor, possua minha alma, eu quero amar, eu quero me consumir...’*. Em seguida, foi lida a passagem da bíblia: “João, 13: 1”.

Comentando o trecho bíblico, foi dito que *“Jesus nos ensina a amar como Ele amou”*. Em relação ao amor de Jesus, falou-se que *“o amor pingava de seus pés, de suas mãos, (...). Ele amou o homem como ninguém nos amou, amou até o extremo”*. Na ocasião, foi comentada a passagem bíblica onde Jesus lava os pés dos discípulos. Continuando, falou-se que Jesus se fez verbo, por amor, e ganhou carne, sangue. Se fez homem, escravo, obediente até à morte; que Ele estava no céu onde os anjos O proclamavam, O exaltavam, mas Ele desceu de sua divindade. *‘E nós não gostamos de servir e de ser obedientes. Nós queremos, arrancar tudo de Jesus [milagre] mas não queremos ser obedientes.’*

Nesse momento, o pregador pegou rosas e jogou-as no chão e começou a pisar sobre elas. Durante estes gestos que rasgavam as rosas no chão, o palestrante comentou: *“foi isso que aconteceu com Jesus, Jesus sentiu seu corpo sangrar, quebrar, Ele era uma chaga viva, uma coroa de espinhos. (...) Aquele que era adorado pelos anjos foi arrastado pelas ruas, carregando uma cruz.”* Nesse momento, falou-se enfática e emocionadamente sobre a intensidade da dor que Jesus sentia em ter as mãos pregadas, sobre o respirar de Jesus, sobre o sangue, as chagas, o peso do próprio corpo sobre as feridas, os nervos atingidos pelos cravos, o sangue escorrendo no rosto, etc. Em prosseguimento, foi dito que *“tem um Homem que foi pregado na cruz por você! Derramou todo Seu sangue na cruz por você!”* O orador disse, ainda, que ele próprio não seria capaz de oferecer um de seus filhos pela humanidade, mas que o *“Pai entregou seu único filho por nós! Jesus quer que façamos o mesmo que Ele fez, que demos a nossa vida por Ele, pela Igreja Católica Apostólica Romana. (...) Somos chamados a dar a vida por Jesus”* (mais uma vez é possível identificar a condição do pregador de conhecedor das vontades e dos planos de Deus).

Dando seqüência, foi dito que os apóstolos Pedro e Paulo lavaram os pés das pessoas com o sangue de Jesus. *“Jesus quer homens radicais, que dão sua vida pelo evangelho”*. E fala sobre as tantas vezes que Paulo foi ousado em dizer *“Jesus é o Senhor!”*. Nesse momento, houve uma pequena encenação de improviso, onde um estudante assumiu a posição do Apóstolo Paulo e durante várias vezes ele era chamado ao microfone e afirmava *“Jesus é o Senhor!”* Em seguida, o orador propôs aos participantes que afastassem o aluno que representava Paulo ou fizessem com que ele mudasse de opinião, desse modo, as seguintes frases foram ditas e repetidas pelos presentes: *“Vamos ficar livres de Paulo; Paulo tu estás morto, é o seu fim! Tchau Paulo!”* Mas o estudante que representava Paulo repetia: *“Jesus é o Senhor!”* Nesse momento, aconteceram muitos e demorados aplausos. O orador, dando prosseguimento, sugeriu que as pessoas imaginassem Paulo chegando ao Ginásio. Então, ele iria pedir a Paulo que ficasse de costas e iria arrancar suas roupas para que o povo pudesse olhar para seu corpo marcado pelos chicotes. Dando continuidade, foi mencionado que *“O Senhor chama para ser um cristão radical, violento na fé, que dá o sangue e*

o suor para o evangelho e para a Igreja Católica Apostólica e Romana (...) O amor de Jesus na pessoa do pobre, na prisão. (...) Jesus nos chama para sermos radicais. (...) Devemos entregar nossa vida hoje!”

Por meio dessas frases, pode-se perceber claramente a disposição que se criava no participante para experimentar a conversão, para assumir uma postura de adoção de uma “nova vida” e para ser um cristão radical.

Nesse momento, os participantes deram-se as mãos e foi feita uma oração quando o pregador disse que Jesus estava *“passeando em nosso meio, nos curando, nos libertando (...) e que Ele quer criar sua comunidade com bases na lealdade e obediência a Ele”*. Nesse momento, houve intervenção de outros comentaristas e um deles sugeriu: *“que a corrente do vício seja quebrada.(...) Jesus, liberta-me de todo escravismo! Eu quero viver uma comunhão de amor, mas eu não estou preparada, liberta-me Senhor com o Espírito Santo. (...) Jesus está passando e acolhendo todos em seu manto. (...) Senhor, eu quero entrar no Seu corpo... liberta-me ... quero abusar de Tua graça.”* Foi dito ainda que é preciso parar de ignorar as provas do amor de Jesus porque quando as pessoas descobrirem essa prova de amor, nada mais irá segurá-las. Assim, foi proposto que todos dessem um passo em suas vidas ao dizerem *“um sim em nome de Jesus”*. O pregador dirigiu-se ao público, com grande entusiasmo, e sugeriu: *“Quem quer assumir a salvação deve dizer: ‘Eu reconheço tudo que o Senhor renunciou por amor (...) eu reconheço Teu amor e respondo a este amor com a vida!’ (...) Lava-me com Teu sangue”*.

Continuando, o palestrante convidou o público para falar com Jesus: *“Senhor, eu renovo meu desejo de caminhar com meus irmãos, na Igreja , (...) eu renuncio a toda falta de perdão, às desculpas (...) para não me fazer irmão. Essa nova história eu quero que seja gravada em meu coração. (...) Eu recebo de Ti a vida nova!”*

Todos rezaram de mãos dadas: *“Eu me comprometo em amar a Igreja, em amar o sacerdote (...) eu me decido nesta tarde, eu vou ser fiel, eu quero ser fiel, eu conto com Sua graça (...) que me restaurou (...) Amém.”* Nesse instante aconteceram muitos aplausos.

A pregação “MARIA, SACRÁRIO DA SANTÍSSIMA TRINDADE” foi realizada também pelo mesmo orador, Juninho, que iniciou a apresentação lançando a pergunta: “Qual o motivo que trouxe você aqui?” E, em resposta, foi dito por ele mesmo: “É Jesus!”. (...) “Agradeça a Deus porque você está aqui, é porque você quer Deus, você tem sede de Jesus. (...) Louve sem vergonha: Obrigado, porque o Senhor cuida de minha vida! (...) Porque estou aqui e recebendo tantas graças!”

Nesse momento, foi feita uma oração e o pregador pediu que todos os presentes repetissem suas palavras - sugestão atendida com grande entusiasmo. Na ocasião, foram ditas as seguintes frases: “Maria, minha mãe! Maria, nós Te amamos profundamente. (...) Que nesta tarde nós possamos mais.” Em seguida, foi lida e comentada a passagem da bíblia onde o Anjo Gabriel aparece para Maria. Terminada a leitura, Juninho levantou a bíblia e solicitou aos ouvintes que aplaudissem “a palavra de Deus”. Nesse momento, aconteceram fortes aplausos.

Ainda na pregação sobre Maria, foi dito que “Maria é santa, (...) Maria é pura. (...) Muita gente vai quebrar a cara no céu quando encontrar Maria coroada ao lado de Jesus”. Com essas palavras, é possível perceber um tom de rivalidade em relação às outras religiões.

Em seguida, foi apresentada aos ouvintes a expressão MDD (Maluco de Deus), quando o próprio palestrante se incluía no grupo dos MDD’s. Nesse momento, foi relatado pelo orador o seu processo de conversão. Segundo Juninho, Jesus estava sempre atrás dele, embora ele se escondesse. Então, foi convidado para participar de um Grupo de Oração e, mesmo com uma sensação de estranheza, foi ali que ele conheceu Jesus Cristo. Usando as palavras originais: “e fiquei amigo de Jesus que me apresentou para outros amigos da Igreja Católica Apostólica Romana, que estão à nossa disposição”. Falando sobre esses “amigos” da Igreja, foi dito que “onde está o Espírito Santo, está também Maria”, e que “o Espírito Santo age como um sopro forte. (...) Maria está aqui e vai haver uma explosão de milagres. (...) Como o Espírito Santo gerou Jesus em Maria, Ele quer gerar Jesus em nós”. Nesse momento, o palestrante comentou que por onde ele anda tem presenciado milagres e que “nesta tarde, Deus não vai nos decepcionar” (Mais uma vez é possível identificar a potencialidade do

pregador em conhecer os planos sagrados). Disse ainda que Maria é Sacrário da Santíssima Trindade e comentou sobre a visão e o sonho que teve com a Virgem Maria. Segundo ele, Maria fala nossos problemas para Jesus. *“E Jesus vai colocar a mão em nós, hoje!”*

Foi relatado também um milagre de cura de câncer que, de acordo com o palestrista, foi realizado por seu intermédio. Segundo ele, outro milagre havia sido realizado no Seara durante a reza de Ave Maria.

Dando prosseguimento, foi dito que *“Jesus vai tocar em você hoje, Jesus é real!”* Nós vamos ficar *“chapados de Deus”!* *Vamos pedir ao Espírito Santo que nos deixe chapados e pedir também curas. (...) Eu sinto um calor saindo de minhas mãos. (...) Vocês estão sentido o coração sair pela boca? Um calor no corpo? É assim que Jesus age. (...) Daqui a quarenta segundos o poder de Deus vai cair aqui”.*

Seguindo as orientações do palestrante, foi aberto um espaço no meio do público para que as pessoas que tivessem com alguma enfermidade se aproximassem do palco porque haveria o “momento de cura”. Nesse sentido, foi dito: *“que toda doença, toda enfermidade saia agora, em nome de Jesus! (...) Que saia agora, dor da cabeça, dor das costas! (...) Jesus vai expulsando todo o espírito de dúvida, saia agora! (...) Eu sou curado agora, em nome de Jesus.”...*

Nessa ocasião, vários testemunhos de cura foram relatados.

No dia 06/03, a primeira pregação teve como tema “CIDADÃOS DO CÉU” e foi apresentada pela estudante da UFV – Luciana Bhering. Dando início, houve a encenação abordando o momento em que São Pedro larga os bens materiais e, assim, ganha novas vestes como “cidadão do céu”.

Foi lido um trecho bíblico sobre a visão de João sobre as profecias.

Segundo a abordagem da palestrante, as profecias já estão sendo concretizadas. Continuando, foi dito que *“Deus olha por todos que O seguem e não vai deixar que nada de mau aconteça. (...) Deus está vivo e conhece a todos nós. Somos criados pelo amor de Deus Pai que tem planos para nós aqui na terra. (...) O lugar que havíamos perdido no céu pelo pecado, Jesus conquistou-o novamente. (...) Todos têm um lugar no céu, não é privilégio dos santos. (...) Você que veio de Deus, deve voltar para Deus (...) Deus quer te ver ao lado*

Dele. Você não é um cidadão do mundo, é um cidadão do céu!” Foi dito, ainda, que “o mundo fala que você precisa ter um corpo bonito, carro, homem/mulher, ser um grande profissional e ganhar muito dinheiro. (...) O mundo nos oferece uma felicidade passageira e nós devemos nos preparar todos os dias para voltar ao criador. (...) Deus quer falar hoje: ‘Nós somos Dele!’ (...) Você não é escravo da droga, do dinheiro. (...) Para ser feliz você não precisa de nada disso. (...) Essa vida é passageira. Não podemos ser escravos das coisas passageiras”.

Ao enfatizar a vida como algo passageiro e que não se deve ser escravo de coisas passageiras, implicitamente esta declaração vem reforçar a idéia já apresentada anteriormente de que a RCC preocupa-se primeiramente com o homem interior, e que as questões sociais ficam, por muitos adeptos, esquecidas.

Nesse instante, a oradora propôs que todos os participantes fizessem o sinal da cruz na testa do companheiro da direita, representando um selo de Jesus... de modo que, assim, *‘podemos tomar posse daquele nosso lugar no céu! (...) O lugar no céu é seu, mas você tem que estudar a bíblia, como preparando para o vestibular. (...) Temos que conquistar o que já está reservado para nós.(...) Temos que ter fé e confiança e buscar Deus, através de louvor e da oração (...) e assim estaremos brilhando pela luz de Deus, do Espírito Santo. (...) Você é um cidadão do céu, não importa o que você passe”.*

Torna-se interessante observar que o ato de um participante fazer o sinal da cruz na testa do outro é revestido de magia e poder: a partir daquele momento eles estarão ritualmente e publicamente “selados” por Jesus.

Em continuidade, foram citados exemplos de apóstolos que, embora limitações devido à natureza humana, tiveram fé que eram cidadãos do céu e só assim ousaram.

Prosseguindo foi dito que as pessoas têm que ser testemunhos de Deus, no trabalho, no namoro, no serviço. *“Que diante dos infortúnios devemos confiar que Deus sabe conduzir nossa vida. Devemos deixar Deus e o Espírito Santo conduzir nossa vida como se fôssemos pipa”.*

Dando prosseguimento, foi dito que *“Um cidadão do céu tem dificuldades (talvez até mais que os outros). Mas Deus enxuga toda lágrima (...) Devemos*

assumir esse sinal que fizeram na sua testa... cruz lembra salvação. (...) Temos que ansiar o lugar no céu e falar como Paulo: ‘Meu corpo me afasta do céu!’”

Em seguida foi feita a pergunta ao público: *“Vocês acreditam que são cidadãos do céu? Se acreditam fiquem de pé para rezar e falar com Deus: (...) ‘Eu quero ser selado... e nunca perder Deus de minha vida. (...) Eu quero meu lugar no céu, (...) eu quero! Eu não sou filho do mundo!’”* Assim, foi sugerido que todos imaginassem a morada no céu: *“uma casa que não foi construída com mãos humanas, mas com as mãos de Deus. (...) Imagine tudo que está nos esperando lá, perto de São Paulo, São Pedro. (...) Eu quero tudo que tenho direito. (...) Quero que o Senhor construa a minha vida.”* Em seguida, foi apresentada a seguinte proposta: *“Se dê um abraço, é Jesus que dá este abraço (...) para receber o abraço de Jesus é preciso só aceitá-Lo. Sair de uma vida de mendigo porque você é filho de Deus: Aquele que criou a terra”*. Nesse momento, todos se abraçaram, fizeram orações e cantaram.

Na ocasião uma outra pessoa assumiu o microfone e disse aos participantes:

“a sua morada está no céu para você não se envolver com as coisas do mundo (...) Jesus nos diz para renunciar todas as coisas. Nossa morada no céu está pronta, tão linda que os olhos humanos não podem imaginar (...) e é prá lá que precisamos ir. (...) Jesus nos chama para o céu, onde tem um banquete preparado para nós. (...) Se você desejar a salvação de Deus, levante-se. (...) Chega do inimigo agir em nossa vida porque quem nos conduz é o Espírito Santo, é Jesus (...) Se você quer um milagre, lance fora tudo que te prende (drogas, remédios, camisinha) porque isso nos mantém longe da face do Senhor. (...) Aqueles que amam o mundo, passarão com o mundo.”

Essas palavras realçam, mais uma vez, a idéia de trabalhar o homem interior, deixando para trás as questões concretas, os acontecimentos sociais, econômicos e culturais.

Em continuidade, outra pessoa assumiu a palavra, fazendo a seguinte oração: *“Eu sei que não estou aqui por acaso (...) foi o Senhor que me trouxe. (...) Liberta-me dessas algemas (...) Eu proclamo a Sua vitória sobre o meu agir (...), sobre todo meu ser. (...) Senhor Jesus, (...) eu sou inteiramente Tua. Hoje,*

eu saio do território do maligno para o reino da salvação, porque eu pertencço a Ti.”

Nessas palavras, como em vários outros momentos, é possível perceber a sobreposição do individual sobre o coletivo – busca-se a transformação do “eu”. É possível perceber, também, a confiança dos conversos nos planos de Deus, atribuindo-lhe a responsabilidade sobre os acontecimentos.

Gilson Paixão³ foi o orador da pregação realizada no dia 06/03, intitulada “VOLTA PARA DEUS”. Começando a apresentação, ele se dirigiu ao público com as seguintes perguntas: “Querem cantar? Querem sentir o poder do Espírito Santo?” E sugeriu que todos fizessem o sinal da cruz na testa, “*nos olhos para enxergarmos o que Deus quer e nos lábios para falarmos como Jesus quer*”. Em seguida, foi lida uma passagem bíblica. Comentando sobre a leitura foi dito que “*O Senhor nos desafia a continuarmos o mesmo depois desta tarde. (...) Ele nos pergunta com carinho: Filho, você pecou? (...) Ele vem não com rancor, como os pais acolhem os filhos*”.

Dando prosseguimento, foi falado que o pecado é como a serpente, o pior dos animais. Em seguida, comparou-o com a mordida de um leão. “*Jesus nos convida, e não nos obriga, a voltar para Ele. Volte para Mim! (...) Às vezes pecamos tanto e acreditamos que não podemos voltar para Deus. (...) Mas estamos no ano do jubileu (...) ano da libertação*” (Nesse momento, foi falado um pouco da história do Jubileu). Continuando, foi dito: “*Deus nos quer devolver a alegria. É o ano da volta para o Senhor. (...) Talvez hoje estejamos escravos de algum vício, do adultério, mas a graça está sendo derramada de uma maneira especial. (...) Nós estamos na mira do mal, porque ele sabe da capacidade que temos de fazer uma revolução com a fé do Senhor. (...) Enquanto estamos dormindo, a indústria do mal continua trabalhando. (...) Deus convida a uma volta para Ele agora! (...) O homem perdeu o domínio de si. E lutar contra si mesmo pode ser mais difícil que lutar contra um exército!*”

Dando continuidade, o palestrante fez uma comparação do pecado com a AIDS, nos seguintes termos: “*Nós temos que ter horror não do vírus da AIDS, mas do vírus do pecado (VDP). (...) O vírus da AIDS mata o corpo, mas o vírus*

³ Um dos líderes da RCC de Viçosa.

do pecado a alma. (...) Temos tanto medo de traição, de morte, de desemprego, de doença; mas não temos medo do pecado.” Em seguida, falou-se sobre a poluição de Cubatão nos anos 80 e dos filhos anormais que nasceram: “*verdadeiros monstros*”. Segundo o pregador, “*É assim que o pecado faz com a gente, e nós não nascemos para sermos monstros, mas para ser a imagem e semelhança de Deus! (...) Nós podemos dar vitória ao pecado. (...) É preciso dar um basta!*” Em seguida, sugeriu que todos repetissem: “*Senhor, eu não quero mais pecar*”

Nesse momento, foi afirmado que se as pessoas soubessem o que é pecado, elas iriam preferir se atirar num mar de fogo. “*Mas Jesus quer os pecadores, Ele tem preferência pelos pecadores e Ele vem para nos alertar e não para nos condenar. (...) Para entendermos o mal do pecado, veja o que o pecado fez com Jesus na cruz. Mas com Jesus podemos vencer o pecado da injustiça, da masturbação, etc.*” Concluindo parcialmente os comentários, o palestrante disse: “*Senhor, que eu entenda o que é o pecado! Abra meus olhos!*”

Em seguida, foi lido “João, 4: 4”. Comentando o trecho bíblico, o palestrante falou que temos o Espírito Santo dentro de nós, por isso somos capazes de dar um basta no pecado. “*E nós que somos católicos temos os santos, Maria, o Espírito Santo, penitências, indulgências, eucaristia e, assim, só não se salva quem não quiser!*” Foi dito, com ênfase, de modo que os participantes pudessem compartilhar as idéias: “*Eu quero, porque sou católico (...) Muito obrigado por eu fazer parte da Igreja Católica!*”

Nessa ocasião, após leitura bíblica, o pregador fez as seguintes considerações: “*Não confie na misericórdia do Senhor para continuar nos erros, no pecado. (...) Porque a ira do Senhor virá logo e Deus é paciente e não quer perder nenhum de nós. (...) Mas devemos lembrar, a exemplo de Santo Agostinho, que aquele que deixar o pecado por medo de castigo e não por amor de Deus, sempre volta ao pecado*”.

Ainda sobre o pecado e falando do sofrimento de Jesus na cruz, foi feita a seguinte pergunta: “*Você já perdeu uma gota de sangue para não pecar?*” E todos repetiram as seguintes palavras proferidas pelo orador: “*Eu quero Te amar (...) eu quero deixar o pecado não por medo de castigo, mas por amor a Ti!*”.

Neste momento, Gilson contou uma história real e sugeriu que as pessoas não deveriam deixar para encontrar o Senhor quando Ele estiver na condição de juiz.

Prosseguindo, foi dito que *“Nós somos pecadores, temos o vírus do pecado, mas não precisamos pecar. O terço é muito bom para não pecar. (...) A bíblia é muito boa para o vírus não se manifestar. (...) Peça misericórdia, reze, confesse (essas são as vitaminas que precisamos para o vírus do pecado não se manifestar).”*

Feitos outros comentários, o palestrante iniciou uma oração que foi repetida ardentemente pelos demais participantes. Foram ditas as seguintes frases, entre outras: *“Eu vou ser louco por Jesus, eu quero amar Jesus e eu quero chorar pelos meus pecados. (...) Meu coração bate de amor por Jesus. (...) Eu quero pular, cantar (...) me consumir só por Ti.”* Na ocasião, pessoas da comissão organizadora interferiram nas falações e foram narradas várias visões de cura. Uma participante falou sobre visões de pessoas acorrentadas com cadeados e Jesus sendo a chave. Ainda foi falado que *“Se você está indiferente ao que está acontecendo, se proste na presença de Jesus (...) e peça piedade, misericórdia. (...) Porque é uma consequência de pecados! (...) Agora é o momento de libertação e cura!”*

Nesse momento, foi sugerido aos participantes que se ajoelhassem. Muitos permaneceram nessa posição por muito tempo, quase uma hora. É possível imaginar o desconforto de permanecer ajoelhado num cimento como o do chão do ginásio. Entretanto, algumas pessoas, além de ajoelhar, colocavam a cabeça no chão e assim permaneciam.

“QUEM IRÁ POR NÓS?” foi o tema da pregação do dia 07/03, apresentada pelo Pe. Joselito, ex-aluno da UFV. Dando início à discussão do tema, foi apresentado um teatro, ocasião em que foi dito: *“Vocês estão vendo os anjos, (...) vamos fazer silêncio para ouvir o barulho deles”*. Nesse momento, várias pessoas entraram no palco com tochas e falaram sobre seu valor simbólico delas, como, por exemplo: *“Eis a tocha de Deus Pai. (...) A minha tocha é a tocha da cura e da salvação.”* Logo em seguida, foi cantada, com visível entusiasmo e muitos gestos, a música “anjos”, de Pe. Marcelo Rossi.

Iniciando a pregação propriamente dita, falou-se da beleza do desenho afixado no palco (foto anexa) do Seara. O pregador explicou que se trata de um ícone. Segundo ele, na Igreja Ortodoxa havia adoração dos ícones como expressão de fé. Continuando, ele disse que se pensarmos em quem irá por nós, primeiramente devemos pensar, *“não em fazer coisas, mas em sermos de Deus, (...) para Ele habitar em nós, onde Ele deseja entrar. (...) Quem crê no filho entra na Trindade”*. E concluiu o pensamento com as palavras: *“Não é possível ir sem ter ido a Deus.”*

Aqui também aparece explícita a idéia de distanciamento dos conversos da RC em relação ao mundo concreto.

Em seguida, o pregador disse que *“é aceitando o plano de Jesus que podemos realizar o plano de Jesus. (...) Primeiro é preciso amadurecer o relacionamento com Deus, amando e respeitando, somos ungidos para participar do plano da trindade para o mundo. (...) É preciso ir a Deus! (...) Vamos pedir a Deus que nos atraia.”*

Em seguida, foi lido o texto “Isaías, 6”. Comentando a passagem bíblica, foi dito: *“Quantas vezes queremos ir em nome do Senhor sem reconhecer a santidade de Deus. Só Ele é Bom! (...) Deus quer pessoas generosas... eis me aqui! (...) Deus quer construir a comunidade de amor. Vamos pedir ao Pai que Ele venha sobre nós”*. E sugeriu que todos repetissem com ele o seguinte compromisso: *“Eu renovo o meu “sim”!* Em seguida, Pe. Joselito continuou narrando a seguinte imagem, intercalada com súplicas: *“Deus mostra uma grande fonte no meio da jardim, com muita água, mas tem muitos canos entupidos, mas Deus quer uma água forte. (...) Liberta-me Senhor , desentupa-me Senhor! (...) Vem, fonte de água viva!”*

Nesse instante, os participantes fizeram orações espontâneas e aconteceu a glossolalia, que foi fortemente incentivada nos seguintes termos: *“sem medo, sem vergonha, louvar a Ti, Senhor! (...) Que seja um canto de libertação! (...). Pode explodir na oração que é Jesus conosco!”* Outros organizadores fizeram intervenções com orações.

Finalizando o evento, um membro da comissão organizadora subiu ao palco e fez a leitura de três avaliações apresentadas pelos participantes sobre o Seara,

que são: *“No Seara a gente come amor, dorme amor, respira amor...”*; *“Esperava encontrar no Seara muitas coisas que não encontrei, mas com certeza estou saindo melhor que entrei”* e *“Se o Seara é assim, imagine o céu!”*

Depois desse momento, houve um pequeno intervalo e iniciou-se o “carnaval a Jesus”. Na verdade, trata-se de um momento de descontração, envolvendo músicas com gestos, palmas, danças, etc. Mas é um momento como os outros que acontecem no decorrer do encontro, ou seja, durante o evento, acontecem vários “carnavais a Jesus”.

Feita a etnografia do ritual do Seara, procurei destacar algumas características do evento, relacionadas com as discussões apresentadas anteriormente neste trabalho.

7.2. A comunidade de amor

Uma característica marcante dos eventos organizados pelos carismático é a confirmação contínua de que se trata de um evento católico. Assim, como parte da programação do Seara, foi realizada uma pregação tendo “Maria” como tema central e no palco foi colocada uma imagem de Nossa Senhora, que ali permaneceu durante todo o evento. No Ginásio, que foi a sede do Seara, havia um local preparado para a realização de confissões (essa possibilidade das pessoas se confessarem era lembrada e incentivada constantemente). Além dessas marcas, foi reservado na programação um horário específico para “adoração ao Santíssimo Sacramento”. Esse foi um dos momentos mais ritualizados e que contou com maior número de participantes, como é possível observar nas fotos em anexo. Cada detalhe mostrava-se cheio de significados, desde a roupa do padre, a maneira de pegar no Santíssimo, a emoção com que era vigiado e adorado com os olhares atentos ou pelo “êxtase” que os adeptos, de olhos fechados, pareciam experimentar. Além desses componentes, havia o bater constante de um sino e o queimar de incenso. Na ocasião, filas enormes atravessavam o Ginásio, com o objetivo de facilitar o acesso dos participantes ao Santíssimo.

Todas as características citadas acima são marcas da Igreja Católica. Desse modo, qualquer pessoa que entrasse no local ou tivesse acesso à programação, poderia constatar que o evento estava em sintonia com o catolicismo.

Além desses aspectos que, de certa maneira, já conferiam identidade aos participantes como adeptos, ou pelo menos simpatizantes, do catolicismo e da Renovação Carismática, especificamente; foi possível verificar também uma ratificação constante de que aquele grupo de pessoas que estava ali reunido era um grupo especial, ou seja, formava uma comunidade específica. Assim, todos os presentes eram conduzidos a assumir, tanto pessoal como publicamente⁴, a condição de elemento daquela comunidade de amor, que pode ser entendida como a Igreja Católica, como reafirmado muitas vezes durante as pregações e orações. Como exemplo, tem-se os seguintes trechos das palestras que enfocam a identidade católica:

“Jesus quer que demos (...) nossa vida pela Igreja Católica Apostólica Romana”.

“O Senhor chama para ser um cristão radical, violento na fé, que dá o sangue e o suor para o evangelho e para a Igreja Católica Apostólica Romana”.

“E nós que somos católicos, temos os santos, Maria, o Espírito Santo, penitências, indulgências, eucaristia... (...) Muito obrigada por eu fazer parte da Igreja Católica!”

“Eu me comprometo em amar a Igreja, em amar o sacerdote (...) eu me decido nesta tarde, eu vou ser fiel, eu conto com sua graça (...) que me restaurou.”

7.3. A condição do homem frente ao pecado e ao mundo

As pessoas presentes no Seara, envolvidas pela circunstâncias, repetiam as orações sugeridas pelos palestrantes e, pelo menos naquele momento, manifestavam experimentar ou reafirmavam o processo de conversão. Embora a totalidade, ou a quase totalidade dos que estavam presentes, assumisse um “compromisso com o Senhor”, essa condição parece ser circunstancial devido à

⁴ Esse “assumir publicamente” refere-se às frases e orações que eram repetidas em voz alta pelos participantes, conforme orientação dos pregadores e organizadores.

estrutura de plausibilidade cuidadosamente construída, que envolvia a unilateralidade de informações, os julgamentos feitos pelas lideranças e as atitudes que visavam criar uma sensibilidade nos participantes para que eles assumissem o compromisso.

Do modo como os assuntos foram abordados, é de se pensar que todos os homens nascem pecadores e que a morte de Jesus na cruz não foi suficiente para eliminar esses pecados. Para que os homens se libertem é preciso assumir um compromisso de mudança de vida. Torna-se interessante ressaltar que para o adepto passar por esse processo de mudança é necessário somente que ele “aceite Jesus”, como mencionado claramente por um orador e sugerido em várias outras ocasiões.

Num certo momento, comparou-se o pecado com a AIDS e com a poluição radioativa, a exemplo de Cubatão nos anos 80, que transformou fetos em “verdadeiros monstros”. Nesse enfoque de comparar o pecado com a AIDS, o homem é considerado como naturalmente infectado ou com uma forte propensão ao pecado, e, assim, certos procedimentos são recomendados para enfraquecer a tendência do homem para os pecados. É interessante observar que as recomendações objetivavam somente o crescimento espiritual do próprio indivíduo; atitudes concretas em relação ao mundo e aos relacionamentos não foram mencionados. Como exemplo tem-se as seguintes recomendações:

“Nós somos pecadores, temos o vírus do pecado, mas não precisamos pecar. O terço é muito bom para não pecar. (...) A bíblia é muito boa para o vírus não se manifestar. (...) Peça misericórdia, reze, confesse (essas são as vitaminas que precisamos para o vírus do pecado não se manifestar!”

“E nós que somos católicos temos os santos, Maria, o Espírito Santo, penitências, indulgências, eucaristia e assim só se não se salva quem quiser.”

Mas o pecado apresentava-se como algo inevitável e pelo qual todos deviam se arrepender profundamente. Em alguns momentos, as palavras das lideranças do evento pareciam mesmo sugerir que as pessoas deviam se castigar,

buscando reprimir a tendência à prática de pecados⁵. Essa idéia pode ser observada nas seguintes frases:

“Você já perdeu uma gota de sangue para não pecar?”

“Não confie na misericórdia do Senhor para continuar nos erros, no pecado...”

“Eu vou ser louco por Jesus, eu quero amar Jesus e eu quero chorar pelos meus pecados.”

“Se soubéssemos o que é o pecado, iríamos preferir nos atirar num mar de fogo. (...) Senhor, que eu entenda o que é pecado! Abra meus olhos!”

Em vários momentos, é possível também verificar um enfoque do mundo como naturalmente mau. Desse modo, os conversos podem justificar o distanciamento em relação a ele. A busca do “outro mundo” apresentava-se como a grande meta. Nesse sentido, tem-se as seguintes frases:

“Nós estamos na mira do mal... (...) Enquanto estamos dormindo a indústria do mal continua trabalhando. (...) Deus convida a uma volta prá Ele agora!”

“Você não é um cidadão do mundo, é um cidadão do céu! (...) O mundo nos oferece uma felicidade passageira e nós devemos nos preparar todos os dias para voltar ao criador!”

Torna-se interessante observar que mudar a “indústria do mal” não foi sugerido, mas, sim, fugir dela, voltando-se para Deus.

7.4. A reconstrução do mundo e a mudança de identidade

No processo de mudança de comportamento, de visão de mundo e da própria identidade decorrente da conversão, é possível perceber no converso um “ir e vir” que envolve um sentimento de dualidade, que vai da humildade ao orgulho, da fraqueza ao poder; nessa segunda condição é que se encontram os privilégios dos membros da Comunidade. Para motivar esse desejo de mudança para uma nova vida, o adepto é levado a uma situação de inquietação ao ser colocado na condição de pecador, de estar sujo, de fraqueza, de pertencimento ao

⁵ Nesse ponto específico, torna-se interessantes lembrar que um dos palestrantes rezava e pedia a Deus para lhe mostrar o que é pecado.

mundo que é maligno e passageiro. Assim, a possibilidade de “entrega pessoal a Deus” aparece como a resolução fácil e imediata.

Antes da conversão, situação do participante talvez antes do SEARA, o homem estava sujo, com o coração doente e sem liberdade. Depois, com a ação do Espírito Santo e de Jesus, ele se transforma em um homem poderoso, que defende sua fé, que é tocado por Deus. Com a conversão, ele passa a ter “amigos da Igreja”, ele pode abusar da graça de Jesus”, ele é libertado de todo escravismo, dos vícios; ele pode ter o céu a sua disposição, ser curado pelo Espírito Santo, ter amigos da Igreja, estar com Jesus e por Ele ser acolhido. Desse modo, defende-se que o homem volta ou resgata sua natureza divina, como cidadão do céu. Aqui, encontra-se um importante aspecto dos rituais: por meio deles é permitido ao indivíduo alterar sua identidade e ter uma nova visão de mundo, conferindo-lhe sentido. Nesse sentido, o ritual tem o poder de “forjar a liberdade”, como diz MATTA (1990).

7.5. Os rituais

Ao buscar compreender as etapas sucessivas percorridas pelo converso durante o processo de conversão, tem-se a explicação de MATTA (1977:11) sobre o ritual.

De acordo com o autor, as cerimônias

“São etapas de um ciclo que se deseja marcar e revelar, uma espécie de moldura especial”, onde não se privilegia somente o momento culminante do rito, pois ele “nada mais é do que uma fase de uma seqüência que sistematicamente comporta outros momentos e movimentos”.

Desse modo,

“A interpretação de uma fase é sempre parcial e, por vezes, enganadora, mas o estudo do momento anterior e do momento posterior é fundamental para o entendimento do ritual. (...) É vendo toda a combinação de fases que se pode não só ter uma visão globalizada de todo o ritual, como também saber qual o ponto onde ele é mais dramatizado. Este seria, teoricamente, o ponto crítico que forneceria os elementos chaves para o seu significado”.

A partir dessas explicações, é possível compreender a idéia de “mudança”, de “antes e depois”, presente nas orações e testemunhos de conversão, de que quanto maior for a mudança, maior será seu valor.

No Seara, o processo de conversão foi relatado, na maioria das vezes, envolvendo as fases pecado-conversão-regeneração. Desse modo, as pessoas que testemunhavam conversão, ressaltavam uma vida anterior marcada por pecados, havendo uma ruptura quase que completa depois da conversão e, muitas vezes, depois da adesão ao Movimento. A nova vida interior parece ser o objetivo dos conversos ao se inserirem na nova comunidade, como pode ser observado nas frases que se seguem:

“Jesus, liberta-me de todo escravismo! Eu quero viver uma comunhão de amor...”

“Eu recebo de ti (Jesus) a nova vida!”

“Eu sou curado agora! Em nome de Jesus!”

“Liberta-me (Jesus) dessas algemas. (...) Eu proclamo a Sua vitória sobre o meu agir (...), sobre todo meu ser. (...) Senhor Jesus, (...) eu sou inteiramente Tua. Hoje eu saio do território do maligno para o reino da salvação, porque eu pertenco a Ti.”

7.6. Os ritos e a dramatização

O processo de conversão vivido pelos entrevistados e testemunhado nos eventos da Renovação foram, sem exceção, marcados por uma carga de emoção. No entanto, essa emoção, em determinados momentos, passou a ser o critério de entrada do converso no grupo ao ser dito, por um pregador, que quem não sentia sensações físicas, após um momento de entrega a Jesus, deveria se retirar do local do evento e pedir misericórdia. Nas palavras do orador: *“Se você está indiferente ao que está acontecendo, se proste na presença de Jesus (...) e peça piedade, misericórdia. (...) Porque é uma consequência de pecados! (...) Agora é o momento de libertação e cura!”*

Esse fato pode ser explicado por MATTA ao falar sobre os rituais. Segundo o autor (1990: 27), “é por meio do rito que as estruturas de autoridade são atualizadas, permitindo situar, dramaticamente e lado a lado, quem sabe e quem

não sabe, quem tem e quem não tem, que está em contato com os poderes do alto e quem se situa longe deles.” Desse modo, os ritos formam, separam e dividem novas unidades e grupos.

Em relação à emoção sentida em momentos do processo de conversão, tem-se também a explicação do referido autor. Segundo ele, a emoção é uma característica natural do homem que pode se deslocar para uma posição especial e de destaque, passando de algo natural ao social. Com essa mudança, ela pode responder a questionamentos que inquietam o homem. Nas palavras do autor:

“A emoção é apenas um dado indiscernível no meio de um *continuum* de sentimentos que ocorrem numa linha indeterminada. Estes são fatos naturais: os animais se exaltam e se acalmam segundo circunstância casuais, de acordo com um feixe de estímulos e respostas. Mas no momento em que o *continuum* foi rompido por meio de um ato coletivo, na ocasião em que o grupo decidiu classificar as emoções reconhecendo apenas quatro ou quarenta nessa linha indefinida, foi possível individualizar tais fatos como coisas sociais e, assim, falar com eles, vê-los, reificá-los e domesticá-los.” (MATTA, 1990: 30)

Para MATTA, o rito é um instrumento de fazer tomar consciência do mundo, é um veículo básico na transformação do natural ao social. Mas ele esclarece que, para que haja a mudança do natural para o social, como parece acontecer no SEARA, é necessária a dramatização.

É por meio da dramatização que os acontecimentos e fatos passam a ser vistos como “tendo sentido”. “Tudo que é ‘elevado’ e colocado em foco pela dramatização é deslocado, e, assim, pode adquirir um significado surpreendente, capaz de alimentar a reflexão e criatividade.” (1990: 31) Essa explicação justifica o destaque, bem como os resultados emocionais provocados pelas dramatizações realizadas no SEARA. O interessante é observar que foram colocadas em realce comportamentos ou situações cotidianas. No entanto, a dramatização tem a capacidade de transformar, com especial potencialidade, a abordagem de fatos cotidianos ou informações já sabidas em algo sublime e comovente. Essa “transformação” pode ser percebida em vários momentos do evento, como ao falar sobre a lealdade de Paulo, sobre a infelicidade sendo curada pela paz, pela bondade, pela fé, e, sobretudo, pelo amor. Mas sem dúvida, um dos momentos mais emocionantes e que envolveu de maneira extraordinária o público aconteceu

ao se comparar o sacrifício e morte de Cristo com as rosas vermelhas sendo pisadas e rasgadas no chão.

Os questionamentos e atitudes, ao serem interpretados e “respondidos” têm o poder de inculcar uma “ordem”, conforme os valores e ideais que se desejam reforçar. O uso do cotidiano de dramatizações e rituais também é explicada por MATTA. Segundo ele, com o rito, a resolução do problema é viabilizada, variando de grupo a grupo, desde que apresente coerência e eficiência. Desse modo, o ritual é um forte instrumento de poder que garante uma ordem e sentido a questões que se apresentam incompreensível ou, pelo menos, questionáveis. Ademais, os ritos e atos teatrais têm o poder de tornar “a rotina diária senão suportável ou justa, pelo menos revestem-na com um certo toque de mistério, dignidade e elegância”. Quando realizados coletivamente, podem inverter, neutralizar ou reforçar uma realidade cotidiana. Desse modo, explicam-se as sensações de paz e alegria vividas pelos conversos após os rituais.

Tendo-se, ainda, como ponto de análise os julgamentos realizados pelo orador de definir quem pode e quem não pode fazer parte da Comunidade, é interessante observar que quando se define que determinado tipo de sentimento é o critério de pertencimento, acontece um processo que leva o palestrante do Seara a falar em nome de quem ele está falando, ou seja, ele se coloca numa posição de julgar em nome da divindade. Desse modo, ele se autoriza e é autorizado pelo grupo na medida em que não é contestado. Nessa situação, põe-se em jogo a imposição de uma definição ou uma interpretação. Outro exemplo que pode ser citado como classificação de determinada sensação, segundo critérios pessoais – colocando-a como verdade - foi retirado das palavras do palestrante:

“Vamos pedir ao Espírito Santo que nos deixe chapados e pedir também curas. (...) Eu sinto um calor saindo de minhas mãos. (...) Vocês estão sentindo o coração sair pela boca? Um calor no corpo? É assim que Jesus age. (...) Aqui a quarenta segundos o poder de Deus vai cair aqui”.

Aqui, é possível observar que o poder de coerção vai além da esfera humana, abrangendo até mesmo os céus. Além desse momento específico, tem-se

ainda outros momentos diluídos no decorrer do evento que revelaram essa coerção, como demonstram as seguintes frases retiradas das pregações:

“Deus não vai nos decepcionar”

“ Jesus vai colocar a mão em nós hoje”

“Eu sei que não estou aqui por acaso (...) foi o Senhor que me trouxe...”

Além de definir o critério de pertencimento à comunidade, o pregador fez uso de sua posição de liderança para propor que os participantes assumissem não só um desejo de mudança, mas assumissem que a mudança já estava acontecendo. Essas atitudes podem ser exemplificadas pelas seguintes frases ditas durante as pregações e orações, inclusive na abertura do evento:

“Obrigado Senhor, porque eu vim aqui para Te louvar. (...) Louve com o coração, com a alma. (...) Nós devemos nos encantar com aquilo que Jesus está fazendo em nosso coração. Jesus está transformando este lugar em um lugar de paz.”

“Quem quer assumir a salvação deve dizer: ‘Eu reconheço tudo que o Senhor renunciou por amor (...) eu reconheço Teu amor e respondo a este amor com a vida!’ (...) Lava-me com teu sangue”

“Eu me comprometo em amar a Igreja, em amar o sacerdote (...) eu me decido nesta tarde, eu vou ser fiel, eu quero ser fiel, eu conto com sua graça (...) que me restaurou.”

“Eu proclamo a Sua vitória sobre o meu agir (...), sobre todo meu ser. (...) Senhor Jesus, (...) eu sou inteiramente Tua.”

“Eu vou ser louco por Jesus, eu quero amar Jesus e eu quero chorar pelos meus pecados. (...) Meu coração bate de amor por Jesus. (...) Eu quero pular, cantar (...) me consumir só por Ti.”

“Este Seara será o Seara da minha vida! Agora é prá valer!”

“Eu quero ver meu coração curado neste Seara. Vem agir em mim Espírito Santo de Deus!”

“Jesus vai nos restaurar e vamos sair daqui renovados!”

7.7. O perfil do converso

O perfil do converso pode ser analisado a partir da postura que ele deve adotar enquanto membro da comunidade e enquanto “homem de Deus”; em relação ao mundo, aos fatos e à própria identidade. Observando-se a natureza desses comportamentos é possível perceber uma sugestão de renúncia do mundo, como mencionado no Capítulo V. Essa sugestão pode ser exemplificada com as frases abaixo:

“Senhor, possua minha alma, eu quero amar, eu quero me consumir...”

“Você não é um cidadão do mundo, é um cidadão do céu!”

“O mundo nos oferece uma felicidade passageira e nós devemos nos preparar todos os dias para voltar ao Criador. (...) Deus quer falar hoje: ‘Nós somos Dele!’ (...) Você não é escravo da droga, do dinheiro. (...) Para ser feliz você não precisa de nada disso. (...) Essa vida é passageira. Não podemos ser escravos das coisas passageiras”.

“A sua morada está no céu para você não se envolver com as coisas do mundo (...) Jesus nos diz para renunciar todas as coisas.”

“Devemos pensar, não em fazer coisas, mas em sermos de Deus, (...) para Ele habitar em nós, onde Ele deseja entrar.”

É interessante ressaltar como que o “amor ao próximo” não foi foco de atenção em nenhum momento das pregações que presenciei. Esse fato reforça a suposição apresentada no Cap. VI, de que o perfil do “profissional diferenciado” pode ser compreendido como uma alternativa para preencher a lacuna existente na prática da Renovação Carismática. O “profissional do reino”, comprometido com a moralidade, responde ao desejo de respeitar, ajudar e amar o próximo, embora numa esfera bastante limitada, reduzida ao espaço onde ele atua diretamente. Ademais, convém ressaltar que a prática do amor e a busca de justiça estão no nível da obediência evangélica: não é opção ou acréscimo, é mandamento.

CONCLUSÃO:

“Se alguns riscos foram superados, outros foram introduzidos, deixando intacta nos homens a situação de angústia existencial.”

Maria das Dores Machado

Nesta parte do trabalho, procuro apresentar as respostas para as questões levantadas anteriormente, em relação a religiosidade dos estudantes da UFV, membros do Projeto Universidades Renovadas (PUR), buscando compreender o papel que a religião desempenha neste contexto, bem como perceber, a partir dos dados obtidos, futuros desdobramentos quanto à contribuição da religiosidade para a prática cotidiana e profissional, já que a universidade é um local de profissionalização por excelência.

Em vários momentos, a abordagem privilegiou dar espaço para o entrevistado se manifestar, sem a preocupação de limitar rigidamente essa manifestação em torno das questões levantadas. Essa talvez tenha sido uma opção de trabalho com pontos discutíveis: se por um lado perdeu-se um pouco o “limite” da pesquisa e um leque de novas questões foi sendo construído. Por outro lado, o material coletado apresenta informações que poderão desencadear novos questionamentos também para o leitor e poderão subsidiar novas pesquisas.

Alguns pontos do trabalho merecem ser objeto de consideração particular, quer pela relevância dentro do quadro teórico de referência ou de hipóteses, quer pela importância que se revestiram na composição do trabalho como um todo.

No decorrer da pesquisa, muitas das hipóteses foram confirmadas; outras não. Mas gostaria de registrar como foi satisfatório realizar uma pesquisa que permitiu adentrar no mundo do outro e buscar compreender suas construções.

As primeiras reflexões partiram de uma hipótese apresentada no início do trabalho e já confirmada por outras pesquisas realizadas em contextos diferentes, que se refere à relação que se estabelece entre a tradição católica do grupo doméstico e a inserção do sujeito no Movimento da Renovação de modo geral. Essa relação também foi recorrente no contexto do PUR. Assim, a adesão à

Renovação Carismática vem confirmar seu sentido de “reconversão” ou “renovação da espiritualidade católica”, como apontado por Machado (1996).

Outros fatores, além da tradição católica familiar, vieram contribuir para a adesão ao Projeto (PUR). Esses motivos, na maioria das vezes, referem-se às dificuldades enfrentadas pelos estudantes recém chegados em Viçosa, como o sentimento de “estar deslocado” ou estados de depressão e ansiedade. Outros sentimentos percebidos no ambiente universitário como a disputa por notas e o individualismo, onde cada um preocupa-se consigo e tem um estilo de vida mais isolado, incomodavam vários entrevistados que, ao se inserirem no Projeto, encontraram formas de responder ou compensar essas marcas. Segundo as informações coletadas, a adesão ao movimento religioso veio equilibrar o individualismo e a competição. A justificativa para esse “encontro do equilíbrio” pode ser consequência da auto-valorização e a entrega total do converso aos planos de Senhor.

Por exercitar essa “entrega total aos desígnios de Deus”, o adepto tem sempre uma justificativa, um consolo; está convencido de que nada acontece sem que a divindade permita; desse modo, os possíveis insucessos na vida acadêmica, pessoal, profissional poderão ser relativizado e perder valor porque fazem parte dos planos de Deus.

Além dessas mudanças, ao se inserir no Projeto, o converso encontra um grupo de pessoas, com o qual ele pode desenvolver um leque de atividades não só religiosas, mas de lazer e de descontração. Desse modo, o grupo religioso abre aos alunos um espaço para sua realização emocional, bem como sua manifestação de forma integral – no espaço do Projeto o adepto tem oportunidade de se unir a pessoas com diferentes níveis sócio-econômicos e culturais e ali cantar, chorar, compartilhar momentos marcados por alegria. Estar num Grupo do PUR, extrapola, portanto, o limite circunscrito pela atuação específica das atitudes religiosas e torna-se um “porto seguro”, acessível a todos.

É interessante observar que somente dois entrevistados comentaram durante as entrevistas e conversas informais que têm namorado. Assim, é possível que a principal companhia dos demais estudantes sejam os membros do Grupo Religioso por ele freqüentado. Ademais, em relação aos membros do Grupo

Semente especificamente, com os quais tive um maior contato, foi surpreendente constatar que a grande maioria dos membros são alunos dos cursos de exatas, sobretudo matemática e ciências da computação. Acredito que as atividades acadêmicas inerentes a esses cursos propiciem maior isolamento no estudante e, exatamente no Semente, a união e a alegria foram consideradas por todos os participantes como um dos pontos fortes do grupo.

Além desse “suporte emocional” que a religião vem fornecer para o estudante, ela vem também contribuir para a construção de uma identidade profissional. Ela altera a formação profissional por conferir aos adeptos novos atributos que levam a uma visão mais humanista para as relações e a ética para a prestação de serviços. Atributos esses valorizados atualmente pelo mercado de trabalho, na medida em que hoje há uma procura maior por pessoas que têm algum envolvimento com atividades sociais ou trabalhos voluntários. Embora a Renovação não trabalhe direcionada para esta linha, ela poderá contribuir para que o adepto tenha uma maior sensibilidade para o desenvolvimento do sentimento da “bondade humana”, que pode ocasionar o envolvimento social além de um comprometimento com a moral, como enfocado no Capítulo VI. Esses atributos, apesar de não serem incluídos no currículo, são perceptíveis porque tornam-se parte do ethos carismático, como comentado pelos próprios entrevistados. Nesse ponto específico, torna-se oportuno esclarecer que o envolvimento social que pode ser motivado pela prática da Renovação Carismática é completamente diferente do envolvimento social das pastorais da Teologia da Libertação, por exemplo. Na Renovação, esse envolvimento pode acontecer em decorrência de “um amor sem rosto definido”, ou seja, na medida que Deus é Pai de todos, todos os homens devem ser respeitados. Essa ajuda ao próximo acontece em um plano mais pessoal, não envolvendo um comprometimento de buscar mudar a estrutura social ou lutar pelas injustiças.

Quando considero que a conversão ou a adesão pode modificar a vida do adepto conferindo-lhe novos atributos, é necessário ressaltar que eles próprios assumiram que as mudanças envolvem, sobretudo, o plano pessoal no sentido de se tornarem mais confiantes, alegres, tolerantes, generosos, dóceis e éticos. As

mudanças são vislumbradas no espaço onde o adepto atua diretamente, seja em sua vida profissional e familiar.

No mundo carismático busca-se mudar a pessoa, e não o mundo em si. Acredita-se que a mudança do todo acontece como consequência de uma mudança pessoal por meio de um processo de contaminação que vai sendo propagado formando redes. Além disso, o adepto é levado a assumir, em sua vida profissional, a tarefa de missionário, levando pessoas comuns a terem a “experiência pessoal com Deus.” Assim, torna-se importante ressaltar o limite da perspectiva de mudança do mundo e dos outros a cargo de cada converso – é o espaço onde ele atua diretamente.

Os dados obtidos em relação à adesão e às consequências da conversão, sugerem o seguinte perfil dos adeptos do PUR: são estudantes com uma base católica, quer pela tradição familiar, quer por um envolvimento pessoal com atividades religiosas. Além desse aspecto, muitos membros viviam uma situação anterior à adesão de insatisfação com o contexto da universidade ou em crises pessoais. Essas pessoas optaram por resolver essa situação sem ter que enfrentar uma ruptura com a história de vida e sem ter que “enfrentar o mundo”, no sentido de lutar pela transformação do contexto, o que os mantém afastados de grupos não religiosos ou reivindicatórios dentro da Universidade. Eles encontraram na “transcendência” a solução ou a anulação dos problemas. O grupo, enquanto coletividade, em alguns casos, já responde aos motivos de insatisfação como o “estar deslocado”; por outro lado, fornece os instrumentos para a transcendência e torná-los legítimos. Acrescente-se, ainda, o fato de qualificá-los para o mercado de trabalho.

Há ainda outro ponto importante em relação à mudança de vida, sobretudo no campo profissional. O “profissional do reino” como definido pelo Projeto, tem como marca o comprometimento com a ética e a moralidade. No entanto, esses atributos podem ser da “natureza” da pessoa ou podem ser motivados por outros fins que não os religiosos. Desse modo, profissionais sem vínculos com o Projeto ou com religião de modo geral, podem ter também o perfil dos “profissionais do reino”, comprometidos com a moralidade e com prestação de serviços com

qualidade e respeito ao cliente. Mas, por outro lado, não se pode negar à religião o poder que ela tem de motivar em seus adeptos esse comportamento.

Durante a inserção no campo e buscando investigar como acontece o processo de conversão, a questão de “sentir a fé” adquiriu atenção especial porque, embora esse sentimento marque a trajetória de conversão de todos os entrevistados, de maneira mais ou menos intensa, ele é negado. Já em outros espaços, como o SEARA, se admite e se estabelece claramente a ligação entre sentimento e fé. Mas mesmo os adeptos que defenderam que fé independe de sentimento, durante o decorrer das entrevistas manifestaram argumentos conflitantes. Este foi um dos pontos em que os adeptos entraram em contradição quando apresentaram suas argumentações, talvez por tentarem manter a fé no campo racional.

No processo de mudança de atitudes, religiosamente orientado, segundo os entrevistados, o ritual aparece como peça fundamental, porque ao estar ritualmente incluído num grupo o sujeito está “marcado” pela divindade e já não é mais ele quem escolhe estar no grupo, mas acredita-se também que ele foi escolhido para estar ali. Para exemplificar e clarear o sentido que uso para a expressão de que ele “foi escolhido” para o grupo, utilizo o carisma. Quem desenvolve um carisma passa a assumir uma tarefa frente à comunidade, já não responde somente por si, mas também pela comunidade para a qual ele deve utilizar os dons que lhe foram concedidos. Outro exemplo pode ser pensado em relação à definição dos conversos para fazerem parte de algum núcleo ou equipe do Projeto, onde os demais membros do núcleo entram em um processo de oração e, então, buscam perceber algum sinal divino como confirmação de que aquela pessoa deve realmente ser incluída no núcleo. Aqui também, o adepto pode perceber como tendo sido escolhido e o compromisso com o grupo se torna mais importante por ter sido instituído. Além disso, os rituais vividos na Renovação, onde o adepto estabelece uma relação com a Divindade, vem garantir que o grupo não perca seu aspecto religioso, embora ele desenvolva atividades que ultrapassem a esfera religiosa.

A maioria dos adeptos do Projeto parece colocar o ‘estar pleno de Deus’ como a condição para ser feliz, para “exercitar o bem” e para estabelecer e manter uma ética cotidiana e profissional.

Uma das práticas vividas na RCC é a “intimidade com Deus”, que em certos momentos parece corresponder a momentos de êxtase, mas não como um fim em si mesmo, como sustentado por lideranças e membros do Movimento. Caso fosse esse o sentido, não falaria em mudança de paradigmas nem de construção de um “profissional diferenciado”.

Finalmente, pode-se concluir que, embora com o processo de secularização e modernização da sociedade, que poderiam ser intensificados no ambiente universitário, a religião aparece como respostas a várias questões. Nesse processo, alguns questionamentos são respondidos; no entanto, outros surgem e a religião garante seu espaço. A religião se adapta à realidade e passa a diversificar seus produtos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALDAY, S.C. *A renovação no Espírito Santo*. Trad. De Yolanda Marinho. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1986. 174 p.

SUENES, C. S. J. et alii. *Orientações Teológicas e pastorais sobre a renovação carismática católica*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 1988. 78 p.

ALVES, V. P. *Acolher é evangelizar*. Aparecida, SP: Santuário, 1995. p. 150-68.

BECKER, H.S. Observação social e estudo do caso. In: *Método de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BENDIX, H. Aspectos da racionalidade econômica no Ocidente – The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism. In: Max Weber: *um perfil intelectual*, 1986. p. 67-225.

BERGER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo, SP: Paulus, 1985. 194 p.

_____. *Um rumor de anjos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973. 127 p.

BOFF, L. *Um projeto do Vaticano para América Latina?* s.n.t. 737-756. Reimpressão.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, SP: Perspectiva, 1992 p. 79-98.

_____. Espaço Social e Poder Simbólico. In: *Coisas ditas*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990. p. 149-68.

_____. Identidade e a representação – elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: *O poder simbólico*. Memória e Sociedade, DIFEL, 1989. p. 107-32.

_____. A propos de la famille comme catégorie réalisée. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, n. 100, p. 32-36, 1993.

BRANDÃO, C. R. Ser Católico; dimensões brasileiras – um estudo sobre a atribuição através da religião. In: *Brasil e EUA: Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1988. p.27-58.

CHAGAS, C. *Grupos de oração carismáticos*. 7. ed. Rio de Janeiro, Ed. Louva-a-Deus, 1992.

DOCUMENTO DO ENCONTRO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO EM LA CEJA. (Colômbia) em Setembro de 1987, sobre a renovação espiritual carismática católica. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1988. 47 p.

DUMONT, L. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rocco. Rio de Janeiro: 1985. p. 11-71.

FALVO, S. *A hora do espírito santo: a aurora de uma Renovação Carismática na Igreja Católica*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 1976. 279 p.

FREUND, J. A sociologia religiosa. In: *Sociologia de Max Weber*. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense-Universitária, 1987. p. 130-58.

FRIGERIO, A. *Desregulación del mercado religioso y expansión de nuevas religiones: una interpretación desde la oferta*. In: ENCONTRO ANUAL A ANPOCS, Caxambu, MG: 1998. s.n.t.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 101-59.

IOKOI, Z. G. *Teologia da Libertação e movimentos sociais no campo; Brasil e Peru, 1964-1986*. São Paulo: Hucitec, FASESP, 1996.

JUANES, B. *O que é renovação carismática católica – Fundamentos*. Trad. J. A. Ceschin. São Paulo, SP: Loyola, 1994.

LABURTHER-TOLRA, P. & WARNER, J. P. O fenômeno religioso. In: *Etnografia-Antropologia*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997. p. 196-245.

LANG, A. B. S. G. *A palavra do outro; uso e ética*. XX Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu/MG, 1996.

LÉVIS-STRAUSS, C. A família. In: SHAPIRO, HARRY (org.). *Homem, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972. p. 309-333.

LOPES, A. N. A. *Hermenêutica da Teologia da Libertação: Uma análise de Jesus Cristo Libertador, de Leonardo Boff*. *Folha de São Paulo* em 12/05/96.

MATTA, R. da. Apresentação. In: GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem; um estudo sistemático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977. p. 11 a 21.

_____. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1990. p. 13 a 36.

MACHADO, M. D. C. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: ANPOCS, 1996. 221 p.

MATEOS, S. B. *Apesar do Santo Papa*. ATENÇÃO! v. 2, n. 9, 1996. p. 18-24.

MANSFIEL, P. G. *Como um novo pentecostes: relato histórico e testemunhal do dramático início da Renovação Carismática*. Trad. Sérgio Luiz Rocha Vellozo. 2. ed. Rio de Janeiro: Louva-a-Deus, 1993. 224 p.

MAUÉS, R. H. *O leigo católico no movimento carismático em Belém do Pará*. XXII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. 22. Caxambu, MG: 1998. s.n.t.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Coleção Temas Sociais. 12. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

NETO, O. C. S. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Coleção Temas Sociais. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, P. A RC no contexto institucional da igreja católica. s.n.t. p. 60-70 Reimpressão.

PEDRINI, A. J. *Grupos de oração: como fazer a graça acontecer*. São Paulo: Loyola, 1992. 124 p.

PRANDI, R. *As bases sociais do catolicismo carismático*. s.n.t. p. 159-65. Reimpressão

_____. et alii. *A doutrina carismática*. s.n.t. p. 41-57. Reimpressão.

QUEIRÓZ, M. I. P. Identidade nacional, religião, expressões culturais: a criação religiosa no Brasil. In: *Brasil e EUA: Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1988. p. 59-81.

RINALDI, D. Freud e a moralidade. In: *A ética da diferença; um debate entre psicanálise e antropologia*. Rio de Janeiro: EduERJ: Jorge Zahar, 1996. Cap. 2. p.43-95.

_____. Lacan e a ética. In: A ética da diferença; um debate entre psicanálise e antropologia. Rio de Janeiro: EduERJ: Jorge Zahar, 1996. Cap. 3.

ROLIM, F. C. Max Weber: da tese à crítica da religião. In: RELIGIÃO E SOCIEDADE. v. 13, n. 2. Rio de Janeiro: ISER/CER, Vozes, 1986. p. 58-83.

SARTÓRI, L. M. A. Carismáticos e a igreja católica. In: REVISTA USP, São Paulo, n. 1, p. 133-41, 1989.

SCHIMIDT, J. P. *O que pensam os jovens hoje*; imaginário social dos estudantes do Vale do Rio Pardo e Taquari. 1. ed., Santa Cruz do Sul: 1996.

SOUZA, L. A. G. Secularização em declínio e potencialidade transformadora do sagrado. In: RELIGIÃO E SOCIEDADE, Rio de Janeiro, v. 13, n. 12, p. 2-16, 1986.

TURNER, V. Liminaridade e “communitas”. In: *O processo ritual*: estrutura e antiestrutura. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974. p. 116-59.

UNIVERSIDADES Renovadas: Um sonho de amor para o nosso país. s.l., PUR/Secretaria Lucas da RRC. Ave-Maria, 1999. p. 5-31.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*: notas para uma antropologia da Sociedade Contemporânea. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1987. p. 13-78.

WEBER, M. *Economia e Sociedade*: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen E. Barbosa. Brasília, DF: Editora UNB, 1991. v. 1. p. 158-385.

_____. *Economia y sociedad*: esbozo de sociología comprensiva. 3. ed. v. 1, Fondo de cultura econômica: México, 1977. p. 326-368, 417-475.

_____. Parte III: Religião. In: *Ensaio de Sociologia*. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1982. p. 307-409.

2000 nomes de meninas e meninos: significado de nomes simples e compostos, grafia correta de nomes em português e em outras línguas. Brinde da Revista Crescer. Editora Globo, 1995. 154 p.

PERFIL DOS ENTREVISTADOS DO GRUPO SEMENTE:

Identificação	Idade	Curso	Cidade de origem	Tradição familiar (CP – CNP)*	UFV/PUR **	Se participou da Experiência de Oração	Membro de algum Núcleo do Projeto	Quantas vezes/semana participa de alguma reunião do Projeto	Participação além do Grupo Semente:
C-GS-SF	24	Economia	Januária, MG	CNP	95/96	Sim	Sim - Semente	4	Sim (GO e SSVp)
O-GS-SM	25	Agronomia	Nova Redenção, BA	CP	97/97	Sim	Não	3	Sim (GO)
J-GS-SM	23	Eng. Agrícola	Divinópolis, MG	CP	97/99	Sim	Sim	3 – 4	---
I-GS-SF	20	Eng. de Alimentos	Barbacena, MG	CP	99/99	Não	Não	2 – 3	Não
T-GS-SF	21	Direito	Datas, MG	CP	98/99	Sim	Sim	2	---
F-GS-SM	24	Zootecnia	Frutal, MG	CNP	96/99	Sim	Não	1	Não
José Maria	20	Eng. Civil	Coimbra, MG	CP	98/99	Não	Não	1	Sim (GJ)
S-GS-SF	19	Matemática	Dores do Turvo, MG	---	99/99	Sim	Sim	3	Sim (GO)
W-GS-SF	20	Nutrição	Juiz de Fora, MG	CP	00/00	Sim	Não	2	---
WE-GS-SM	23	Ciência da Computação	Manhuaçu, MG	CP	99/99	Sim	Sim	3	Sim (GO)

* Tradição Familiar: CP – Católicos Praticantes e CNP – Católicos não praticantes

** Ufv/PUR: Ano em que o entrevistado iniciou o Curso na Ufv e o ano em que começou a participar do Projeto.

--- Não foi perguntado

*** GJ (Grupo de Jovens) SSVp (Sociedade São Vicente de Paulo) GO (Grupo de Oração)

PERFIL DAS LIDERANÇAS DO PROJETO:

Identificação	Idade	Curso	Cidade de origem	Tradição familiar (CP – CNP)*	UFV/PUR **	Se participou da Experiência de Oração	Faz parte de qual Núcleo do PUR
RA-L-SM	21	Eng. de Alimentos	Ouro Preto, MG	CNP	97/97	Sim	Coordenador Geral Núcleo do GO Conselho do PUR Conselho da RCC
A-L-SF	22	Economia Doméstica	Guaraciaba, MG	CNP	97/97	Sim	Equipe Rafael
D-L-SF	21	Direito	Alagoinhas, BA	***	96/97	Sim	Equipe Moisés
MT-L-SF	24	Química	Vila Velha, ES	CP	96/98	Sim	Núcleo do GO
RO-L-SM	28	Economia Rural	Belo Horizonte, MG	CNP	90/98	Sim	Núcleo Perseverança PPG
Capelão	---	---	---	---	---	---	---

EX-ESTUDANTES QUE PARTICIPARAM DO PUR:

Identificação	Idade	Curso	Cidade de origem	Tradição familiar (CP – CNP)*	UFV/PUR **	Se participou da Experiência de Oração	Fez parte de qual Núcleo do PUR
MA-L-SF	32	Economia Doméstica	Paiva, MG	CP	90/90	Sim	Intercessão Núcleo do GO
G-GS/L-SM	23	Física	Curvelo, MG	CP	95/95	Sim	Núcleo do Semente Coordenador do PUR

* Tradição Familiar: CP – Católicos Praticantes e CNP – Católicos não praticantes

** Ufv/PUR: Ano em que o entrevistado iniciou o Curso na Ufv e o ano em que começou a participar do Projeto.

*** Não foi perguntado para D-L-SF sobre a tradição familiar, mas a trajetória individual envolve: católica, protestante, candomblé e novamente católica (RCC)



SEARA – Momento de Oração e do Batismo no Espírito Santo



Palco do SEARA (2000). Ao fundo, o Coral do SEARA, formado por estudantes da UFV e membros da RCC de Viçosa.



SEARA – Momento de Adoração ao Santíssimo



SEARA – Momento de “Carnaval de Jesus”



Fachada da Capela da UFV



Fachada da Capela Da UFV – Durante a realização do Grupo de Oração (Segunda-Feira)



Palco do SEARA (2000)